

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP**

Telma Teixeira de Oliveira Almeida

**PRÁTICAS CORPORAIS EDUCATIVAS: movimento interno e
externo do ser interdisciplinar**

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

**SÃO PAULO
2013**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP**

Telma Teixeira de Oliveira Almeida

**PRÁTICAS CORPORAIS EDUCATIVAS: movimento interno e
externo do ser interdisciplinar**

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

Tese apresentada à Banca examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ivani Catarina Arantes Fazenda.

SÃO PAULO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

ALMEIDA, Telma Teixeira de Oliveira

PRÁTICAS CORPORAIS EDUCATIVAS: movimento interno e externo do ser interdisciplinar. Tese de Doutorado, Telma Teixeira de Oliveira Almeida, 2013.

121 folhas.

Doutorado em Educação/Currículo. PUCSP, 2013

ORIENTADORA: Profa. Dra Ivani Catarina Arantes Fazenda

1. Interdisciplinaridade. 2. Movimento. 3. Práticas Educativas.

Telma Teixeira de Oliveira Almeida

**PRÁTICAS CORPORAIS EDUCATIVAS: movimento interno e externo do ser
interdisciplinar**

Tese apresentada à Banca examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ivani Catarina Arantes Fazenda.

Aprovada em: ____ de _____ de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ivani Catarina Arantes Fazenda (Presidente da Banca)

‘A INSPIRAÇÃO’¹



Fig. 01. Imagem da Deusa KUAN YIN²

DEUSA DA COMPAIXÃO E DO AMOR

Esta imagem, fonte de inspiração, no sentido de iluminação e sabedoria divina, representa todas as oportunidades de encontros evocadas pela visita ao seu Templo no Japão e na Turquia. Inspiração é um termo procedente do latim *inspirare*, que significa soprar, comunicar, e é utilizado tanto no campo da teologia como no das artes para designar o tipo de motivação que leva um indivíduo a produzir uma obra de arte.

¹ O termo “inspiração” compreende também o campo das artes, sendo concebido como um estado de exaltação emotiva que atinge o escritor e que o faz sentir como iluminado interiormente para encontrar a chave e os recursos expressivos da sua criação literária. Nesse ponto, surgem duas teorias: a primeira defende que a inspiração vem de fora do escritor; a segunda defende o contrário, isto é, que vem de dentro. No primeiro caso, a inspiração é, sobretudo, de origem divina; corresponde à ação de uma Musa (do latim *in-spirare*, soprar para dentro) que era frequentemente invocada, por exemplo por Homero, na sua *Odisseia*, para soprar ao poeta as palavras do segredo. Esse *divinitus inspiratus*, como lhe chamavam os latinos (ou *divine afflatus*), é também referido por Platão, para além de Aristóteles, no *Ion*, onde o poeta é possuído pelo *daimon* ou *entheos*, de onde lhe vem o furor divino que se propaga, como por um ímã, ao rapsodo e aos que o escutam. Esse será também o conceito, herdado dos clássicos, aceite durante o período renascentista e predominará até finais do séc. XVIII, quando se dará mais importância à segunda teoria: atribui-se a inspiração ao trabalho individual de génio. É também a partir desse momento que se verifica uma laicização progressiva do conceito de inspiração e será a *poiesis* artística o exemplo privilegiado da criação. Agora a principal fonte da actividade criativa, como explicam a psicologia e teorias de psicanálise, é o inconsciente ou o subconsciente, e a inspiração representa a forma nobre da alienação. Aidan Day: *Romanticism* (1996). Disponível em <http://www.edtl.com.pt/index>. Acesso em 2 de setembro de 2013.

² Fonte: Disponível no Site: <<http://www.anjodeluz.com.br/KuanYin.htm>>. Acesso em 18 de junho de 2013.

Na mitologia chinesa, Kuan Yin³ é conhecida como a Deusa da Compaixão e da Misericórdia. Ela existiu como pessoa, igual a todos nós, e somente depois de sua morte foi transformada em deusa. Também conhecida como Quan'Am (no Vietnã), Kannon (no Japão), e Kanin (em Bali), é considerada o símbolo máximo da pureza espiritual.

Enquanto essa deusa viveu, percorreu o mundo, jurou proteger e amparar todos os humanos até que o último sofrimento acabasse. A mestra Kuan Yin tornou-se a incorporação da compaixão, e seu nome significa "aquela que ouve os lamentos do mundo"; é *bodhisatva* da compaixão no budismo chinês. Kuan Yin aparece nas nossas vidas para dizer que está na hora de alimentarmos nossos corações com a compaixão. Compaixão pelos outros e também por nós mesmos. Compreende-se por compaixão a capacidade de ouvir, de dar aos outros e a si um espaço para experimentar tudo que deve ser experimentado e sentido. Não fuja de nossos sentimentos; a jornada da vida nos presenteia com inúmeras vivências, que devem ser degustadas, fazendo-nos desenvolver a compaixão por nós mesmos, assim como pelos outros. De tal modo, essa maneira fácil e confortável de pensar levará o mundo, lenta, mas inevitavelmente, a tornar-se um lugar melhor.

³ **Nota do autor:** A Divina Mãe, a Mãe do Universo, enfim Virgem Maria. Pelos quatro cantos do mundo, na ótica cristã, a Mãe Universal sempre esteve e estará presente em Fátima, em Catarina ou em Lourdes... A Mãe Divina também está no budismo em Kuan Shih Yin (o *Bodhisattva*, ser humano que, tendo alcançado a perfeição, foi dispensado do retorno à roda da vida - Samsara). Nesse caso, a deusa Kuan Yin, a Mãe Universal da Compaixão e do Amor, é adorada e celebrada por pescadores, camponeses e sábios taoístas em todo o Extremo Oriente. E no tantra tibetano, na figura de Tara, Poder Salvador da Compaixão, vinda de seu principal progenitor Avalokiteshvara ou Avalokita, novamente a Mãe Divina se expressa como personificação simbólica da divina compaixão - aquela-que-dá-ouvidos-aos-prantos do mundo. É ainda um fascinante veículo iogue pelo qual é possível atingir a iluminação, percebendo a natureza derradeira da realidade. (BLOFELD, 1994, p. 193-200).

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão a Deus por todos os milagres recebidos, sobretudo pela vida, pelas dádivas que permearam meus caminhos até o momento e pelas pessoas que encontrei nesta jornada. Sinto-me feliz por isso.

Meus sinceros agradecimentos à minha orientadora, Dr^a. Ivani Catarina Arantes Fazenda, por sua grandeza de alma e pela confiança em mim depositada, por meio de que me mostrou, por diversas vezes, como reconhecer meus talentos e minhas dificuldades. Aprendi muito com sua humildade, seu acolhimento e sua escuta sensível, despertando-me sempre para o processo interdisciplinar. Meu eterno apreço e carinho por vários momentos compartilhados e pela oportunidade de me descobrir interdisciplinar partindo de seus encontros com o grupo de pesquisa.

Àqueles que compuseram minha banca – mais que educadores, meus parceiros e verdadeiros mestres de longa jornada – minha gratidão pelo muito que contribuíram e por mostrarem a mim o melhor caminho a seguir:

- Ao Prof. Dr. Ruy César do Espírito Santo, pelo seu grande desejo de que encontremos, no autoconhecimento, as possibilidades de um despertar para a beleza, alegria e amor. Não tenho nem palavras para agradecer-lhe pela abertura de canais comigo mesma e com os outros.
- À Prof^a. Dr^a. Ana Maria Ramos Sanchez Varela, pela amizade sincera, por sua dedicação ao ensino e por mostrar-me, muitas vezes, a abertura da escuta sensível, do valor das metáforas e de construir oportunidades pelo viés interdisciplinar.
- Ao Prof. Dr. Arnoldo Hoyos, por sua grandiosa força espiritual e por mostrar-me caminhos de valorização do ser humano em sua completude. A maneira como conduz seu rebanho e sua preocupação com um futuro sustentável para a humanidade são valiosas lições.

- À Prof^a. Dr^a. Irma Ivone Yared, por trabalhar, com o ser humano, o caminho da paz, por seus grandiosos ensinamentos na construção da tese, por suas indicações de leitura e por acreditar no trabalho focado na questão corporal para a educação básica. Sou sua admiradora.
- À Prof^a. Dr^a. Sônia Albano, educadora, pela grandeza de alma, por sua simplicidade, alegria e humanismo revelados por meio da expressão musical.
- Ao Prof^o Grazy Andraus, pela dedicação, comprometimento e o despertar pela arte, por sua grandeza de alma. Agradeço seu carinho.

Aos meus queridos Cláudio Márcio Almeida, meu marido, e Gabriel Oliveira Almeida, meu filho, que, por dias e dias desses quatro anos, doaram sua compreensão e seu tempo em respeito ao meu tempo de dedicação aos estudos, minha eterna gratidão. Espero algum dia compensá-los por minhas ausências físicas. Amo vocês.

Aos meus pais queridos, José Honorato de Oliveira e Maria Beatriz Teixeira de Oliveira, que sempre me sustentaram na fé, acreditando, comigo, na realização deste sonho, minha eterna gratidão e meu eterno amor. Um sonho que se iniciou na infância e que agora se realiza...

Aos meus irmãos, Márcia Teixeira de Oliveira e Marcelo Teixeira de Oliveira, e a todos meus sobrinhos, Carlos Henrique, Isa Beatriz, Ana Luiza, Fernando, Leonardo e Victória, que sempre me apoiaram e incentivaram, comemorando os grandes momentos, compartilhando sonhos e acreditando nesta realização, meu imenso amor e meu muito obrigada por vocês existirem na minha vida.

Aos meus sogros, Antonio Carlos de Almeida e Ilda Gonzaga de Almeida, e a todos os componentes dessa família, por sempre doarem um pouco de seu tempo em prol de minhas necessidades, sobretudo quando das idas aos congressos. A vocês, minha eterna gratidão por tudo.

Aos meus amigos queridos que estiveram do meu lado nesta jornada, apoiando, aconselhando, trocando conhecimento, discutindo propostas: Sirlândia Reis, uma verdadeira irmã, pela parceria em tudo, pela amizade de sempre; Amir Piedade, irmão do coração, pela amizade, pela dedicação à educação, pelo apoio de sempre; Fábio Santos, amigo querido e irmão do coração, pela dedicação e parceria sempre e pelo carinho; Tâmara Guidolim, pelo apoio, dedicação e fidelidade sempre; Jaime Paulino, amigo, parceiro, pelo apoio nas escritas e nas práticas compartilhadas; Leopércio Guimarães, por todas as discussões filosóficas, pelas trocas de conhecimento, pela parceria e amizade e pela família que adoro; Carlos Mantovanni, grande amigo, pelo constante estender das suas mãos e pela escuta; Fernando Rocha, por nossas parcerias, pela confiança e amizade e pela família maravilhosa; a todos os parceiros da FIG/UNIMESP e a tantos outros, pelo compartilhar de momentos especiais.

Aos amigos e parceiros dos grupos de pesquisa a que pertenço – o GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade) e o INTERESPE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade e Espiritualidade em Educação), ambos da PUC/SP –, que nunca negaram suas contribuições, meu muito obrigada. Em especial, minha gratidão à Ana Lúcia Gomes da Silva, amiga, parceira de todas as horas; à Christine Sirgiannis, pela sua amizade e parceria; ao Claudio Piccolo, pela sua alegria, espontaneidade e dedicação; à Ana Tomazzoni, por sua dedicação a todos, pela sua alma de ouro; à Dirce Encarnacion, pela sua luz e disponibilidade em contribuir com todos; ao Jerley, pela confiança no meu trabalho, pelo espaço doado; à Ana Lourdes Lucena, pela amizade, apreço e amorosidade que carrega em seu coração; à Hermínia Godoy, pela dedicação a todos do grupo; à Simone Andrade, que carinhosamente contribui com sua boa energia e calma em ver a vida; à Odila e à Marilda, que compartilharam várias emoções e carinhosamente sempre estiveram ao meu lado; a todos os outros amigos do Doutorado, em especial a diversidade cultural de Fernando Tsucano, Ana Maria Anhampule e Sueli Borges, e aos amigos queridos do NEF/PUC/SP.

Aos alunos queridos, participantes desta pesquisa, que doaram sua compreensão, participando ativamente de todos nossos encontros, nosso vínculo

será eterno. Em todos os lugares em que nos encontrarmos, lembraremos os bons momentos, os aprendizados, a doação de cada um, a expressão mútua de afetividade.

A todos os encontros e desencontros que construíram e fizeram parte desses momentos tão especiais e desse aprendizado que não se pode medir. Fechamos um ciclo e iniciamos outros. É assim que vejo esta etapa da minha vida. Meu muito obrigada aos processos contínuos de vida.

RESUMO

ALMEIDA, Telma Teixeira de Oliveira Almeida. **PRÁTICAS CORPORAIS EDUCATIVAS: movimento interno e externo do ser interdisciplinar**. Tese de Doutorado. Programa de Educação/Currículo. São Paulo: PUC/SP, 2013.

Este estudo inicia-se a partir da criação de uma disciplina intitulada “Interdisciplinaridade, Autoconhecimento e Práticas educativas” como proposta para agregar aos movimentos de práticas corporais as experiências de sala de aula, possibilitando a construção do ser interdisciplinar. A pesquisa teve lugar no currículo do Curso de Pedagogia em um Centro Universitário da Grande São Paulo e o campo metodológico envolve coletas de registros de depoimentos descritos na bibliografia sobre pesquisa do cotidiano e pesquisa do tipo intervenção. Tais registros representam o universo dos alunos que vivenciaram as práticas educativas propostas. Durante o processo no qual fui construindo meu percurso interdisciplinar, vivenciei encontros presenciais valiosos, leituras de livros, artigos, experiências imagéticas, debates e registros minuciosos sobre os encontros e as pesquisas desenvolvidas, em especial no movimento do Grupo de Pesquisa sobre Interdisciplinaridade – GEPI/PUC/SP. No arcabouço teórico da pesquisa, encontrei referenciais em autores como Fazenda, Merleau-Ponty, Pineau, Espírito Santo, Nonaka e Takeuchi, Capra, entre outros considerados importantes para o estudo. Pude constatar que o processo de criação do conhecimento como alimento à inovação promove o sentido e reforça a percepção de cada pesquisado. Quando o sujeito vivencia situações, faz suas próprias reflexões, internas ou externas ao grupo onde está inserido, discute, registra, narra suas histórias e cria novos entendimentos e novas formas de percepções, torna-se elemento fundamental para novas atividades dentro ou fora do ambiente escolar. Vivenciar essas etapas e processos, habitados pela interdisciplinaridade e totalidade do ser humano, como possibilidades inovadoras no desencadear da criatividade, será, sem dúvida, uma contribuição para os educadores da área de formação de professores. Processos interdisciplinares e autoconhecimento podem, efetivamente, embasar práticas mais elaboradas que envolvam os conceitos de corpo e de movimento, contribuindo para o processo de (trans)formação de educadores. Educadores mais conscientes de que o fazer só é possível se estiver centrado no ser em movimento.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Movimento. Práticas Educativas.

ABSTRACT

ALMEIDA, Telma Teixeira de Oliveira Almeida. **PRACTICE PHYSICAL EDUCATION: internal and external movement of being interdisciplinary.** Doctoral Thesis. Education Program / Curriculum. Sao Paulo: PUC / SP, 2013

This study was started with the introduction of a subject called 'Interdisciplinarity, Self knowledge and Educational Practices' as a proposal to add classroom experiences to movements of corporal practices, enabling the construction of the interdisciplinary being. The research took place in the curriculum of the Pedagogy Course in a University in São Paulo City, Brazil. The methodologic field involves collection of written material on the bibliography on everyday research and intervention research. The written documents show the universe of the students who experienced the proposed educational practices. During the research in which the researcher gradually built her own interdisciplinary journey, there were different experiences: invaluable personal meetings, book and article readings, imagnetic experiences, debates and detailed registers on the encounters and research developed, including the ones in the Group of Studies and Research on Interdisciplinarity - GEPI, at PUCSP. The theoretical references were based in authors like Fazenda, Merleau – Ponty, Pineau, Espírito Santo, Nonaka and Takeuchi, Capra, among others considered important for the study. It was detected that the process of knowledge creation feeding innovation can promote meaning and strengthen the perceptions of each one involved in the research. When the subject experiences a variety of situations, makes reflections on them, either internally or externally to the group joined, discussing, narrating the own stories, creating new understanding and perceptions, he / she becomes essential to new activities inside our outside the school environment. Experiencing such stages and processes, inhabited by Interdisciplinarity and wholeness of the human being, as innovative possibilities triggering creativity, will bring a contribution to the educators in the field of Teacher Development. Processes of Interdisciplinarity and Selfknowledge can be the bases for more elaborate practices involving the concepts of body and movement, contributing for the (trans)formation process of educators. Educators who are more aware that the doing can on have meaning when centered in the being in movement.

Keywords: Interdisciplinarity. Movement. Educational Practices.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 01. Imagem da Deusa Kuan Yin – Deusa da Compaixão e do Amor.....	5
Fig. 02. Imagem da Prof ^a . Dr ^a . Ivani C. A. Fazenda e Telma Teixeira de Oliveira Almeida. Sala de aula do GEPI/PUC/SP.....	17
Fig. 03. Escultura Vitoria de Samothrace. Representa a Deusa Grega Nice. Museu do Louvre/Paris/França.....	23
Fig.04. Imagem do desfile da Escola Estadual “Adílio José Borges”. Conceição da Barra de Minas.....	27
Fig. 05. Representação do desfile das Olimpíadas Escolares em Conceição da Barra de Minas/MG	28
Fig. 06. Expressão Corporal Coreografada – Homenagem a Nossa Senhora Auxiliadora (“Instituto Nossa Senhora Auxiliadora”).....	29
Fig. 07. Imagem do Jardim do Santuário Xintoísta Heian. Kyoto/Japão.....	44
Fig. 08. Mona Lisa (Gioconda): Principal obra de Leonardo Da Vinci. Museu do Louvre/Paris/França.....	50
Fig. 09. Imagem do Torii (portão do santuário) de Heian Jingu, Kyoto/Japão.....	58
Fig. 10. Imagem do Jardim Imperial Palace/Kioto/Japão.....	59
Fig. 11. Imagem do livro <i>Criação do conhecimento nas empresas</i> (TAKEUCHI; NONAKA, 1997, p. 62).....	62
Fig. 12. Imagem - Modos de conversão do conhecimento.....	67
Fig. 13. Imagem Museu do Louvre, Paris/França.....	68
Fig. 14. Imagem da Escultura de Aphrodite Du type dit – Vénus Génitrix- Museu do Louvre/ Paris/França.....	73
Fig. 15. Imagem do quadro: The Death of Socrates – 1787- Museu Metropolitan – Nova York (Jacques-Louis David – French, 1748-1825).....	75
Fig. 16. Imagem Expressão Corporal dos Movimentos do LIAN GONG. Apresentação na UNÍÍTALO/SP.....	98
Fig. 17. Imagem Templo Sanjusangendo (Rengeo-in) - Templo do Imperador Go-Shirakawa, 1164. Dedicado a Bodhisattva a Kannon. A Deusa mais importante do Templo, a deusa da Compaixão e do amor. Kyoto/Japão.....	105
Fig. 18. Imagem do “Deserto do SAARA”	113

Fig. 19. Imagem do Archaeological Site. Ruínas de Ephesus II/ Ephesus/Turquia.....	115
Fig. 20. Imagem do Templo Kinkakuji, Kyoto/Japão/1397. O Templo dourado com paredes de cedro revestidas de ouro original. No topo, uma Fênix Chinesa para simbolizar o renascimento.....	116

SUMÁRIO

TRAJETÓRIA INICIAL NA INTERDISCIPLINARIDADE.....	17
1 CORPO SUJEITO: o desenvolvimento corporal e a construção fenomenológica em Merleau-Ponty.....	23
1.1 Os movimentos no resgate das memórias.....	24
1.2 As possibilidades na Fenomenologia da percepção em Merleau-Ponty.....	34
2 CORPO PRÓPRIO: A construção histórica da interdisciplinaridade na relação com a formação do educador.....	44
2.1 Qual o sentido da abertura para o conhecimento interdisciplinar?.....	45
2.2 O sentido interdisciplinar na formação do educador.....	50
3 CORPO VIVIDO: a teoria da criação do conhecimento no ensino interdisciplinar.....	58
3.1 O subjetivo aliado ao campo da criação do conhecimento.....	62
4 CORPO E MOVIMENTO: o sentido do movimento na construção do saber ser interdisciplinar.....	67
4.1 O sentido percebido por meio das práticas corporais e suas manifestações.....	73
4.1.1 Prática Educativa: acolhimento.....	77
4.1.2 Prática Educativa: exercício de olhar nos olhos.....	79
4.1.3 Prática Educativa: aprendendo a respirar.....	80
4.1.4 Prática Educativa: construção de poesias.....	82
4.1.5 Prática Educativa: exibição de filme (Patch Adams – O amor é contagioso).....	86
4.1.6 Prática Educativa: estudo sobre os princípios da interdisciplinaridade (coerência, respeito, espera, humildade, desapego, olhar).....	87
4.1.7 Prática Educativa: meditação.....	89
4.1.8 Prática Educativa: exibição do filme “Escritores da Liberdade”.....	92
4.1.9 Prática Educativa: Lian Gong.....	95

4.1.10 Prática Educativa: construção de memoriais.....	99
4.2 As percepções e entendimentos que desencadearam as reflexões dos pesquisados.....	102
5 CORPO PRESENTE: o fazer centrado no ser e suas considerações finais.....	105

REFERÊNCIAS

INÍCIO DA TRAJETÓRIA NA PESQUISA



Fig. 2. Imagem Prof^a Dr^a Ivani C. A. Fazenda.
Sala de aula do GEPI/PUC/SP.⁴

“O homem vai atingindo o conhecimento de si, à medida que conhece o outro; é um ‘ser a ser’. Assim sendo, o encontro só tem sentido na distância. O homem é um ser que se retira da situação para estar presente. É na medida da negatividade que a presença se faz”. (FAZENDA, 2003, p. 33).

Durante quatro anos no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Interdisciplinaridade (GEPI), percebi a importância dos registros construídos em forma de atas. A descoberta da escrita, as discussões, as aulas, o conhecimento de um referencial sobre interdisciplinaridade produzido por Fazenda e pelos integrantes do grupo foram constituindo-me em pesquisadora interdisciplinar, foram sustentando meu arcabouço de conhecimento. Aprofundei-me em leituras e escrita de artigos cujos pressupostos teóricos fundamentavam-se na interdisciplinaridade, o que me conduziu a um conhecimento intercultural valioso para meu aprendizado. Participei de encontros, congressos, eventos científicos, estabelecendo parcerias, fui ao Japão⁵, Turquia, França e universidades brasileiras, experiências que agregaram valores extraordinários ao meu processo interdisciplinar com as apresentações, a escuta e as publicações. Os movimentos são de um constante e imprescindível

⁴ **Fonte:** Acervo da Pesquisadora/mar./ 2012.

⁵ País de admirável cultura. Os lugares que percorri, a busca do conhecimento e as trocas permitiram-me esse mergulho nesta trajetória. Adentrei um processo dialético da realidade social, explorei a natureza intersubjetiva, compartilhei, troquei, estabeleci parcerias, atravessei oceanos, oásis.

caminho para entender a interdisciplinaridade como essa necessidade que se faz presente na construção do conhecimento, social, coletivo, individual e intelectual.

A escolha das práticas corporais como objeto de pesquisa não foi aleatória. Trata-se de um objeto ainda pouco explorado na bibliografia da área de Educação Física e, menos ainda, nos cursos de formação de professores ou nos cursos de Pedagogia, a despeito de sua relevância como componente curricular no ensino fundamental, espaço em que a busca da interdisciplinaridade e do aprender a (con)viver, a ser e a fazer devem ser constantes.

Minha trajetória de desenvolvimento corporal inicia-se na infância, com o despertar da minha motricidade, determinando meus interesses pessoais e transformando-os mais tarde na escolha da minha carreira profissional. O lugar de onde falo não é singular; é plural e “inter”: é da graduação em Educação Física (com breve atuação na educação básica), revisitada no/pelo Mestrado em Educação na linha de pesquisa Educação Motora, complementada na especialização em Docência no Ensino Superior, que me permitiram ser Professora e educadora no Ensino Superior e Coordenadora, durante onze anos, do Curso de Pedagogia, “lócus” que me alçou a (mais) um lugar que constitui meu dizer de hoje: a condição de pesquisadora, atuante nos grupos de pesquisa do GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade) e INTERESPE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação) e colaboradora do NEF (Núcleo de Estudos do Futuro), da PUC/SP.

Aprofundei-me em um contexto exploratório de busca, partindo do modo como se construíam as práticas, sobretudo por meio da escuta sensível⁶, pautada em questões epistemológicas e metodológicas sobre como a interdisciplinaridade se revela categoria de ação.

⁶Trata-se de um *escutar-ver* que recebe em seu significado a influência da abordagem *rogeriana* em ciências humanas, inclinando-se para a tendência interpretativa da meditação no sentido oriental do termo (KRISHNAMURTI, 1994). A escuta sensível apoia-se na **empatia**. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do *outro* para poder compreender *de dentro* suas atitudes, comportamentos e sistema de ideias, de valores de símbolos e de mitos. René Barbier, L'écoute sensible dans la formation des professionnels de la santé. Conférence à l'École Supérieure de Sciences de la Santé - <http://www.saude.df.gov.br> Brasília, juillet. 2002. A escuta é, segundo Ivani Fazenda (2009), uma categoria fundante da prática interdisciplinar. Nesse caso, mostra-se fundamental ante a diversidade cultural: há que se despertar um “processo de humanização” entre as culturas, de escuta ao aluno (desejos e aspirações), aos grupos, consulta a seus interesses e expectativas profissionais e de formação.

Metodologicamente, ative-me a todos os cuidados na escolha dos critérios para a coleta e a interpretação dos dados aqui representados. Segui caminhos traçados conforme a ética interdisciplinar, que situa os sujeitos como parceiros, como copesquisadores absolutamente concordes da/na pesquisa, e procurei “ouvir” as lições de Fazenda: a parceria e a ousadia são elementos primordiais para o processo interdisciplinar.

Discuto, aqui, como as referências primordiais para o desenvolvimento dos princípios e procedimentos, apoiados na teoria da interdisciplinaridade colaboram para, conforme sugere Varela (2010, p. 25), transformar a “prática docente”.

A originalidade desta pesquisa talvez não repouse apenas no olhar e nos caminhos escolhidos ou nos sujeitos e objetos que deram “corpo” a esta tese. É possível que os leitores a percebam nas metáforas e representações alegóricas de corpo e de movimento, estreitamente relacionadas ao(s) lugar(es) de onde me pronuncio, de ser e de tempo, próprias do educador “inter”.

Será possível considerar o autoconhecimento como caminho possível pelo viés da prática interdisciplinar? O que pode “dizer” um olhar sensível sobre os corpos e nos corpos que passam pela formação de professores? Posso ratificar a premissa defendida por Moreira (1995, p. 22), para quem “o ato de conhecer não é mental: ele é, antes de tudo, corpóreo”? Esses são alguns dos desafios a mim propostos...

Primeiramente, trago o “Corpo Sujeito”, constituído na retomada de minhas memórias de criança e do despertar da minha motricidade, em que revisito um dos capítulos de minha dissertação de mestrado⁷ e procuro construir referenciais teóricos e filosóficos sobre o corpo baseados na Fenomenologia de Merleau-Ponty. Para o filósofo, a compreensão do corpo requer o tempo todo a essência da percepção e consciência de si e das minhas atitudes para com o outro.

O segundo capítulo – figurativizado em “Corpo próprio” – traz a construção histórica da interdisciplinaridade e sua influência na minha formação, materializada no encontro com a interdisciplinaridade referendada, praticada e estudada por Ivani Fazenda durante um período de mais de trinta anos. Foi nesse amplo referencial que encontrei argumentos e suporte teórico para o projeto desta tese. Essa parceria que a interdisciplinaridade possibilita, pelo diálogo com os autores, parceiros,

⁷ O corpo no tempo e na escola: mudanças de paradigmas (ALMEIDA, 2000).

conosco mesmo, com os pesquisados, educadores, aponta a imensa necessidade de encontro entre os sujeitos que se constroem socialmente.

A teoria oriental da criação do conhecimento é que dá forma ao “Corpo vivido” no terceiro capítulo da tese, em que busco semelhanças entre essa teoria, difundida por Hirotaka Takeuchi⁸ e Ikujiro Nonaka⁹, e a investigação interdisciplinar praticada e pesquisada por Ivani Fazenda¹⁰. O conteúdo do conhecimento criado por cada modo de conversão do conhecimento é naturalmente diferente. Estabelecendo as relações existentes com a socialização que gera o que pode ser chamado de “conhecimento compartilhado”, como as práticas que vivenciamos em sala, ou podemos chamar de aplicação diferenciada, em que após cada prática compartilhávamos um novo aprendizado. A externalização gera “conhecimento conceitual”. Após externalizarmos o que sentíamos, experimentávamos, relacionávamos com as leituras e com os movimentos, gerando um novo conceito de percepção de mim mesmo e do outro. A combinação dá origem ao “conhecimento sistêmico” que gera em cada pessoa um desejo novo, um novo modo de construir suas possibilidades de ser educador. A internalização produz “conhecimento operacional”, ou seja, o aluno/pesquisado entende que o aprendizado precisa ser levado para o espaço na troca com outros indivíduos, criar novas propostas de trabalhar com seus futuros alunos, ou seja, espaço da escola/outros espaços pertinentes à aplicação condizente com sua formação.

No quarto capítulo, “Corpo e movimento: o sentido do movimento na construção do saber ser interdisciplinar”, proponho-me um grande desafio: responder às minhas principais questões de pesquisa, a saber, *Como a interdisciplinaridade e o autoconhecimento poderiam contribuir para a (trans)formação de educadores mais conscientes de suas ações? Quais talentos poderiam emergir, por meio de práticas corporais educativas, instigando a formação interdisciplinar a um conhecimento a princípio novo? Como despertar, pelo movimento interno e externo, o SER interdisciplinar? Como processos interdisciplinares poderiam embasar conceitos mais elaborados em práticas corporais?*

⁸ Professor e Reitor da Universidade de Hitotsubashi no Japão.

⁹ Professor da Universidade Hitotsubashi, autor mais citado na área de Gestão do Conhecimento, ambos com PhD e MBA em Berkeley.

¹⁰ Autora mais citada e renomada em Interdisciplinaridade no Brasil.

O desejo do encontro nasce no sentido e na intencionalidade¹¹ de inovar os currículos escolares e trazer conceitos novos na ação de formação, buscando mudanças de atitude e a consciência do ser interdisciplinar. Para Fazenda (2003, p. 70- 71), “a sala de aula é o lugar onde a interdisciplinaridade habita”; ali “[...] existe sempre um ritual de encontro no início, no meio e no fim”, permitindo a descoberta de talentos, a retomada de histórias de vida, o encontro nos processos do autoconhecimento, o fazer centrado no ser, o estudo e pesquisa para o aprofundamento nos princípios interdisciplinares. Também é nas vivências de sala de aula que se alcança a própria consciência corporal de estar presente por intermédio de práticas corporais educativas que possibilitem essa consciência.

O exercício que, nesse capítulo de práticas, chamo de movimento interno e externo corresponde ao desenvolvimento pela escrita, pelo ouvir o outro, pelo ser observadora do contexto interdisciplinar, alimentando o espaço da sala de aula onde se dariam as intervenções durante as aulas na disciplina **Interdisciplinaridade, autoconhecimento e práticas educativas**. Uma disciplina implantada no currículo do Curso de Pedagogia do Centro Universitário na região da Grande São Paulo, no ano de 2010, cujos princípios, procedimentos e meandros, coletei até o final 2012, para, agora, apresentar resultados e discussões sob a forma de uma tese.

Ao criar, implantar e ministrar a disciplina, visava propiciar aos alunos (que também eram meus sujeitos de pesquisa) a vivência da relação existente entre a dimensão ontológica (conhecimento tácito) e a dimensão epistemológica (conhecimento explícito) e, conseqüentemente, levá-los a produzir novos conhecimentos e transportá-los para os espaços de trabalho. O processo foi marcado e constituído no/pelo diálogo, pela interação, pelas trocas constantes, parcerias e compartilhamentos, escuta sensível, vontade de transformar e conhecimento mútuo. Segundo Nista-Piccolo e Moreira (2012):

¹¹ O texto “A intencionalidade educativa na turma NB: o saber e o sentir intercultural”, de Yvone Mello D’Alessio Foroni. Tese de Doutorado em Educação: currículo (PUC/SP – GEPI), 2005. contribuiu significativamente com este estudo. A pesquisadora demonstra que a prática pedagógica cotidiana da sala de aula exige do professor-pesquisador uma postura interdisciplinar, que o obriga a interrogar-se sempre quanto à sua prática educativa. A partir de uma questão existencial, a pesquisadora busca uma ampliação do conceito de intencionalidade da prática educativa e sua articulação com outros conceitos a fim de contribuir, de forma crítica, para um saber/saber, saber/fazer e saber/ser adequados à diversidade encontrada numa turma de alunos de um Curso de Pedagogia.

[...] o professor não deve estabelecer os elementos a serem ensinados sem antes conhecer bem cada aluno, para que possa atentar para os potenciais que ele expressa, além de detectar quais são as diferenças que caracterizam cada um deles. (NISTA-PICCOLO e MOREIRA, 2012, p. 88).

O passo seguinte seria pôr esses futuros professores em movimento; mas movimento que pudesse provocar reflexões, contextualizações, aprendizados diversos, construção de saberes, saída da rotina dos fazeres sem sentido.

Nesse contexto, selecionei cuidadosamente os textos a serem abordados em sala de aula; precisava “tocar” meus alunos, sensibilizá-los para a descoberta do caminho ousado de ser interdisciplinar. Mas como aplicaria as práticas corporais em seu mais profundo movimento para se autoconhecerem? Como mostrar logo em um primeiro semestre do curso, junto aos princípios da Interdisciplinaridade, a sensibilidade, o despertar intuitivo de construir um memorial, de trabalhar, pela escrita, as várias possibilidades de resgate de nossa/minha história? Como encontrar em si mesmo o grande despertar do ser? Como ser um educador com possibilidades de transformação, consciente de seus atos e de querer transformar o próprio ambiente?

Ousei! Escolhi primeiramente o movimento com práticas corporais mais lentas, que permitem um comportamento de focalização, proporcionando percepção de si mesmo, permitindo o sentir o próprio corpo e alcançar mais equilíbrio. Exercitei com os alunos processos criativos (poemas) e, do estado de equilíbrio entre o movimento corporal e a inspiração, passei a praticar, com eles, exercícios meditativos, como o Lian Gong, uma prática chinesa, chegando à elaboração de memoriais, ou à “escrita de si”...

Os efeitos dessas práticas foram muito positivos, conforme se lê nos depoimentos que constituem esse quarto capítulo, lugar em que os pesquisados ganharam espaço, voz, movimento, corporalidade; enfim, autonomia.

Espero que, ao terminar de ler esta tese, o leitor admita que a interdisciplinaridade e o autoconhecimento podem contribuir, efetivamente, para a (trans)formação de educadores.

1 CORPO VIVIDO: o desenvolvimento corporal e a construção do saber fenomenológico em Merleau-Ponty



Fig. 03. Escultura Vitoria de Samothrace.
Representa a Deusa Grega Nice
Museu do Louvre/Paris/França¹²

Transformações

O momento de transformação é mágico
 Há nele uma percepção profunda do momento presente
 Há um mergulho no cerne da existência
 Há sincronicidade numa grande harmonia de “ser”
 É como aquele exato momento em que a lagarta se transforma em borboleta.
(Trecho da poesia de Ruy César do E. Santo. Pedagogia da Transgressão/2008).

Essa trajetória, aqui representada pela alegoria do desenvolvimento corporal, inicia-se na infância com um marco determinante – do ponto de vista de quais processos e caminhos fizeram parte das minhas opções – de meus interesses

¹² **Fonte:** Acervo da pesquisadora/jun./2012.

peçoais e que os transformaria, mais tarde, na escolha da minha carreira profissional.

O encontro com os estudos fenomenológicos iniciaram-se após a graduação em Educação Física, quando busquei um aprofundamento teórico que me proporcionasse suporte e assegurasse meu enveredar pelos caminhos do estudo das essências, sobretudo em um trabalho que requer, todo o tempo, a percepção e consciência de si em nossas atitudes, para nós mesmos e para com o outro.

Busco, neste momento, alicerçar-me em Merleau-Ponty, cuja contribuição, bastante rica, vem ao encontro de minha essência, alicerçando questões em que acredito e envolvendo a todo tempo a filosofia na compreensão das ações presentes na existência por meio do movimento. E entendo que o movimento corporal é vivido e expresso com a presença da corporeidade viva.

1.1 Os movimentos no resgate das memórias

Considerando que tudo na história individual é importante, acredito que cada um nunca pode deixar de mencionar suas primeiras marcas, suas primeiras aventuras, suas raízes, seus sonhos mais inteiros, aqueles que nascem junto com a sua (minha, nossa) infância. Percebo o quanto as marcas desses movimentos instigaram caminhos inusitados na busca pelo saber.

Essas lembranças são consideradas importantes para dizer onde se iniciam os meus sonhos e para mostrá-los ao longo dessa trajetória. Sonhos que moveram meus estudos, minhas descobertas, meus encontros, minhas vivências corporais e o sentido de viver servindo, trocando, descobrindo, desejando que acontecessem todas as realizações potencialmente inscritas em meu estar no mundo. Escrever a Tese também faz parte desse sonho, embora descoberto no percurso das trilhas que percorri. Sonho que descobri em determinado trecho dessa caminhada, junto ao autoconhecimento, à interdisciplinaridade, a pessoas que encontrei ao longo do caminho e que me mostraram os pequenos atalhos, a subida mais leve, a direção a seguir. São as valiosas e preciosas encruzilhadas que fazem o ser aprender que o sonho é possível, realizável. Ainda que não o seja da forma desejada inicialmente,

quando se alcança o cume do percurso é possível (re)viver o conjunto de possibilidades que tornaram o sonho possível.

As trilhas que desbravei são um convite ao resgate, nesta história, de memórias ou lembranças, como uma forma de simplesmente compartilhar o desejo de aprender.

O percurso dos momentos vividos na fazenda até os oito anos, quando andava descalça, subia em árvores, corria, pulava, saltava. Não havia obstáculos. Sempre tive muita liberdade de brincar, por isso criava meus próprios brinquedos, reinventava maneiras diversas em meio à natureza, nadava em rios, subia até o topo de montanhas. Os meios de transporte mais utilizados eram o cavalo e o trem de ferro. Eis o despertar dos sentidos, a reapropriação de si pelo sujeito pesquisador, que me permite refletir sobre essa construção de vida.

Meus pais sempre lançavam os filhos no mundo da experiência, do experimentar tudo, da prática, “do fazer”. Aprendi a plantar, colher, cuidar dos animais, desfrutar da beleza do germinar de uma semente, de acompanhar o crescimento de uma árvore, dos alimentos que vinham para nossa mesa; a diversidade era incrível. Acompanhávamos todas as tarefas, desde as domésticas até as mais complexas da fazenda. Mesmo sem ter consciência dessas riquezas de aprendizados, construía o que Pineau (2003) fala sobre a (trans)formação:

A abertura da aprendizagem ao longo da vida obriga a pensar na metamorfose da formação. Esta abertura representa, para o começo do terceiro milênio, uma revolução provavelmente tão importante quanto à institucionalização da escola no fim do século XIX. Depois do primeiro período paleocultural da heteroformação, que quis se impor como a totalidade da formação, realmente parece que hoje se delineia a era neocultural da autoecoformação, que faz da formação um processo permanente, dialético e multiforme de colocação em conjunto e em sentido. Transformar tudo em formação permanente implica transformar a formação. (PINEAU, 2003, p. 164).

Em sua visita ao Grupo do GEPI, em meados de 2011, o pesquisador narrou o modo como se apropriou desse conceito: durante seis anos, foi trabalhador agrícola na França, Espanha e Argélia, onde percebeu uma experiência de desconstrução, aprendeu a sentir seus movimentos e os movimentos sociais com os outros, além do movimento da natureza, sentindo a formação, nesse contexto, como forma de excluí-lo da sociedade formalizada. Percebo claramente qual foi seu

exercício de desconstrução, pois seu relato remete ao meu processo de construção, por meio do contato com a terra, e com as pessoas, com a simplicidade de cada um, com as relações sociais estabelecidas. As formas de vida de um povo que convive com a terra são muito diferentes das desenvolvidas pela sociedade formalizada. O sentido que encontro nesse contexto é exatamente o reconhecimento de um percurso que me preparou para o desafio e para o enfrentamento, hoje, da diferenciação.

Essas ações exercidas com a liberdade de movimento possibilitaram minhas habilidades motoras, minha flexibilidade, força e equilíbrio, minha inteligência cinestésico-corporal¹³. Esses movimentos, embora inocentes a princípio, fizeram-me crer na força interna que buscava desde muito jovem.

Quando conheci uma escola pela primeira vez, estava com oito anos. Meu pai não permitiu que os filhos estudassem na escola rural, alegando ser “fraca”, isto é, não os capacitaria de forma adequada, não proporcionaria uma boa educação formal. Dessa maneira, minha mãe alfabetizou-me em casa. Recordo isso com alegria, pois não enfrentei nenhum sofrimento com a alfabetização (algo tão inexplicável hoje por muitos). Mais uma vez, evoco Pineau (2006, p. 336), que levanta questionamentos e pondera:

Quem faz a história de vida de quem? Por quê? Para quê? Com o quê? Quando? Até onde? Em função de que regras e de quais saberes? Nessas questões sinto o entrelaçamento de modo insolúvel e definitivo do ponto de vista lógico, este movimento socioeducativo de pesquisa-ação-formação parece inscrever-se na difícil passagem do paradigma da ciência aplicada ao ator reflexivo. (PINEAU, 2006, p. 336).

Essas perguntas são comuns à maioria das pessoas que agem com consciência de seus atos, permitindo-se a busca do seu processo de conhecimento.

Por volta dos dez anos, comecei a fazer parte das atividades corporais da escola.

¹³ Segundo Celso Antunes, no livro *Inteligências múltiplas e seus jogos*, a inteligência cinestésico-corporal associa-se à capacidade de controlar e utilizar o corpo, ou uma parte dele, em atividades motoras complexas e em situações específicas, assim como manipular objetos de forma criativa e diferenciada. É a única inteligência cujo aprimoramento implica “qualidade de vida melhor” (ANTUNES, 2009, p. 21).



Fig.04. Imagem do desfile – Escola Estadual “Adílio José Borges”. Conceição da Barra de Minas.¹⁴

Envolvia-me todos os anos nas expressões corporais, mostrando o potencial da expressão e do movimento. Hoje percebo como esse período mostrou-me o processo, a reapropriação pelo sujeito pesquisador, a legitimidade do refletir sobre a construção da minha vida, mesmo sem saber o que estaria por vir.

Nesse grande movimento, brotaram “os meus sonhos”, um dos quais era ser “bailarina”. Mas naquele lugar não havia recursos, e meus sonhos foram guardados...

¹⁴ Fonte: acervo da pesquisadora/07/set./1981.



Fig. 05. Representação do desfile das Olimpíadas Escolares em Conceição da Barra de Minas/MG. ¹⁵

Meu ser singular conflitava com uma infância rica em motricidade, de brincar na rua, de explorar a natureza, de participar das atividades artísticas corporais; pensava em estudar algo que me propiciasse trabalhar com o corpo.

Nesse querer desenvolver habilidades corporais, cursei o ensino médio em uma escola de religiosas “Instituto Nossa Senhora Auxiliadora” (onde conheci a história de Dom Bosco), cujos princípios e atitudes para com seus parceiros, alunos, eu admiro. Participava das festividades proporcionadas pela escola, sobretudo no mês de maio, quando se faziam as homenagens e coreografias para o evento festivo. (Após o término da Faculdade, lecionei nessa escola por um ano).

¹⁵ Fonte: acervo da pesquisadora/set./1993.



Fig. 06. Expressão Corporal Coreografada – Homenagem a Nossa Senhora Auxiliadora (“Instituto Nossa Senhora Auxiliadora”).¹⁶

Certa de que a Educação Física poderia corresponder aos meus anseios, busquei essa possibilidade de crescimento por meio da formação na área em nível de graduação.

Nessa retomada, mais uma vez me vêm as palavras de Pineau (2003, p. 111), quando fala da emergência dos tempos de vida. Para ele:

[...] tentar expressar a experiência vivenciada dos tempos de vida para compreender a vida e a sua vida, articulá-las melhor e transmitir estes resultados positivos a outros provavelmente é a primeira tarefa imposta pela escola da vida e que todo ser vivo exerce, mais ou menos confusamente, dentro de uma dinâmica entre as gerações. (PINEAU, 2003, p. 111).

Muitas vezes, por não ter sido “atleta”, sentia-me “deslocada”, como se não fosse o meu mundo. Apesar de sempre estar envolvida com as práticas corporais e ter muitas habilidades, ser atleta era algo muito diferente. O curso, como muitos outros que existem, parecia ser lugar para atletas, aqueles de medalhas, e não para os que haviam vivenciado práticas corporais não voltadas para competição esportiva.

¹⁶ **Fonte:** Acervo da pesquisadora/maio/1991.

Minha experiência no curso foi marcada pelo conflito: a formação oferecia uma educação física predominantemente voltada para a valorização do esporte competitivo, em detrimento da Educação Física Escolar, que “não mostrava resultados”. Esse conflito levou-me, muitas vezes, a questionar se seria possível desenvolver uma prática mais livre, em que pudesse trabalhar com a inserção do lúdico, da expressão do movimento, visando à transformação da própria realidade escolar.

Minhas dúvidas e questionamentos já eram da ordem da epistemologia, razão por que remeto a uma significativa lição de Bachelard (1949, p. 153): “Compreender um fenômeno novo não é simplesmente acrescentá-lo a um saber adquirido, é reorganizar o próprio princípio do saber.”

A tentativa de superar o aspecto mecanicista do movimento, o adestramento do corpo e a falta de envolvimento com os problemas sociais do nosso país, presentes nas práticas veiculadas pela Educação Física tradicional, fez-se uma constante nas minhas reflexões.

Logo no segundo ano da Faculdade, lecionava em uma escola pública, a mesma em que estudei desde a 3ª série até a 8ª. Foi a partir desse momento que minhas inquietações a respeito do corpo vieram à tona. Embora com pouca experiência, sentia que havia a necessidade de modificar algo, pois já conseguia perceber a necessidade de valorizar nosso meio, nossa cultura, toda criatividade carregada por cada um daqueles alunos, em cada gesto, em seu agir e em seu sentir. Entre estudos e aulas ministradas, fui sentindo a necessidade de alicerçar os caminhos dessa disciplina, em busca de sua legitimação como área de conhecimento na Escola. Parafraseando Pineau, posso afirmar que a abertura da aprendizagem ao longo da vida obriga a pensar na metamorfose da formação.

Encontrei algumas dificuldades de natureza metodológica: Como transpor para a prática os meus anseios de uma educação física que valorizasse o gesto, o movimento livre e expressivo, o lúdico?

Há que se registrar, todavia, que a riqueza do ato pedagógico é exatamente essa possibilidade de transformação, de uma nova construção a cada interação entre os elementos envolvidos no processo (aluno, professor, conhecimento, Escola). Considero relevante destacar o papel da experiência profissional aliada à fundamentação da prática e ao desejo de saber e fazer avançar o conhecimento: o

nosso próprio e o de nossos alunos. Então já havia decidido: não me preocupavam os caminhos; queria fazer um Mestrado, queria continuar estudando. Fui descobrindo e desbravando o caminho da **autoformação**¹⁷, que, para Pineau (2003),

[...] catalisa as pesquisas nos ensaios de compreensão da autonomização dos protagonistas, graças à usurpação de seu poder de formação, esta autonomização provoca um movimento de personalização, de individualização, de subjetivação da formação. (PINEAU, 2003, p. 157).

O autor caracteriza esse processo como um tempo mais livre, de busca e foco nas ações do momento presente, e foi nesse contexto que me fui apropriando muito lentamente de novos conhecimentos, escalando um degrau por vez, amparando-me em leituras e autores que viessem ao encontro desses anseios.

Na especialização voltada para a Educação Física Escolar, despertei-me para a questão da corporeidade. Apresentada por Wagner Wey Moreira, orientador no Mestrado. Durante muito tempo, vi a educação formal ser dirigida prioritariamente para uma mente desconectada de um corpo vivo que, embora brincante e aprendiz, tanto quanto a mente, não lhe tem dirigidas maiores atenções, ignorando desde suas necessidades mais básicas aos seus desejos mais postergáveis. Bastos (2002), ao conceituar “(inter)corporeidade”, afirma que:

O corpo humano, ao ser estudado em uma visão clínico-fenomenológica, toma a liberdade da reflexão e da criação de novos conhecimentos e atitudes em saúde, um outro modo de viver - de ser e estar -, tanto individual quanto em sociedade. O estudo interdisciplinar da corporeidade humana constitui-se a base de um saber compreensivo, de conagração entre a normativa bem tracejada e a tecnologia, especializada e sistematizada. Impõe-se pela prerrogativa axiológica, pela construção de um caráter de normas e princípios, não somente técnicos e jurídicos, mas principalmente abrangentes do ciclo histórico, ecológico e filosófico do homem, em uma antropoética da vida e da matéria. (BASTOS, 2002, p. 189)

¹⁷ Termos que indicam as diferentes formas de “avatares” que podem conhecer esse movimento polarizado pelas forças do protagonismo em formação. É o movimento que mais faz trabalhar. No início dos anos noventa, foi criado o Laboratório das Ciências da Educação da Universidade de Tours, o Grupo de Pesquisa sobre a Autoformação. (1990, p.157).

Observando esse movimento, continuei na busca de conhecimentos para ampliar meu universo teórico e auxiliar nas práticas corporais.

Ingressei como aluna especial no curso de Mestrado da FEF - UNICAMP - na disciplina “Corporeidade, Escola e Sociedade”, ministrada pelo professor Dr. Wagner W. Moreira, o mesmo que me havia despertado para o conhecimento sobre a corporeidade viva. Buscava as questões que existiam dentro de mim, sentia que encontrava respostas instigando-me à busca do saber, em um processo de aprofundamento. Mergulhei, então, nas pesquisas a fim de construir meu projeto para entrada no mestrado.

Durante o período de mestrado, as leituras sobre a questão do corpo instigaram-me ainda mais à busca de desafios e a querer conhecer um pouco mais sobre o universo da corporeidade, na esperança de contribuir para a caracterização da nossa área de conhecimento com aplicação dos princípios científicos à prática educativa. Essa viagem por lugares diferentes do saber permitiu-me enxergar o imenso universo de possibilidades de conhecimento, criado pelo homem, ao longo de sua história, de sua ação no mundo, ação em que o corpo é o ponto de referência.

Percebia que o mestrado começava a transformar-me, sem perder de vista minhas raízes, os ensinamentos, toda mudança de vida. Queria desbravar o conhecimento, descobrir o que me reservava o futuro e entender qual era o sentido do aprendizado e como poderia criar possibilidades. Para Pineau (2003, p.130), “a determinação das fronteiras temporais é uma impossibilidade objetiva que fundamenta uma possibilidade subjetiva”. Sentia o grande desafio do saber mais.

Percebia que o mundo-vivido é o mundo da nossa atitude natural, do nosso senso comum. Para o trabalho acadêmico, fazia-se necessário romper a nossa familiaridade com o mundo, suspender os juízos e pré-conceitos da atitude natural, para chegar à essência do fenômeno em estudo. Tratava-se, então, de realizar um processo de reflexão sobre o mundo-vivido, desvelando os condicionantes e resgatando a compreensão do fenômeno. Nessa perspectiva, durante o mestrado, que considero um ponto de partida fundamental para a profissional que me tornei e para a reflexão que agora desenvolvo, analisei o pensamento de Platão, o de Descartes e de Merleau-Ponty ou, mais especificamente, a concepção de corpo apresentada por eles.

A opção, no mestrado, pelo estudo do corpo pelo viés desses filósofos, não era gratuita. O pensamento de Platão e Descartes acerca do sentido antropológico e epistemológico que adquiriu o dualismo corpo-mente viria a influenciar consideravelmente o pensamento ocidental moderno, sendo possível mostrar a influência dessa visão sobre a Educação Física Escolar. Esse dualismo arraigado, tatuado na concepção de corpo, entendido de uma forma alienante e praticado dentro da escola.

Estudar essa questão, encontrar respostas para algumas inquietações, entender o fazer simplesmente pelo fazer eram descobertas extremamente significativas, porém era necessária uma ruptura. Para tanto, busquei Merleau-Ponty, que veio manifestar a corporeidade viva, a magia da manifestação da atitude corporal num gesto espontâneo, livre, possível de ser entendido com uma visão mais holística. Era a oferta de uma nova visão de mundo e de ser humano, por meio de uma abordagem científica que se aproxima da abordagem filosófica da corporeidade; uma teoria que respeita e valoriza as relações humanas, a afetividade, a individualidade e a diversidade. Eram propostas novas que apontavam um caminho para a Educação Física Escolar.

Busquei as questões históricas da educação física, a influência do dualismo, e situei a ginástica como origem e sinônimo da Educação Física, do padrão de corpo forte. Vi os métodos sendo introduzidos e, como consequência, o militarismo e também uma discussão das tendências mecanicistas, tecnicistas e desenvolvimentistas em contraponto à proposta de autores que discutiam a motricidade humana¹⁸/educação motora¹⁹.

Na sequência, discuti a educação motora como possibilidade do trabalho corporal por meio do lúdico, as perspectivas da educação motora e da ludicidade do corpo na escola. Acreditava que esse seria um conteúdo capaz de possibilitar a

¹⁸ Ciência Motricidade Humana – Cinantropologia: ciência da compreensão e da explicação das condutas motoras, visando ao estudo de constantes tendências da motricidade humana, em direção ao desenvolvimento global do indivíduo e da sociedade e tendo como fundamento simultâneo o físico, o biológico e o antropológico. Na lógica de um autêntico discurso científico, parece ideológico (no sentido pejorativo do termo) recursar a racionalidade e a objetividade de uma ciência que abranja a motricidade inteira. (TOJAL, 1994, p. 96-97).

¹⁹ Educação Motora ou educação corporal: ramo pedagógico da ciência da motricidade humana, procura o desenvolvimento das faculdades motoras imanentes no indivíduo, por meio da experiência, da autodescoberta e autodireção do educando. Abrindo-o a um dinamismo intencional, criativo e prospectivo, a educação motora (ou educação corporal) propõe-lhe mais do que um saber fazer, um saber ser. (TOJAL, 1994, p. 96-97).

participação dos alunos nas aulas de Educação Física, pois respeitava o ser humano, sua criatividade e seus gestos espontâneos, levando em conta suas emoções, criando espaço para a participação.

Neste momento, destaco: Tudo que vivi na infância, meus sonhos, minhas habilidades “não desenvolvidas como bailarina”, vieram ao encontro dessa busca da valorização do ser humano em todos os sentidos e do ato de aprender, mostrando ser possível estimular os alunos que não são atletas, e não só aqueles que tiveram oportunidades. E este é o ponto crucial: poder fazer que todos, independente da idade, da cor, da condição social, tenham oportunidades de desenvolver seus talentos. A terceira idade é um exemplo vivo disso: não importa a idade, o corpo se adapta a tudo, desde que haja ações que o preparem para essa adaptação.

Convido o leitor para uma aventura cognitiva pelas ideias e questões postas por Merleau-Ponty, relevantes para a história e para o estudo do tema desta pesquisa.

1.2 As possibilidades na fenomenologia da percepção em Merleau-Ponty

As reflexões que constituem este item concorrem para o entendimento dos caminhos que tenho buscado para o meu desenvolvimento como educadora no ensino superior e, sobretudo, minha trajetória na Coordenação do Curso de Pedagogia, enquanto gestora e formadora, mostrando aos futuros pedagogos a importância de valorizar o aluno como ser corporal no mundo, por meio de um embasamento teórico consistente.

Tenho uma grande preocupação com a formação e com a atuação em sala de aula, talvez pelo que vivi durante minha formação acadêmica. Como relatei anteriormente, quando criança era cheia de “competências” e penso que, se tivesse recebido, dentro da escola, uma educação de corpo inteiro, poderia ter desenvolvido melhor minhas habilidades corporais. Ao mesmo tempo, reconheço, todavia, que é possível descobrir maneiras de valorizar esse aluno e estimulá-lo a aprender, pois o corpo cria e recria a todo momento.

Enquanto minhas inquietações pelo ser integral/completo/por inteiro permaneciam constantes, deslumbrava-me com todas as possibilidades de perceber

que as vivências e expressões corporais são possíveis independentes de como a formação acadêmica as mostrou a mim.

Os saberes expressados e entendidos pelo filósofo Merleau-Ponty muito contribuíram para meus entendimentos sobre a questão filosófica do corpo, formando uma base constitutiva de saberes necessários para minha compreensão sobre o meu percurso de vida, que, de início, estava arraigado nas concepções fundamentadas na filosofia.

Considerada a história da filosofia ocidental, constata-se que a temática da corporeidade²⁰ permanece ausente no discurso construído pelos pensadores. A abordagem que ali se faz do corpo é predominantemente marcada pelo dualismo, entendido de maneira geral como a separação entre corpo e alma, matéria e espírito. O dualismo opõe o mutável e o imutável, o sensível e o racional, privilegiando o espírito, o intelecto, a razão no processo de conhecimento da verdadeira proposta e, por exclusão, separando o corpo, a matéria.

Para entender o corpo como elemento sensível, constitutivo da identidade humana e da produção de conhecimento, busquei uma possibilidade de transformação de conhecimentos anteriores no pensamento de Merleau-Ponty.

A visão dualista despreza o fato de que o homem é um ser que faz (corpo), um ser que pensa (mente) e, sobretudo, um ser que sente; a partir do momento em que ele possui sentimentos, começa a manifestá-los das mais diversas formas. Assim, os educadores precisam refletir e preparar melhor os alunos, oferecendo-lhes oportunidades de superar suas dificuldades e possibilitando-lhes espaço permitido de aprendizagem, envolvendo os caminhos de descoberta dos talentos que necessitam emergir.

Nesse momento, apresenta-se um dos grandes desafios a serem transpostos pelos educadores: superar essa visão dualista. Os educadores, de um modo geral, devem abandonar a concepção mecanicista, de que a soma das partes forma o todo, e despertar para o fato de que a criança (ou adulto) em movimento não é apenas um conjunto de ossos, músculos e nervos que se articulam, assim como uma engrenagem, uma máquina. É necessária uma concepção sistêmica do ser humano.

²⁰ Condição de presença viva, participação e significação do homem no mundo. A motricidade emerge da corporeidade como sinal de quem está no mundo para alguma coisa, isto é, como sinal de um projeto. Toda conduta inaugura um sentido, por meio do corpo. (TOJAL, 1994, p. 96).

Corpo e mente não são organismos distintos e opostos, mas integram-se numa relação de mútua dependência, em algo que denominamos ser humano.

Em Merleau-Ponty, parto dos conceitos de corpo-próprio e motricidade para, a partir deles, delinear a perspectiva ontológica de sua concepção de corpo, destacando o conceito de corporeidade como critério fundamental para a veiculação de práticas pedagógicas que integram ou estabelecem uma visão de totalidade do ser humano.

O pensador enfatiza a relação homem-mundo tendo como princípio a relação corpo-consciência e destacando a presença do homem no mundo como sendo uma presença corporal, marcada pela sua motricidade. E, na motricidade, encontra-se a intencionalidade original, o sentido e a significação de toda ação humana, uma ação que é histórica e cultural.

A concepção fenomenológica de corpo supera a tradição cartesiana do corpo-máquina e do conhecimento da realidade pautado na lógica racionalista que opõe corpo e mente, sujeito e objeto do conhecimento.

Em sentido maior, a Fenomenologia é o estudo das essências, e alguns dos seus problemas, como tal, resumem-se em definir essências: seria a ciência dos fenômenos que se manifestam na percepção, na consciência. A Fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira, senão a partir de sua “facticidade”.

Como corrente filosófica, foi estruturada por Edmund Husserl (1859-1938) e surgiu de uma reflexão sobre a crise das ciências (em especial aquelas fundadas no Positivismo, que se limitava à perspectiva do objeto), possibilitando reflexões sobre as sistematizações metafísicas, ligadas diretamente ao subjetivismo. A Fenomenologia contribuiu muito com essas reflexões, tanto em sua atitude filosófica quanto em sua metodologia científica: consequência da união do extremo subjetivismo com o objetivismo em suas noções de mundo e de racionalidade.

Seu objetivo maior não é explicar o mundo por relações de causalidade, mas compreender o seu sentido. A Fenomenologia busca as essências, e estas não se encontram no mundo à parte, no mundo das ideias – ao estilo platônico –, à maneira do cogito cartesiano; as essências encontram-se na existência. Merleau-Ponty (1994) aponta que:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. O universo da ciência é construído sobre o mundo-vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo do qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 3).

A Fenomenologia deu prioridade à facticidade e às experiências vividas para compreensão do mundo e do ser. A compreensão do ser não se define por explicações causais advindas da Biologia, da Psicologia ou da Sociologia, mas sim pelas experiências vividas, por meio das quais atribuímos sentido ao mundo. A reflexão é sempre posterior à vivência, daí a necessidade de retornar às coisas mesmas para redescobrir o sentido original.

A expressão natural do mundo-vivido é a fonte para o conhecimento, cabendo à filosofia despertá-lo para uma maior compreensão e engajamento no mundo. Dentro dessa perspectiva, refletem-se as questões do mundo-vivido. O que se analisa é considerado pelo cogito, porém um cogito diferenciado do cogito cartesiano que constitui o mundo, reduzindo-o ao pensamento puro. Para a Fenomenologia, o mundo não pode ser substituído pela ideia de mundo.

Para Merleau-Ponty (1994, p. 13), “nossa relação com o mundo é muito mais forte do que podemos imaginar, por isso mesmo, para que possamos nos perceber e perceber as coisas nesta relação”. A relação, além de ser transcendental, busca a essência. Uma essência que se encontra na existência, unida às coisas do mundo. Também a essência não se afirma como finalidade, e sim um meio para compreender o engajamento do homem no mundo.

A tarefa da filosofia seria reaprender a ver o mundo, já que ele é o único logos que revela o sentido. Essa seria uma tarefa contínua, por isso a Fenomenologia se coloca como um movimento, e não como doutrina ou sistema.

Merleau-Ponty (1994) situa a relação homem-mundo como prioridade na Fenomenologia, aprofundando-se como eixo a relação corpo-consciência; não o corpo físico, uma massa material e inerte, mas o corpo-vivo ou corpo-próprio, dotado

de uma intencionalidade original, isto é, de motricidade, que pode lançar-se ao mundo e cujo sentido pode ser apreendido.

Como base em todo existir está o sentir, numa manifestação interna para que assim o ser possa descobrir seus verdadeiros sentimentos, a partir do seu mundo-vida, da sua existência, da sua corporeidade.

As noções de Merleau-Ponty (1994) sobre corpo-próprio e de motricidade, numa análise da espacialidade corporal, conduzem a resultados que podem ser generalizados. A propósito do corpo-próprio, pode-se constatar aquilo que é verdadeiro de todas as coisas percebidas: que a percepção do espaço e a percepção da coisa, a espacialidade da coisa e seu ser de coisa não constituem dois problemas distintos.

Concebida da perspectiva fenomenológica,

[...], a relação entre corpo e consciência é de outra ordem: não se trata de uma relação causal entre dois termos e sim de uma dialética de intenções, onde a unidade do homem é expressa no corpo e Merleau-Ponty nos diz, mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 207-208).

Não se pode considerar o corpo como uma massa material e inerte, mas como o lugar de nossas ações primeiras e originais. A originalidade do ser no mundo está expressa no corpo-próprio. O ser no mundo refere-se ao homem em sua unidade existencial, conforme aponta Merleau-Ponty (1994):

[...] não contemplamos apenas as relações entre os segmentos de nosso corpo e as correlações entre o corpo visual e o corpo tátil: nós mesmos somos aquele que mantém em conjunto esses braços e essas pernas, aquele que mantém ao mesmo tempo os vê e os toca. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 208).

Se ainda se pode falar, na percepção do corpo-próprio, de uma interpretação, seria preciso dizer que ele se interpreta a si mesmo. Merleau-Ponty (1994) entende que:

O que reúne as “sensações táteis de minha mão e as liga às percepções visuais da mesma mão, assim como às percepções dos outros segmentos do corpo, é um certo estilo dos gestos de minha mão, que implica um certo estilo dos movimentos de meus dedos e contribui, por outro lado, para uma certa configuração de meu corpo.

Não é ao objeto físico que o corpo pode ser comparado, mas antes à obra de arte. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 208).

Nessa perspectiva, o corpo não se coloca como objeto; ele é o próprio Ser, em sua identidade e expressão original. O domínio simbólico, propriamente humano, habita a unidade do corpo.

Merleau-Ponty (1994) afirma que, a partir da realidade corporal, *sou meu corpo* dessa forma, o ser do homem, sua realidade ontológica, o homem coincide com sua realidade corporal. O homem considera-se como homem pelo seu corpo e não pelo pensamento. O centro do eu é deslocado da perspectiva racionalista, na qual o sujeito é representado pelo cogito, pelo *eu penso*, para uma perspectiva sensível, expressa no corpo.

Vale lembrar que a existência do sujeito no mundo é o ponto central da Fenomenologia, mais especificamente na versão existencialista formulada por Merleau-Ponty, fazendo que a vivência homem-mundo seja basicamente corporal.

O corpo realiza a existência, põe o sujeito em situação, diferenciando-se dos objetos exteriores, inclusive por sua espacialidade diferenciada, como explica Merleau-Ponty (1994):

O contorno de meu corpo é uma fronteira que as relações de espaço ordinárias não transpõem. Isso ocorre porque suas partes se relacionam umas às outras de uma maneira original: elas não estão desdobradas umas ao lado das outras, mas envolvidas umas nas outras. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 143).

Constituindo-se em uma unidade indivisível, o corpo não está no espaço como um objeto; ele desenha o espaço, garantindo uma conformação original de acordo com a situação.

Conseqüentemente, essa presença no espaço e no tempo, que é uma presença corporal, marca a singularidade da existência do sujeito e o horizonte de seus projetos. Nas palavras do filósofo francês Merleau-Ponty (1994) ele diz:

Enquanto sou um corpo e através dele ajo no mundo, para mim o espaço e o tempo não são uma soma de pontos justapostos, nem tampouco uma infinidade de relações das quais minha consciência operaria a síntese e em que ela implicaria meu corpo, não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a ele e o abarca. A

amplitude dessa apreensão mede amplitude de minha existência; mas de qualquer maneira ela nunca pode ser total: o espaço e o tempo que habito de todos os lados têm horizontes indeterminados que encerram outros pontos de vista. A síntese do tempo assim como a do espaço é sempre para se recomeçar. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 194-195).

Apreendemos o mundo com o corpo, mas essa apreensão é sempre uma síntese inacabada, formada pelas perspectivas da situação vivida. Essa forma de apreensão é reconhecida como originária, não se referindo a uma representação puramente intelectual, mas a uma função motora, regida pela motricidade. A motricidade diz respeito à intencionalidade motora, isto é, todo movimento tem um fundo que o acompanha, como revela o filósofo:

O fundo do movimento não é uma representação associada ou ligada exteriormente ao próprio movimento, ele é imanente ao movimento, ele o anima e o mantém a cada momento; a iniciação cinética é para o sujeito uma maneira original de referir-se a um objeto, assim como a percepção. Através disso se esclarece a distinção entre movimento abstrato e movimento concreto: o fundo do movimento concreto é o mundo dado, o fundo do movimento abstrato, ao contrário, é construído. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 159).

Quando alguém faz sinal para que um amigo aproxime-se, sua intenção não é um pensamento que preparava em si e não percebe o sinal em seu corpo. Esse alguém faz sinal através do mundo; faz sinal ali onde se encontra seu amigo, e a distância que o separa dele, seu consentimento ou sua recusa se leem imediatamente em seu gesto, não havendo uma percepção seguida de um movimento, pois a percepção e o movimento formam um sistema que se modifica como um todo.

Depois de feitas essas considerações, pode-se dimensionar a diferença entre o corpo-máquina e o corpo-significante, bem como a intencionalidade que habita o corpo-significante. Se o movimento de acenar é analisado apenas do ponto de vista de uma sequência de movimentos em si, o corpo deixa de ser o veículo de uma ação situada para ser a meta. Seu projeto motor foi reduzido, perdeu-se a zona de reflexão e de subjetividade, perdeu-se o espaço humano.

Com esse mesmo exemplo do aceno a um amigo, é possível inferir a relação entre corpo e consciência, pois o gesto só tem sentido porque foi dirigido a uma

situação específica, em que ação e reflexão formam uma totalidade. Isso decorre da característica intencional da própria consciência:

A partir do momento em que há consciência, e para que haja consciência, é preciso que exista um algo do qual ela seja consciência, um objeto intencional, e ela só pode dirigir-me a este objeto enquanto se 'irrealiza' e se lança nele, enquanto está inteira nesta referência a... algo, enquanto é puro ato de significação. Se um ser é consciência, é preciso que ele seja apenas um tecido de intenções. Se ele deixa de se definir pelo ato de significar, ele volta a cair na condição de coisa, a coisa sendo justamente aquilo que não conhece aquilo que repousa em uma ignorância absoluta de si e do mundo. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 172).

Para a intenção realizar-se necessita de um objeto, quando se dirige a algo. O movimento não se determina como causa, e sim como objeto intencional.

A consciência precisa de um objeto para expressar-se, para ser consciência; e o corpo põe-se nessa condição, isto é, como "objeto" de consciência. Ele não é um meio intermediário entre o mundo exterior e a consciência, mas possui uma inteligibilidade, uma intenção, um sentido de totalidade que se manifesta no movimento e no entendimento simultaneamente; numa palavra, na motricidade.

A intencionalidade da consciência é o que garante a relação entre o sujeito e o objeto, o que confere a originalidade do ser no mundo, rompendo com o dualismo entre o nível psíquico e o nível biológico; a motricidade é o que efetiva essa possibilidade, sendo, portanto, a característica primeira do corpo-próprio, fazendo-o ser um corpo vivo, dotado de significação.

Os dois aspectos, motricidade e corporeidade, entrelaçam-se formando uma unidade que se torna visível nos movimentos, sejam eles referentes às ações cotidianas ou aos hábitos motores mais complexos, como a dança, a ginástica, os esportes. Na fala de Merleau-Ponty (1994):

O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significado: é o caso dos hábitos motores como a dança. Ora enfim a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa um instrumento, e ele projeta em torno de si um mundo cultural. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 203).

Nesse processo de criação da cultura, há toda uma organização corporal, uma maneira própria de acolher a nova situação e de vivê-la. Apreende-se o mundo pela percepção e pela atribuição de significados. E essa apreensão não é puramente intelectual, mas motora; requer uma ação.

O ser humano é o seu corpo, um corpo que habita o espaço e o tempo e que realiza a minha (nossa) existência por meio de meus (nossos) gestos, minhas (nossas) ações em direção ao outro e aos meus (nossos) projetos existenciais. Importa lembrar que o ato motor não se restringe ao biológico, mas amplia a existência.

E é por isso que é preciso trabalhar o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, suas expressões, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade, seus talentos. Algo deve ser feito para que o aluno possa ampliar seus referenciais do mundo e trabalhar com todas as linguagens, especialmente a corporal, que se integra ao processo interdisciplinar.

Deixando de lado os dogmas arraigados no dualismo, quero mostrar sua influência durante todo o percurso de uma pesquisadora que, com o seu corpo, seu “templo sagrado”, trilhou em busca de conhecimento, de romper barreiras, e construiu um caminho para as experiências diferenciadas, como possibilidades de transformação, tornando o “Ser” alguém completo de fato.

Como ensina Freire (1991, p.18), “a derrubada dos muros da escola poderá integrar a educação ao espaço vivificante do mundo e ajudará o aluno a construir sua própria visão do universo”.

É necessário que haja, por parte do educador, mais questionamentos sobre a Educação. Para isso, aquele deve estar mais aberto, mais vivo, refletindo sobre seu cotidiano pedagógico.

Após o término do mestrado, iniciei minhas experiências no ensino superior, no curso de Educação Física. Desafiador, foi o primeiro contato com a formação acadêmica. Precisei romper várias barreiras, enfrentar a sala de aula, preparar as aulas, pôr em prática todo aprendizado e o desejo de compartilhar.

Percebia, naquele momento, palavras de Merleau-Ponty ecoando:

[...] não podemos, em consequência, aplicar à percepção a distinção clássica de matéria e forma nem conceber o sujeito que percebe como uma consciência que “interpreta”, “decifra”, ou “ordena” uma matéria sensível da qual possuiria a lei ideal. A matéria é “grávida” de

sua forma, o que quer dizer, em última análise, que toda percepção tem lugar num certo horizonte e enfim no “mundo” e que ambas nos são presentes mais praticamente do que explicitamente conhecidas e colocadas por nós e que, enfim, a relação de certo modo orgânica do sujeito perceptor e do mundo comporá por princípio a contradição da imanência e da transcendência. (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 42).

Sentia todo o movimento do aprendizado, percebia que o tempo era meu aliado, sobretudo nas reflexões, entendimentos e percepções.

Atuando com a formação acadêmica no curso de Educação Física, assumi a Coordenação de Pedagogia. Mais um desafio, cuja base era o Mestrado em Educação, em que buscava o encontro com outros talentos, o gosto pela liderança, o estar com várias pessoas ao mesmo tempo, o falar com todos. Também o organizar, o envolver-me com as pessoas, o gosto pela escuta, a participação efetiva na vida dos alunos, sob a orientação dos conteúdos que levam ao conhecimento maior das pessoas. O atendimento individual permite conhecer melhor o outro, abre espaço para conhecer suas histórias, construir junto o conhecimento, discutir propostas, refletir sobre a própria prática. Esses exercícios tornaram-se uma constante em meu dia a dia.

Em meio a tudo isso, entre um aluno e outro, orientações, desabafos, trocas de experiências, escuta, diálogos, críticas e discussões sobre a escola, procurei estar ao lado deles, colaborando com o suporte teórico, respaldando-os em seus desafios. Sentia a necessidade de aprofundar um pouco mais isso tudo.

Fui então buscar aprofundamentos nas questões sobre a interdisciplinaridade, centro das reflexões do capítulo a seguir.

2 CORPO PRÓPRIO: a construção histórica da interdisciplinaridade na relação com a formação do educador



Fig. 07. Imagem do Jardim do Santuário Xintoísta Heian - Kioto/Japão.²¹

A lógica que a interdisciplinaridade imprime é a da invenção da descoberta, da pesquisa, da produção científica, porém gestada num ato de vontade, num desejo planejado e construído em liberdade.

Fazenda (1991, p. 31)

O processo histórico a que remete o título deste capítulo apresenta-se como recurso indispensável para mostrar a parceria estabelecida no encontro com a interdisciplinaridade referendada, praticada e estudada por Fazenda durante um período de mais de trinta anos. Foi ali que encontrei argumentos e suporte teórico para fundamentar o projeto em questão. Essa parceria que se estabelece no diálogo interdisciplinar com autores ou parceiros e o desejo e a vontade de entender como me pautar por esse instigante contexto de caráter interdisciplinar, por vezes complexo, apontam a grande necessidade de um encontro entre sujeitos que se construa socialmente.

Esse desejo nasce da intencionalidade de inovar, não só os currículos escolares, por meio de conceitos novos, mas também as ações no processo de formação, as atitudes. É hora de mudanças, de consciência do ser interdisciplinar, da descoberta de talentos, do reconhecimento de nossas histórias de vida, do

²¹ **Fonte:** Acervo da pesquisadora/dez./2011.

encontro nos processos de autoconhecimento, do fazer centrado no ser, do estudo e pesquisa para o aprofundamento nos princípios interdisciplinares.

2.1 Qual o sentido da abertura para o conhecimento interdisciplinar?

A busca de sentido surgiu na continuidade dos estudos, período de reflexão: gostaria de estudar e pesquisar algo novo, mas num contínuo aprofundamento dos conhecimentos sobre o ser humano em sua totalidade.

Após iniciar um curso de Docência no Ensino Superior, em Guarulhos/SP, no formato de especialização, fui percebendo que minha busca relacionava-se com a interdisciplinaridade e o autoconhecimento, associados a questões que envolviam o corpo. Também fui percebendo a diferença entre posicionamentos de diferentes educadores quanto à compreensão do ser.

Os textos propostos pelos educadores, as discussões em sala, todas as reflexões desses momentos fizeram que eu pudesse olhar para minha prática em sala de aula e ter ainda mais a convicção de que procurava atuar como educadora da maneira mais humana possível na descoberta da parceria.

Convidada, pelo líder (Ruy César do Espírito Santo), a participar do grupo de pesquisa do Grupo INTERESPE²² (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação), vinculado à PUC/SP, mergulhei nesse contexto com a certeza de que encontrava espaço de valorização do ser humano e de um olhar diferenciado para o aspecto da pesquisa e do ensino e das possibilidades de transformação.

Em constante diálogo e troca de ideias com o Prof. Dr. Ruy César do Espírito Santo²³ e a Prof^a. Dr^a. Ana Maria Ramos Sanches Varella²⁴, também

²² INTERESPE - Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação da PUC/SP, que discute as questões da interdisciplinaridade, autoconhecimento e espiritualidade na educação, por meio de encontros mensais, leitura, reflexões de textos, participações em palestras, cursos, congressos, com o objetivo de transformar nosso cotidiano escolar e o meio onde estamos inseridos.

²³ Professor da Faculdade de Educação da PUC/SP, onde coordena o INTERESPE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação), Mestre em Educação, pela PUC/SP, Doutor em Filosofia da Educação pela Unicamp. Professor de Pós-Graduação em diversas instituições. Autor e coautor de várias obras.

²⁴ Doutora em Educação, Mestre em Gerontologia, Psicopedagoga e Licenciada em Letras, com pós-doutorado em Educação, na linha de pesquisa Interdisciplinaridade, é autora das obras: A

integrante do INTERESPE, passei a fazer parte do GEPI²⁵, sob a orientação e tutoria de Prof^a. Dr^a. Ivani Catarina Arantes Fazenda. Meu desejo seria ingressar no curso de Doutorado.

Iniciei, com as leituras sobre a Interdisciplinaridade de Ivani Fazenda, uma escuta silenciosa. Assim, durante seis meses só ouvia, percebia a complexidade de ser interdisciplinar, o quanto temos que nos esforçar para compreender esse universo de estudos. Sabia que somente um mergulho nas obras poderia dar-me suporte necessário para a construção do projeto.

Essas reflexões subsidiaram meus pensamentos acerca do grande potencial do ser humano, do que ele pode alcançar e construir, e do que é necessário para isso: ele precisa de alguns degraus, precisa construir pontes, precisa encontrar-se, estabelecer conexões entre teorias, práticas e inter-relacioná-las.

Nesse processo tão minucioso e instigante de compreensão, encontrei Fazenda (2011):

Todo projeto interdisciplinar competente nasce de um lócus bem delimitado, portanto, é fundamental contextualizar-se para poder conhecer. A contextualização exige uma recuperação da memória em suas diferentes potencialidades, portanto, do tempo e do espaço no qual se aprende. (FAZENDA, 2011, p. 22).

Entre num grande discutir e dialogar, tanto com as leituras de Fazenda, quanto com a minha história no processo de formadora e pesquisadora, na aplicação da minha prática e em estudos constituídos a partir de minhas indagações e inquietudes diante de um panorama educacional mais reflexivo. Desde o momento em que entrei em contato com esses estudos, lancei-me na construção de um projeto na tentativa de contribuir com o despertar de um educador que pensa, age e

comunicação Interdisciplinar na Educação; Envelhecer com desenvolvimento pessoal e Quinta série, um bicho de sete cabeças?

²⁵ O GEPI-Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade foi criado em 1981 pela Prof^a. Dr^a. Ivani Catarina Arantes Fazenda. O Grupo teve seu reconhecimento pela CAPES em 1986 e é composto por pesquisadores atuantes nas mais variadas áreas do saber. Ligado a Universidades e Instituições de pesquisa do Brasil e do exterior, esse grupo trabalha como massa crítica na elaboração de reflexões sobre a Interdisciplinaridade. O GEPI construiu, ao longo de sua história, parcerias de pesquisa entre grupos de estudo sobre a interdisciplinaridade no Brasil e no mundo. Atualmente mantém contato permanente entre vários de seus interlocutores. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/gepi/>> acesso em 11 de setembro de 2012.

sente interdisciplinarmente e que, de forma consciente, deseja participar da formação de outros seres.

Nesse projeto de entrada no doutorado, minha construção relacionava-se ao ser humano, a um trabalho cujo resultado pudesse mostrar a verdadeira conexão entre os movimentos internos e externos, aliados às práticas educativas diferenciadas, incentivando à descoberta dos talentos, formando algo que viesse de dentro. Paralelamente, alguns questionamentos: O que será que desejo saber? O que será que quero desenvolver? E foi nesses estudiosos da interdisciplinaridade e do autoconhecimento que encontrei o caminho para superar a compreensão do ser em sua totalidade.

Nesse aprofundamento e tentativa de buscar conceitos, cito Fazenda (2011), para quem:

[...] a formação na educação pela e para a Interdisciplinaridade se impõe e precisa ser concebida sobre bases específicas, apoiadas por trabalhos desenvolvidos na área, referendados em diferentes ciências que pretendem contribuir desde as finalidades particulares da formação profissional até a atuação do professor. A formação à Interdisciplinaridade (enquanto enunciadora de princípios) pela Interdisciplinaridade (enquanto indicadora de estratégias e procedimentos) e para a Interdisciplinaridade (enquanto indicadora de práticas na intervenção educativa) precisa ser realizada de forma concomitante e complementar. Exige um processo de clarificação conceitual que requer alto grau de amadurecimento intelectual e prático, uma aquisição no processo reflexivo que vai além do simples nível de abstração, mas requer a devida utilização de metáforas e sensibilizações. (FAZENDA, 2011, p. 23).

Surge, nesse contexto, a necessidade de percepção que influenciou o processo da pesquisa tanto quanto a intervenção do professor-pesquisador no viés interdisciplinar.

Percebo que os movimentos socioeducativos representam uma força importante, fazendo que professor e aluno possam ir ao encontro um do outro a fim de se conhecerem e se entenderem melhor, seja relatando sua história, reescrevendo sua trajetória, construindo conhecimento, ou buscando o próprio “eu”.

Nesse contexto entre construção de projeto de doutorado e experiência de dez anos como coordenadora de curso de formação de professores e como educadora, sentia o desejo de contribuir mais com os “corpos” que adentravam nossos espaços. Já observava há muito tempo quem eram essas pessoas, mas

ainda faltavam respostas a algumas questões: O que buscavam para serem educadores? De onde vieram? Quais eram seus desejos? Teriam sido eles retidos ou adestrados ao longo de suas trajetórias e de suas histórias de vida? Por que vieram? Será que uma estrutura curricular apontada pelas diretrizes daria conta de dizer que currículo era este? Formava quem e para quê?

Convivendo com essas indagações e percebendo que, de alguma forma, poderia estabelecer parcerias entre os conhecimentos e as áreas distintas, criei uma disciplina no currículo que vinha ao encontro da criação do conhecimento (citada adiante) e por meio da qual pudesse mostrar um pouco como os seres se conhecem, como fazem suas escolhas e como são livres quando se descobrem seres interdisciplinares, quando se apropriam de conhecimentos que permitam alçar voos para a contribuição própria e de seus semelhantes.

Acreditei, desde um primeiro instante, no caráter necessário do trabalho interdisciplinar na produção e na socialização do conhecimento no campo educativo. Necessidade que tem seu desdobramento no sujeito, a quem cabe produzir na condição de ser social, despertando a possibilidade de contribuição como objeto do conhecimento social.

Percebi, ao longo dessa trajetória, que a produção do conhecimento e sua socialização ou negação para determinados grupos e classes não são alheias ao conjunto de práticas e relações que produzem os homens num determinado tempo e espaço. Ao contrário, nelas os seres encontram a sua efetiva materialidade histórica.

Nos lugares que percorri e onde pus em prática a visualização/admiração pela busca do conhecimento, as trocas permitiram-me esse mergulho na memória. Adentrei-me num processo dialético da realidade social, explorei a natureza intersubjetiva, compartilhei, troquei, estabeleci parcerias, atravessei oceanos, oásis. Os movimentos são um constante e imprescindível caminho para o entendimento da interdisciplinaridade como necessidade que se faz presente na construção do conhecimento, social, coletivo, individual e intelectual.

Cada um precisa investigar, compreender suas dificuldades, sua necessidade de ampliar, de conhecer e se envolver, fazer o movimento singular de encontros, perceber a grandeza e sentir as possibilidades de transcender no seu (meu, nosso) propósito maior. Compartilho essa escolha – a de ser interdisciplinar –,

por entendê-la como caminho para vislumbrar e explorar as formas, as cores, os sabores, as palavras, os gestos, vinculados às expressões corporais e à cultura.

Nesse contexto de busca de investigação Interdisciplinar, sinto a necessidade de destacar esse processo histórico necessário para pesquisa e estudos, considerando a relevância de anunciar de onde surgem esses aprofundamentos, quais suas origens, trazidas sobretudo por Fazenda (2011a) durante as últimas décadas.

Para a pesquisadora:

Muito mais que acreditar que se aprende a Interdisciplinaridade praticando-a ou vivendo-a, estudos mostram que uma sólida formação à Interdisciplinaridade encontra-se extremamente acoplada às dimensões advindas de sua prática em situação real e contextualizada. (FAZENDA, 2011a, p. 23).

Entrei nesse campo acreditando em possibilidades para transformar a mim e a tantos outros parceiros, tanto que compartilho um pouco do que fui construindo ao longo dos aprendizados. Para isso, as experiências compartilhadas em sala de aula foram contextualizadas de uma forma bem dinâmica e com fundamentos epistemológicos pertinentes ao propósito.

2.2 O sentido da interdisciplinaridade na formação do educador



Fig. 08.- Mona Lisa (Gioconda): Principal obra de Leonardo Da Vinci. Museu do Louvre/Paris/França.²⁶

Interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. Exige, portanto, na prática, uma profunda imersão no trabalho cotidiano. (FAZENDA, 2002, p. 11).

A interdisciplinaridade imprime sentido a um arsenal de conceitos práticas, teorias, fazeres, intervenções, entre tantos outros procedimentos metodológicos. Merece destaque um artigo em que Fazenda (2009, p. 1), referindo-se ao período de 2000, 2004 a 2008, mostra o grande número de estudos e pesquisas sobre interdisciplinaridade desenvolvidos em vários centros. Trata-se de uma publicação feita na REVISTA BRASILEIRA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – RBFP, da PUC/SP, referenciando estudos de diferentes pesquisadores da Europa, Canadá, Estados Unidos e América do Sul que se reuniram no Canadá, no Chile e em Marrakesh para discutir questões referentes à formação de professores em todos os aspectos que permeiam a interdisciplinaridade.

Esses encontros marcaram sua historicidade, baseados no contexto e aprofundamento postos em debate (LENOIR²⁷; FAZENDA, 2001) e propiciados pela

²⁶ **Fonte:** Acervo da pesquisadora/jun./2012.

mais antiga associação de Educação AMCE-Associação Mundial de Ciências da Educação/ UNESCO. Por intermédio desses debates, surgiram alguns posicionamentos sobre a interdisciplinaridade na formação de professores. Fazenda (2009), por exemplo, argumenta sobre:

[...] a necessidade de considerar-se o caráter polissêmico da Interdisciplinaridade. Principalmente quando tratamos de formação de professores uma questão a ser considerada é a seguinte: somente a partir de uma profunda exegese da definição que adotamos sobre Interdisciplinaridade será possível estabelecer a função que a mesma desempenha nessa formação. (FAZENDA, 2009, p. 103).

Percebo, nas reflexões e posicionamentos da autora, que, no âmbito desse campo conceitual, busca-se a análise da interdisciplinaridade, de que deriva a possibilidade de explicitação de seu espectro epistemológico e praxeológico. Constato que os saberes estão cada vez mais fragmentados e os educadores cada vez mais necessitados de aprofundamentos e discussões de práticas capazes de integrá-los.

Menciono e resgato esse campo conceitual como movimento passível de discussão na área de formação do professor, em particular no que se refere às disciplinas e currículos envolvidos nas ponderações de Fazenda (2009, p.103), que remetem à questão: Como a interdisciplinaridade se define quando a intenção é formar professores?

Existe um contexto por trás dessa questão, proporcionando subsídios para a discussão (adiante) acerca da necessidade de desenvolver um longo caminho de acordo com os aprofundamentos interdisciplinares. Apoiada em releituras, a pesquisadora-símbolo da interdisciplinaridade menciona uma definição clássica produzida (1970) pelo CERI²⁸ :

Interdisciplinaridade é definida amplamente como uma interação existente entre duas ou mais disciplinas. Essa interação, segundo

²⁷ Yves Lenoir - Doutor em Sociologia do Conhecimento, Professor titular do Departamento do Ensino Pré-Escolar e Primário da Faculdade de Educação da Universidade de Sherbrooke, Quebec.

²⁸ Centro para Pesquisa e Inovação do Ensino – órgão da OCDE (Documento CERI/HE/SP/2009).

esse estudo, pode ir da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos chaves da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino relacionando-os. Tal proposição como se pode constatar não é suficiente nem para fundamentar práticas interdisciplinares e nem para pensar-se uma formação interdisciplinar de professores. (FAZENDA, 2009, p. 104).

Percebo que esses estudos aprofundados sobre o tema mostram o desenvolvimento necessário para ampliar e decodificar a forma de conceber a interdisciplinaridade.

As questões postas por Fourez²⁹ apud Fazenda (2001, p.104) apontam “duas ordens distintas”, mas que se complementam, para a compreensão de uma formação interdisciplinar de professores: “uma ordenação científica e uma ordenação social”. Essa complementação muitas vezes remete a processos mais minuciosos: Como entender e conduzir a questão interdisciplinar?

Para Fazenda (2009), a ordenação científica conduziria:

[...] à construção do que denominaríamos saberes interdisciplinares, a organização de tais saberes teria como alicerce o cerne do conhecimento científico do ato de formar professores, tais que a estruturação hierárquica das disciplinas, sua organização e dinâmica, a interação dos artefatos que as compõem, sua mobilidade conceitual, a comunicação dos saberes nas sequências a serem organizadas. Essa proposição conduziria à busca da cientificidade disciplinar e com ela o surgimento de novas motivações epistemológicas, de novas fronteiras de existências. (FAZENDA, 2009, p. 104).

Entendo que essa cientificidade instiga o educador a rever sua forma de desenvolver sua prática, possibilitando-lhe, na busca de si mesmo, reconhecer que é possuidor de talentos e que é capaz de rever-se considerando o conceito de interdisciplina. Essas e tantas outras reflexões (e questionamentos) nesse campo do saber foram alicerçando-me para a coragem de lançar-me na elaboração desta tese.

A segunda possibilidade, a denominada “ordenação social”, busca, no entender de Fazenda (2009):

²⁹ Gerard Fourez: Estudioso da física teórica da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos.

[...] o desdobramento dos saberes científicos interdisciplinares às exigências sociais, políticas e econômicas. Tal concepção coloca em questão toda a separação entre a construção das ciências e a solicitação das sociedades. No limite, diríamos mais, que esta ordenação tenta captar toda complexidade que constitui o real e a necessidade de levar em conta as interações que dele são constitutivas. Estuda métodos de análise do mundo, em função das finalidades sociais, enfatiza os impasses vividos pelas disciplinas científicas em suas impossibilidades de sozinhas enfrentarem problemáticas complexas". (FAZENDA, 2009, p. 104 e 105).

Entendo que, diante das duas ordenações anteriores, há um denominador comum: a busca de um saber ser interdisciplinar, que se explicita na inclusão da experiência docente em seu sentido, intencionalidade e funcionalidade, diferenciando o contexto científico do profissional e do prático. (LENOIR, FAZENDA, 2001).

Esses estudos trazem uma compreensão do significado dessas ordenações, e Fazenda (2001) apresenta a necessidade de criar-se uma disciplina da interdisciplina, argumentando que, para isso, já temos conhecimentos suficientemente organizados.

Vejo, neste sentido, a necessidade da interação, da troca de conhecimentos, que nasce muitas vezes do interior de cada um (ontológico), a quem é dada a voz e a vez para a explicitação dos seus desejos de troca (epistemológico), sobretudo quando se discute numa proposta de parcerias e diálogos, num fazer pautado no sentido do ser.

Para Fazenda (2001), trabalhar nesse contexto de disciplina da interdisciplina para formação de professores exige que sejam contemplados vários aspectos dessa formação, guiando-se por olhares diferenciados e profundos, ou melhor, por várias óticas.

Estabelece, nesse sentido, um olhar³⁰ junto ao aprendiz, um saber que requer o cuidado interdisciplinar que emerge das necessidades advindas do espaço que o social habita. Fazenda (2009a), em seu diálogo interdisciplinar, mostra que:

³⁰ O olhar Interdisciplinar é um olhar de dentro para fora e de fora para dentro, para os lados, para os outros. Um olhar que desvenda os olhos e, vigilante, deseja mais do que lhe é dado ver. Um olhar que transcende as regras e as disciplinas, olhar que acredita que só existe o mundo da ordem para quem nunca se dispôs a olhar! Um olhar inflado de desejo de querer mais. De querer melhor, um olhar que recusa a cegueira da consciência. (FAZENDA, 2002, p. 209-255).

[...] as relações estabelecidas entre os saberes disciplinares científicos para formação interdisciplinar de professores envolve a história e origem das disciplinas pedagógicas, organização curricular, estética curricular e design curricular, como nascem as competências, como as mesmas se desenvolvem e como são representadas. As formas de estabelecer competências interdisciplinares nascem na profunda compreensão de suas representações, sejam elas de qualquer natureza, sobretudo a metafórica. Outros saberes necessários requerem uma outra forma de ordenação, disciplinarmente compreendida como metodológica. Seriam entre outros: a investigação hermenêutica e suas imbricações críticas, histórias de vida e suas repercussões, projetos de intervenção e suas dinâmicas. (FAZENDA, 2009, p. 103-104).

Essa reflexão merece destaque no universo da formação, pois toca nas questões fundamentais do contexto pesquisado. Acredito não existir educação sem mudanças profundas no comportamento humano; é necessária uma percepção revolucionária no interior de cada educador.

No que tange às fronteiras disciplinares, Fazenda (2009b) comenta:

[...] desde que a interdisciplinaridade requer uma reordenação dos saberes para atender paradoxalmente a duas ordens complementares: a científica e a social, outro aspecto a ser pesquisado na questão da formação interdisciplinar de professores é a reexploração das fronteiras das disciplinas científicas na área da educação e a observação cuidadosa das zonas intermediárias a elas subjacentes. (FAZENDA, 2009b, p. 106).

Incluo outras exigências metodológicas de análise existentes que merecem ser contempladas, fazendo contraponto aos dizeres da autora sobre as questões relevantes desse processo histórico.

Encontro, nessas questões relevantes, o processo dialógico fazendo-se presente, pois Fazenda (2009, p. 106) aponta que há:

[...] neste sentido o enfrentamento de três diferentes lógicas metodológicas: a busca de sínteses conceituais, respostas operacionais às questões sociais e reflexões epistemológicas sobre a interação dos saberes disciplinares. Mais que uma metodologia de trabalho, esse tipo de formação interdisciplinar exige uma atitude de pesquisa onde a observação, o registro, a análise e a síntese são contempladas. A reconstrução teórica dos saberes nascerá dos embates singularmente vividos e expressos. (FAZENDA, 2009, p. 106).

Esse é um ponto que merece observação cuidadosa, pois remete para a unidade do ser humano e para o sentido da vida, fazendo-se presente nas ações dialógicas dos sujeitos, eternizando os sentidos do que se constrói em parceria.

Fazenda (2009) complementa que:

[...] “toda disciplina científica ao menos em sua origem nasce de uma interdisciplinar” (Stchweh, 1991, Serre, 1989), porém a reexploração das fronteiras das disciplinas científicas e as zonas intermediárias entre elas remetem ao cuidado na organização dos saberes e dos conhecimentos científicos. Como dissemos anteriormente o recurso à interdisciplina se impõe em função da exigência de um outro método de análise do nosso mundo, mas também em função das finalidades sociais, já que as disciplinas sozinhas não poderiam responder adequadamente às problemáticas altamente complexas. (FAZENDA, 2009a, p. 106).

Nesse encontro de saberes, em se tratando da formação de professores, necessita-se da reafirmação que possibilita a discussão de conceitos, o ir ao encontro das disciplinas, o criar possibilidades e o planejar para a abertura sobre as práticas sociais, considerando os avanços tecnológicos e suas inserções no campo do saber. Considerando a individualidade do ser humano, é certo que cada um aprende em momentos e tempo diferentes. É necessário, portanto, desenvolver, criar e ampliar, de acordo com esses passos, em direção ao processo de ser interdisciplinar, novas formas de projetar o processo individual do ser humano, instigando uma nova visão dos educadores.

Nessa busca incansável de fazer reverberar minhas intenções, proposições e entrada nesse campo de criar um conhecimento capaz de ampliar conceitos e levar os indivíduos ao seu grande potencial, mais uma vez cito Fazenda (2009):

[...] as pesquisas no âmbito brasileiro apontam para a necessidade de uma análise introspectiva do educador e de suas práticas de maneira a fazer ressurgir de seu ser a ajuda e o auxílio necessários que lhe são desconhecidos. Principalmente revendo às experiências humanas e sobre as maneiras como as coisas se apresentam sendo possível chegar-se ao aluno e sua experiência, despertando-o para uma nova concepção de ser humano. (FAZENDA, 2009, p. 107).

Existem caminhos que podem ser percorridos para que o educador encontre sentido em sua questão profissional, de acordo com as proposições de Fazenda (2009, p.107): “para este estudo, essas pesquisas apontam para a necessidade da

coalizão de três lógicas na formação interdisciplinar de professores, **Sentido, Intencionalidade e Funcionalidade**".

Percebo o profissional que sou e em que me torno quando crio sentido para o que faço. Observo que, ao atravessar as dificuldades e superar obstáculos, sigo em direção à intencionalidade do que me proponho, em favor da funcionalidade, que consiste não só de busca de superação, mas também de transformação de meu entorno e de ampliação de minhas competências. A interdisciplinaridade proporciona esse mergulho em mim mesma por meio da grande abertura para o novo e do despertar dos sentidos.

Fazenda (2009, p. 107-8) faz apontamentos pertinentes acerca do saber SER:

[...] indicando o surgimento de possibilidades na descoberta de formas de apoiá-los para o estudo dos objetos inteligíveis e a utilização das atitudes reflexivas para seu agir. Sem negligenciar o saber disciplinar, a prática pedagógica interdisciplinar obriga o professor em exercício a melhor se conhecer e a conhecer suas práticas interdisciplinarmente, diferenciando o contexto científico do profissional e do prático. (FAZENDA, 2009b, p. 107-108).

Interagindo de formas distintas e com diferentes interpretações, a carência por espaço de possibilidades se faz presente. Esse espaço pode ser atribuído ao espaço da formação, em que, segundo Fazenda (2009, p. 108), podem surgir as reflexões, que "subsidiarão as reações pessoais e profissionais para que o ato educativo seja permeado por ações adequadas e intervenções eficientes no processo de crescimento intelectual e pessoal dos educando".

Apoiada nessa busca pela cooperação mútua aos educandos e nas práticas corporais, alicercei-me na interdisciplinaridade como base ou fundamento para a implantação de uma disciplina no currículo do Curso de Pedagogia, com uma abordagem sobre **interdisciplinaridade, autoconhecimento e práticas educativas**, trazendo objetivos sobre esses princípios desafiadores. Sentia a necessidade de transmitir ao grupo o sentido de suas ações, de tirar de dentro seus talentos, sempre com a preocupação de que esses conhecimentos considerados novos ao educador pudessem desencadear novas ações. Retomo aqui o que

mencionei, algumas páginas atrás, sobre a teoria da criação de conhecimento pesquisada e desenvolvida, segundo Ivani fazenda, pelos japoneses.

Encontrei-me no desejo de ser autora em interdisciplinaridade, durante um longo período de participação no GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade – PUC/SP), construindo ATAS, registrando todas as aulas. Ao mesmo tempo em que acompanhava as aulas no GEPI, junto aos pesquisadores, acontecia minha aplicação na sala de aula da Faculdade, onde lecionava essas práticas que, concomitantes, abriram meus horizontes, confirmaram as possibilidades da autoria do ser educador. Tantos registros possibilitaram a escrita de vários artigos publicados em parceria, o que só se torna possível se o educador estiver aberto a trilhar esse caminho, a desenvolver esse propósito em sua trajetória como pesquisador interdisciplinar.

Esse ato desejável de ser autora só foi possível com o incentivo e apoio de minha orientadora, no espaço do grupo de pesquisa, onde era permitido assistir a diversas apresentações de teses e dissertações, bem como acompanhar, analisar e discutir como esses pesquisadores concluíam suas pesquisas, quais contribuições relevantes suas pesquisas apresentavam, quais foram os caminhos percorridos por eles. Isso permitiu aos integrantes do grupo participar de encontros, construir resenhas sobre as teses e artigos apresentados pelos participantes do grupo, aprofundar nas leituras de toda publicação existente sobre a questão da interdisciplinaridade disponível no *site* do GEPI e em seu acervo bibliográfico. Também foi possível visitar outros países, fazendo um trabalho intercultural, com intuito de levar e buscar novos aprendizados, participar de seminários, congressos, apresentar e publicar artigos, trocar conceitos, trazer e levar o novo, abrindo espaços para revisitar culturas e até mesmo apropriar-se de outros conceitos. Nesse horizonte sem fronteiras e recheado de possibilidades, os trabalhos interdisciplinares levaram-me ao Japão, Turquia, França, EUA e aos eventos brasileiros, permitindo-me um conhecimento com novos olhares revisitando o velho.

3 CORPO VIVIDO: a teoria da criação do conhecimento relacionada ao ensino interdisciplinar



Fig. 09. Imagem do Torii (portão do santuário) de Heian Jingu, Kyoto/Japão.³¹

Portal que nos mostra entrada,
Passagem para um lugar sagrado,
espaço da sala de aula. Lugar de encontro.
A pesquisadora.

A intencionalidade de relacionar a teoria da criação do conhecimento com o ensino interdisciplinar parte do pressuposto de que as parcerias estabelecem-se dentro de um contexto de oportunidades. Discutindo os rumos e a funcionalidade deste estudo, o educador Prof. Dr. **Arnoldo Hoyos**³², integrante da banca, sugeriu-me o aprofundamento na teoria da criação do conhecimento. Foram descobertas semelhanças entre essa teoria e a pesquisa pautada na interdisciplinaridade, ao **criar**, implantar e ministrar a disciplina no currículo do Curso de Pedagogia (**Interdisciplinaridade, Autoconhecimento e Práticas Educativas**) com o objetivo de propiciar aos pesquisados vivenciar a relação existente entre a dimensão ontológica (conhecimento tácito) e a dimensão epistemológica (conhecimento explícito) e, conseqüentemente, levar novos conhecimentos para os espaços de

³¹ **Fonte:** Acervo da pesquisadora/dez./2011.

³² PhD pela Universidade da Califórnia, em Berkeley e Pós-Doutorado na Universidade de Oxford. Professor do Programa de Estudos Pós-graduados em Administração da PUC-SP. Fundador-responsável pelo Núcleo de Estudos do Futuro – NEF da PUC-SP, que representa no Brasil o Projeto Milênio. Fundador da ONG Gira Sonhos. Editor da Revista Internacional de Inovação e Sustentabilidade – RISUS.

trabalho onde estarão atuando. Adentrei esse campo de pesquisa por novos conceitos e encontrei as semelhanças mencionadas pelo educador. Os estudos estabeleceram as relações entre essa teoria, difundida por **Hiroataka Takeuchi** e **Ikujiro Nonaka** e a investigação interdisciplinar praticada e pesquisada por **Ivani Fazenda**. Para Fazenda (2002):

[...] a investigação interdisciplinar diferentemente de outros procedimentos de pesquisa, não se baliza por métodos, mas alicerça-se em vestígios. Os vestígios apresentam-se ao pesquisador não como verdades acabadas, mas como lampejos de verdade. Cabe ao investigador decifrar e reordenar esses lampejos de verdade para intuir o que seria a verdade absoluta, total, os indícios do caminho a seguir. (FAZENDA, 2002, p. 22).

A investigação interdisciplinar pode ser exercida por meio de metáforas, a partir do ato de desvendar em espiral. Na teoria do conhecimento, isso é chamado de “espiral do conhecimento”, em que a interação entre conhecimento tácito e conhecimento explícito terá uma escala cada vez maior à medida que subirem os níveis ontológicos. Segundo Nonaka; Takeuchi (1997, p. 82), “assim a criação do conhecimento é um processo em espiral, que começa no nível individual e vai subindo, ampliando comunidades de interação que cruzam fronteiras”.

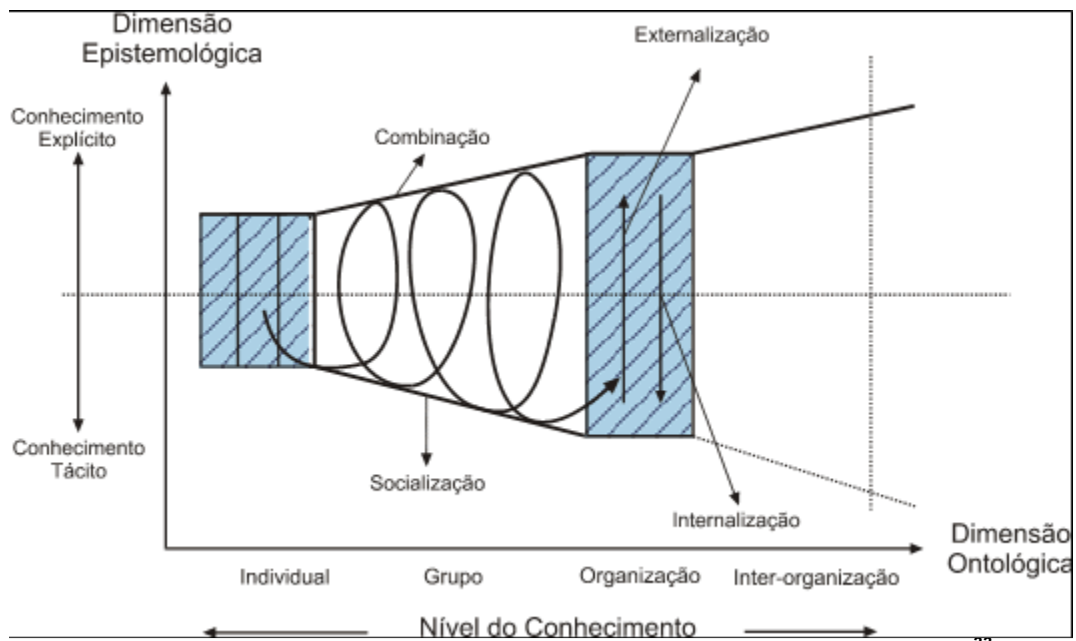


Fig. 10. Imagem Espiral de Criação do Conhecimento Organizacional.³³

³³ Fonte: Nonaka; Takeuchi (1997, p. 82).

Nesse exemplo, é necessário um processo de socialização, de compartilhamento, do conhecimento tácito entre os indivíduos. Tanto a socialização quanto a externalização são necessárias para associar o conhecimento tácito ao conhecimento explícito das pessoas, permitindo o processo coletivo e cooperativo.

Na espiral interdisciplinar, tal como na física, por exemplo, esse processo não se completa linearmente, e sim pontualmente, como no exemplo da teoria da criação do conhecimento de Nonaka e Takeuchi. Os pontos da espiral interdisciplinar articulam-se de forma gradual, não de uma única vez, mas todos os pontos que aparecem têm a ver com os que os antecederam. Nesse contexto, para relacionar as teorias, evoco a explicação de Fazenda (2002, p. 23):

[...] o primeiro ponto é a primeira pergunta que nasce do investigador por intermédio da experiência ou da vivência pessoal. A vivência pessoal leva a experienciar sensorialmente e a viver o conhecimento em suas nuances. À medida que se vive o conhecimento, inicia-se um caminho de reflexão sobre o vivido e nele o encontro com teóricos de diferentes ramos do conhecimento. A espiral se amplia ao retornar à consciência pessoal. A pesquisa da interdisciplinaridade serve-se da forma de investigação aqui explicitada, por compreender que esta é uma das formas que nos permite investigar as atitudes subjacentes às inquietações e incertezas dos diferentes aspectos do conhecimento. (FAZENDA, 2002, p. 23).

Percebi, junto com a orientadora, as interações entre o conhecimento ontológico e o epistemológico dentro do projeto de tese. Este trabalho resultaria na prática pedagógica envolvendo o conhecimento praxeológico, que seria também um desafio que iria enfrentar, observando seja através da Fenomenologia, filosofia ou até mesmo conhecimentos diferenciados ao nosso campo do saber, requerendo cuidados minuciosos na descrição dos motivos e movimentos que envolveriam estas práticas. Neste sentido pautei-me no desejo de socializar este conhecimento e compartilhar principalmente o conhecimento tácito que no processo geraria o explícito através do compartilhamento.

Ao selecionar e identificar os caminhos que levariam a criar algo diferente dentro do conhecimento, diferente no sentido a que me propus a pesquisar dentro de minha própria prática, o maior desafio foi após anos de acompanhamento e revisão do currículo em formação de professores do curso o qual coordenava, trabalhar com conceitos historicamente organizados no campo a ser pesquisado.

Referendo Fazenda (2002):

[...] quando diz que um olhar interdisciplinarmente atento recupera a magia das práticas, a essência de seus movimentos, sobretudo, nos induz a outras superações, ou mesmo reformulações. Exercitar uma forma interdisciplinar de teorizar e praticar. (FAZENDA, 2002, p. 23).

O desejo acompanhado dos desafios nesse começo foi encontrar os suportes teóricos que teria formalmente para desenvolver aquilo que rotulo como necessidades, citados por Fazenda (2002) no capítulo anterior, Sentido, Intencionalidade e Funcionalidades:

Educação demanda, antes de mais nada, o exercício de uma atitude ambígua. Estamos tão habituados à ordem formal convencionalmente estabelecida, que nos incomodamos quando somos desafiados a pensar a partir da desordem ou de novas ordens que direcionam provisórias e novas ordenações. O sentido da ambiguidade em seu exercício maior impele-nos ao mesmo tempo a encontrar o caos e a buscar a matriz de uma ordem, de uma ideia básica de organização. Navegar na ambiguidade exige aceitar a loucura que a atividade interdisciplinar desperta e a lucidez que ela exige. Seu caráter ideologizante torna toda produção "metadisciplinar", isto é, causada e causante, ajudada e ajudante, mediatizada e mediatizante — portanto, sempre passível de confronto, de inquirição, de dúvida. Toda ambiguidade nasce de uma ação deliberada, de um sujeito individual ou coletivo, em resposta a determinado *ethos*. (PEREIRA, 1997 *apud* FAZENDA, 2002, p. 24).

Foi, sem dúvida, um grande exercício sentir-me interdisciplinar em minhas ações, desejar compartilhar experiências e pôr em prática os princípios interdisciplinares – coerência, respeito, humildade, espera, desapego e olhar – definidos por Fazenda, no seu Dicionário em construção, meu grande eixo norteador nas leituras do campo interdisciplinar. Dediquei-me ao propósito de aprofundá-lo por meio da constituição de forças e intencionalidades orientadas para a realização de um ato, de uma figura existencial, um modo de ser no mundo. Para Fazenda (2002, p. 24), “a referida aquisição de uma atitude interdisciplinar envolve, pois, um universo de tramas, experiências e pensamentos, que constituem a lógica singular de cada um, sua marca registrada, aquela que nos define como professores”.

Outro conhecimento fundamental foram os modelos inspiradores trabalhados nos aprofundamentos sobre o autoconhecimento proporcionados pelo educador Espírito Santo (2007, p. 66), que aponta “a importância para a formação de um

Educador em percorrer tal caminho para o autoconhecimento. Sim, se isso não ocorre, teremos, seguramente, “**cegos conduzindo cegos**”.

Essas escolhas fundamentaram a trajetória teórica, dando suporte à prática, ao aprofundamento nas aplicações.

3.1 O subjetivo aliado ao campo da criação do conhecimento

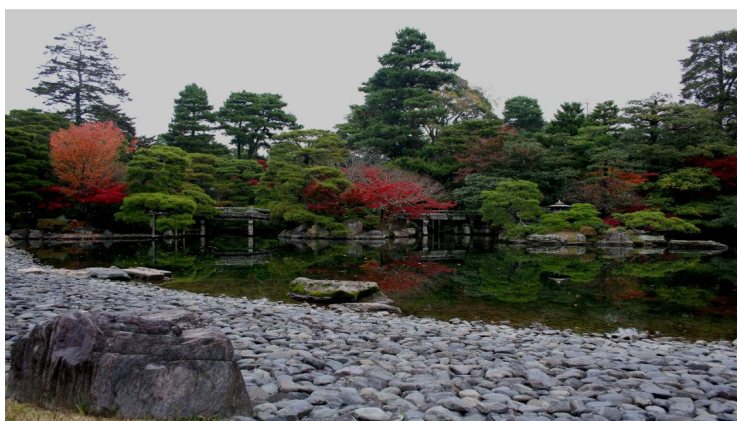


Fig. 11. Imagem do Jardim Imperial Palace/Kioto/Japão.³⁴

Diante do modo de ser no mundo, pautei-me nesse conhecimento acreditando mais uma vez na força existente nas profundezas da totalidade do ser humano, uma vez que não se encontram vestígios do racionalismo cartesiano no pensamento japonês. A unidade do homem e da natureza, a unidade do corpo e mente e a unidade do eu e do outro, essas características constituíram o fundamento da visão japonesa com relação ao conhecimento, bem como da abordagem japonesa às práticas gerenciais. Essas atitudes levaram os japoneses a valorizar a interação entre o eu e o outro. Enquanto a maior parte das visões ocidentais sobre as relações humanas é atomista e mecanicista, a visão japonesa é coletiva e orgânica, valorizando assim o conhecimento subjetivo e a inteligência intuitiva.

Sobre essa teoria, Nonaka e Takeuchi (1997) comentam:

Do ponto de vista deles para inovar algo precisa da interação, quando as organizações inovam, elas não só processam informações, de fora para dentro, com o intuito de resolver os

³⁴ **Fonte:** Acervo da pesquisadora/nov./2011.

problemas existentes e se adaptar ao ambiente em transformação. Elas criam novos conhecimentos e informações, de dentro para fora, a fim de redefinir tanto os problemas quanto as soluções e, nesse processo, recriar seu meio. (NONAKA e TAKEUCHI, 1997, p. 61).

A questão fundamental dessa epistemologia é a distinção entre o conhecimento tácito e o explícito. O segredo, segundo os autores, para a criação do conhecimento está na mobilização e conversão do conhecimento tácito. Para a definição e o entendimento sobre o que é conhecimento tácito, uma das referências teóricas é Michael Polanyi (1891-1976). Esse filósofo ajudou a aprofundar a contribuição do saber tácito para a gênese de uma nova compreensão social e científica da pesquisa, estudando sua relevância para os educadores. Dizia ser o conhecimento tácito aquele que o indivíduo adquiriu ao longo da vida, pela experiência. Geralmente é difícil de ser formalizado ou explicado a outra pessoa, pois é subjetivo e inerente às habilidades de cada um. A palavra "tácito"³⁵ vem do latim *tacitus*, que significa "que cala, silencioso", aplicando-se a algo que não pode ou não precisa ser falado ou expresso por palavras. É subentendido ou implícito, podendo ser mostrado por meio do corpo.

Para Polanyi (1966), o conhecimento tácito é:

[...] espontâneo, intuitivo, experimental, conhecimento cotidiano, do tipo revelado pela criança que faz um bom jogo de basquetebol, expressa domínios corporais, toca ritmos complicados no tambor. Apesar de não saber fazer operações aritméticas elementares. (POLANYI, 1966, p. 82).

Se o professor quiser familiarizar-se com esse tipo de saber, tem de lhe prestar atenção, ser curioso, ouvi-lo, surpreender-se, e atuar como uma espécie de investigador que procura descobrir as razões que o levam a dizer certas coisas. Esse tipo de professor esforça-se para ir ao encontro do aluno e entender o seu próprio processo de conhecimento, ajudando-o a articular o seu “conhecimento-na-ação” com o saber escolar. Esse tipo de ensino é uma forma de “reflexão-na-ação” que exige do professor uma capacidade de individualizar, isto é, de prestar atenção a um aluno, mesmo numa turma grande, tendo a noção do seu grau de compreensão e das suas dificuldades.

³⁵ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Conhecimento_tacito. Acesso em 8 de junho de 2013.

Isso se deve ao fato de se lidar com algo subjetivo, não mensurável, não escrito, quase impossível de ser ensinado formalmente. Esse tipo de conhecimento parece ser mais valioso em virtude de sua difícil captura, registro e divulgação, exatamente por estar ligado ao indivíduo. É o que algumas pessoas chamam de verdadeiro conhecimento. Pode-se dizer que todos possuem esse conhecimento, mas é difícil explicá-lo, pois vincula-se à experiência de vida de cada um, aos conhecimentos que o ser adquire com o passar dos anos, ou seja, é um conhecimento que está dentro de cada um. Possivelmente a melhor forma de transmiti-lo seja pela comunicação oral, no contato direto com as pessoas, pela convivência e interações com os grupos de que se participa ou das trocas corporais que se vivenciam.

Para Polanyi (1966, p. 82), “o conhecimento tácito opõe-se ao conhecimento explícito, sistematizado, que pode ser formalizado em textos, desenhos, diagramas, entre outros ou guardado em bases de dados ou publicações”. A palavra “explícito” vem do latim *explicitus*³⁶, particípio passado de *explicare*, que significa “explicado, declarado”. Conhecimento tácito e explícito relacionam-se e complementam-se.

Nesse sentido, percebo a relação existente entre a interdisciplinaridade e a teoria da criação do conhecimento quando ativo minhas próprias experiências, criando conhecimentos.

Nonaka & Takeuchi (1997) mostram que, em termos restritos, o conhecimento só é criado por indivíduos:

[...] uma organização não pode criar conhecimento sem indivíduos. A organização apóia os indivíduos criativos ou lhes proporciona contextos para a criação do conhecimento. A criação do conhecimento organizacional, deve ser entendida como um processo que amplia “organizacionalmente” o conhecimento criado pelos indivíduos, cristalizando-o como parte da rede de conhecimentos da organização. Este processo ocorre dentro de uma “comunidade de interação” em expansão, que atravessa níveis e fronteiras interorganizacionais. (NONAKA & TAKEUCHI, 1997, p. 65).

A preparação, tanto no contexto interdisciplinar e vivencial, por meio das atividades corporais, de interação, quanto no âmbito de aprendizado no processo de formação de professores, expressa-se em atitudes que possibilitam a aproximação

³⁶ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Conhecimento_tácito. Acesso em 8 de junho de 2013.

entre escola e meio social, extrapolando os muros construídos quando estes se tornam efetivamente significativos para os indivíduos.

As diferenças entre os dois tipos de conhecimento são assim explicadas por Nonaka & Takeuchi (1997):

[...] o compartilhamento do conhecimento tácito entre indivíduos através da comunicação constitui um processo análogo que exige uma espécie de “processamento simultâneo” das complexidades dos problemas compartilhados pelos indivíduos. Por outro lado, o conhecimento explícito lida com os acontecimentos passados ou objetos “lá e então” e é orientado para uma teoria independente do contexto. É criado sequencialmente o que Bateson chama de atividade “digital”. (NONAKA & TAKEUCHI, 1997, p. 66-67).

Percebo que, para desenvolver criativamente um conhecimento, ele necessita de transformação interativa e em espiral, devendo estar efetivamente presente nas ações. Para o pressuposto de que o conhecimento é criado por meio da interação entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito, Nonaka & Takeuchi (1997, p. 68) apontam “quatro modos diferentes de conversão do conhecimento”, representados na imagem a seguir:

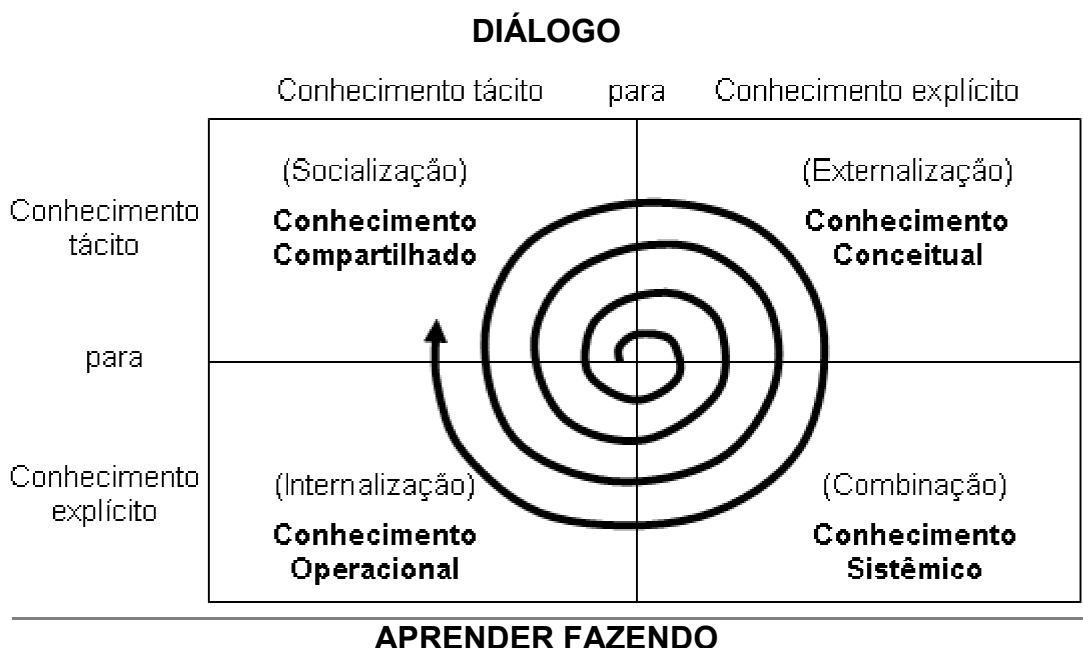


Fig. 12. Modos de conversão do conhecimento. ³⁷

³⁷ Fonte: Adaptado de NONAKA; TAKEUCHI (1997; p. 80-81)

O conteúdo do conhecimento criado por cada modo de conversão do conhecimento é naturalmente diferente. Estabelecendo as relações existentes com a socialização, que gera o que pode ser chamado de “conhecimento compartilhado”, como as técnicas de atividades vivenciadas em sala, ou a aplicação diferenciada, em que, após cada prática, compartilhava-se um novo aprendizado. A externalização gera “conhecimento conceitual”. Após externalizar, para o grupo, o que sentia ou experimentava, cada um relacionava essa “experiência” com as leituras e com a metáfora do movimento interno e externo, gerando um novo conceito de percepção de si mesmo e do outro. A combinação dá origem ao “conhecimento sistêmico”, que gera em cada pessoa um desejo novo, um novo modo de construir suas possibilidades de ser educador. A internalização produz “conhecimento operacional”, ou seja, o aluno/pesquisado entende que o aprendizado precisa ser levado para o espaço da troca com outros indivíduos; que é necessário criar propostas para trabalhar com futuros alunos, ou seja, espaço da escola/outros espaços pertinentes à aplicação, condizente com sua formação.

Esses conteúdos do conhecimento interagem entre si na espiral de criação do conhecimento. Isso ocorre por meio do diálogo, tão difundido no processo interdisciplinar, na interação, nas trocas constantes de desenvolvimento das parcerias que se estabelecem em cada espaço onde educador e educando estão inseridos.

Nesse sentido, estabeleço as relações existentes com a produção do conhecimento descrita no capítulo a seguir, em que trato do modo como as práticas se relacionam e mostram a trajetória de cada uma delas, aplicadas e vivenciadas pelos pesquisados.

4 CORPO E MOVIMENTO: o sentido do movimento na construção do saber ser interdisciplinar



Fig. 13. Imagem da Escultura “O Pensador” - Auguste Rodin/1880. Museu Rodin/Paris/França.³⁸

O sentido dos sentidos se cala. A beleza e magia, percebe-se.
 O encanto está aos olhos de quem vê, vive e cria!
 Para cada corpo um traço
 Para cada espaço um tempo vivido
 Para cada anjo
 O inesperado!
A pesquisadora.

Adentrei o campo do saber interdisciplinar com a ousadia de querer aprender, valendo-me inicialmente de alguns dos contextos apresentados nos capítulos anteriores e de outros na busca de aprender mais.

Este corpo, que viveu esse movimento ambíguo, encontrou na metáfora³⁹ do “movimento interno e externo”⁴⁰, o grande desejo de compartilhar junto aos seus

³⁸ **Fonte:** Acervo da pesquisadora/jun./2012.

³⁹ Metáfora, do grego *metaphorá*, significa “em transporte” (CUNHA, 1999). Em Ferreira (1986), “tropo que consiste na transfiguração de uma palavra para um âmbito semântico que não é do objeto que ele designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado” (extraído do *Dicionário em construção: Interdisciplinaridade*, no verbete preparado por Maria Cecília C. Gasparian em 2001).

⁴⁰ Dicionário Paulo Freire (2010, p. 275) Movimento – esta escolha se refere ao ato de mudança, exercício interno e externo. Paulo Freire afirma que os movimentos são “a parteira da consciência”,

pares (professores/alunos). Chamo de pares por ter encontrado, na parceria do grupo, um porto seguro e uma fonte de conhecimento que eu poderia explorar, independente das hipóteses levantadas. Quanto ao alunado, iríamos – os alunos e eu – conviver no mesmo espaço por um período de um semestre, com cada turma que entrava para o curso.

O grande desafio seria fazer as minhas perguntas reverberarem. Como a interdisciplinaridade e o autoconhecimento por meio de práticas corporais educativas poderiam contribuir para o processo de (trans)formação de um educador mais consciente de suas ações? Insiro aqui que o fazer só é possível se estiver centrado no ser. Quais talentos poderiam emergir desse processo de instigar a formação interdisciplinar a um conhecimento a princípio novo? Como despertar, por meio da metáfora do movimento interno e externo, o SER interdisciplinar? Como processos interdisciplinares poderiam embasar, com práticas corporais, conceitos mais elaborados?

Todas essas indagações eram pressupostos que eu teria de viver com o outro, num processo de parceria e compartilhamento, escuta sensível, conhecimento, desejo e vontade de transformar. Obviamente, nenhum contexto dessa ordem surge no escuro; existe, por trás dessas indagações e interrogações, uma bagagem, construída ao longo de anos, a visita ao velho permeando um dos grandes alicerces para toda essa intervenção, estudo-piloto (durante um semestre) observações, em especial oriundas da Fenomenologia, a preocupação com os sujeitos envolvidos, o olhar subjetivo do ser.

Isso me fez aprender e viver a educação com intencionalidade. Nessa passagem, à entrada na sala de aula do GEPI, e nas entrelinhas, entre textos, artigos, livros, encontrei Fazenda (2004, p. 147): “pensar e realizar pesquisas, tendo como objeto de investigação a Interdisciplinaridade requer a adoção de uma metodologia peculiar de trabalho – *a de como pesquisar a própria prática, interdisciplinarmente*”.

Inspirada nesse contexto, desenvolvi meu projeto instigada a perceber como poderia transformar os aspectos constituintes de impregnados saberes, embora

mas lembra que a ideia de movimento está presente na etimologia de educação: um movimento de fora para dentro, e vice-versa, que traduz o movimento que se experiencia na relação entre autoridade e liberdade. Compreende-se, assim, por que o movimento popular é uma grande escola da vida: ao aprenderem, as pessoas vão mudando o seu entorno, a sua sala de aula, a escola, o seu bairro, a sua cidade e o seu país.

soubesse que minhas inquietações eram ousadas. Buscando alicerçar meu embasamento nas teorias da interdisciplinaridade, cito Fazenda (2002):

O cuidado interdisciplinar no trabalho com conceitos tem alterado profundamente o exercício da pesquisa e da prática cotidiana. Ao viver interdisciplinarmente as proposições paradigmáticas, o professor é capaz de identificar a origem de suas matrizes pedagógicas e analisar o grau de consistência das mesmas, é capaz também de distinguir entre as matrizes que foram incorporadas apenas na dimensão do discurso das que fazem parte constitutiva do seu ser professor. (FAZENDA, 2002, p. 20).

No aprofundamento da revisão do currículo do curso que coordenava, sentia necessidade de implantar, desenvolver projetos diferentes daqueles formais e “externos ao professor”, como critica Fazenda (2002):

[...] os projetos de formação de professores têm se construído apenas a partir de paradigmas formais e externos ao professor, em que o dever ser somar-se ao como fazer. Pouquíssimas vezes as proposições sobre formação de educadores que temos analisado preocupam-se com o lugar onde os sujeitos se encontram situados, com suas dificuldades na busca do significado interior de suas aprendizagens ou com o que aprendem com seus erros. (FAZENDA, 2002, p. 20).

Minhas indagações começavam a ter sentido quando descobria os caminhos por onde deveria trilhar. Sentia que deveria pôr esses professores em movimento e que essa busca deveria trazer reflexões, contextualizações, aprendizados diversos, construção de saberes, para saírem da rotina dos fazeres sem sentido.

Dialogando com Fazenda (2002, p.19), entendo que “a lógica que a Interdisciplinaridade imprime é a da invenção, da descoberta, da pesquisa, da produção científica, porém decifrada num ato de vontade, num desejo planejado e construído em liberdade”.

Iniciei nesse cotidiano de aparatos intervindo com autonomia de criar e implantar uma disciplina no Curso de Pedagogia que coordenava, com a abordagem sobre **Interdisciplinaridade, Autoconhecimento e Práticas Educativas**. Essas práticas revelam a minha preocupação em mostrar a consciência corporal presente em cada ser humano, pois o educador precisa entender que é corpo, e não máquina. Submetida ao Colegiado do Curso, minha proposta foi aprovada por unanimidade, conforme documentado em ata (janeiro/2010) e arquivado na reitoria

da Instituição e na plataforma do Emec. Nesse contexto, procurei selecionar minuciosamente quais seriam os textos abordados em sala de aula, como faria para tocar meus alunos, sensibilizá-los para a descoberta do caminho ousado de ser interdisciplinar. Como aplicaria as práticas corporais em seu mais profundo movimento para se autoconhecerem? Como mostrar, logo em um primeiro semestre do curso, junto aos princípios da interdisciplinaridade, a sensibilidade, o despertar intuitivo de construir um memorial, de trabalhar, por meio da escrita, as várias possibilidades de resgate que lapidam a história de cada um? Como encontrar em si mesmo o grande despertar do ser, o desenvolver-se, e ser um educador consciente de seus atos e que quer transformar o próprio ambiente? Esses foram os questionamentos constantes que me acompanharam nesse percurso, somando-se aos que me conduziram ao processo de construção.

No caminhar dessas descobertas, de como estou construindo esse percurso, de narrar, de interpretar, de construir, de investigar, não poderia esquecer o rigor metodológico e teórico na grande pretensão de ser realmente interdisciplinar. Abrem-se novos caminhos, novos percursos e, por último, segundo Fazenda (2003, p. 79), torna-se possível “compreender que a investigação não se pilota do alto, mas a investigação que se descobre, que chega, que esclarece, é uma produção do **SER**.”

Essa busca permitiu-me o compartilhamento com os alunos, a escuta do outro em ambiente acolhedor de trocas constantes entre os parceiros dos grupos de estudos aos quais pertencço, que sempre compartilharam seus conhecimentos. A cada semana vivida, valores, conhecimentos e experiências incomparáveis eram agregados; a presença forte de minha orientadora, um grande exemplo de “ser interdisciplinar”, sempre com toques sutis, ensinando-me a compreender o meu (nosso) sentido na educação e a compreender quem sou (somos), era o incentivo à liberdade de escolha daquilo que quero descobrir, criar. Também adveio dela o incentivo à parceria estabelecida com os teóricos que li e que me influenciaram nessa busca. Enfim, foi nessa busca constante pela atitude interdisciplinar, pela beleza, pela alegria e pela vida, nesse caminhar em parceria, no chão da sala de aula do GEPI, que descobri a importância dos registros por meio da construção de ATAS.

A metáfora escolhida para este presente vivido e experimentado em todo o percurso sobre o movimento, interno e externo, é, ao mesmo tempo, o movimento que me faz rever – na condição de ser atuante na proposta sobre o autoconhecimento e a interdisciplinaridade – a escrita, a linguagem oral, os olhares, os diálogos, a expressão do corpo comunicando-se em parceria, o tempo todo, por movimentos internos ou externos e gestos. Sem esses movimentos e sem a parceria não seria (seríamos) capaz (es) de eternizar cada momento de interação e construção com dedicação e compromisso.

A princípio tudo novo, desafiador, porque instiga cada um a pesquisar, a ler, a escutar, a desenvolver-se em um projeto pessoal e profissional, a buscar seu “eu mais interior”, o que tem de mais profundo em si, sua/minha essência. Um ser interdisciplinar requer humildade, parceria, comprometimento, compartilhamento, disciplina, coerência e, acima de tudo, desapego e humildade em face da limitação do próprio saber.

Nesse contexto interdisciplinar, evoco ponderações de Fazenda (2009b, p. 17):

[...] o pensar interdisciplinar parte do princípio de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpretar por ele. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois é através do cotidiano que damos sentido às nossas vidas. Ampliando através do diálogo com o conhecimento científico, tende a uma dimensão utópica e libertadora, pois permite enriquecer nossa relação com o outro e com o mundo. (FAZENDA, 2009b, p. 17).

Nesse sentido, entendo que o que nos move dentro de um projeto interdisciplinar precisa ser à vontade, o desejo de construir algo, que nasça do mais dentro, que respeite o ser em sua totalidade. Fazenda (2009, p. 17) ⁴¹ complementa dizendo “que no projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se”. Ser interdisciplinar requer compromisso com a ética, o rigor em rever-me como ser humano.

⁴¹ Práticas Interdisciplinares na Escola – O projeto interdisciplinar surge às vezes de um (aquele que já possuía em si atitude interdisciplinar) e se contamina para os outros e para o grupo. (FAZENDA, 2009, p. 17).

Em se tratando de minha formação primeira, acredito, pratico, ensino, leciono várias atividades em que meu veículo, minha referência de quem sou eu, por inteiro, sem fragmentações ou dualidades, é o corpo. Desse prisma, entendo que o espaço da aprendizagem deve ser diferente; a educação corporal não deve ser considerada acessório. O corpo representa e expressa toda a complexidade da estrutura humana, que não pode ser contemplada de uma perspectiva reducionista. Percebo a grande responsabilidade com a formação, com o potencial em desenvolvimento de cada educando, que carrega experiências muito significativas. E, em minha proposta, desejei trazer o sentido, despertar o grande potencial em cada um.

Nesse aprofundamento, descubro meus sentidos para uma percepção maior e como esses sentidos se sustentam na condição de educadora/pesquisadora, faces inseparáveis, indivisíveis de um mesmo ser. Fazer da sala de aula o espaço de pesquisa é um movimento desafiador, instigante, mágico. Criam-se expectativas e vínculos entre os sujeitos envolvidos: o riso, o choro, as emoções, as satisfações e insatisfações, tudo é (com) partilhado. Distribuem-se conhecimentos e constroem-se redes de percepções.

4.1 O sentido percebido através das práticas educativas e suas manifestações corporais



Fig. 14. Imagem da Escultura de Aphrodite Du type dit – Vénus Génitrix
Museu do Louvre/ Paris/França.⁴²

Neste instante, esteja você onde estiver, há uma casa com o seu nome.
Você é o único proprietário, mas faz tempo que perdeu as chaves.
Por isso, fica de fora, só vendo a fachada. Não chega a morar nela.
Em casa, teto que abriga suas mais recônditas
e reprimidas lembranças, é seu corpo.
BERTHERAT (2010, p. 1)

Nesse processo, procurei agregar a investigação interdisciplinar ao campo metodológico, envolvendo coletas e registros de dados descritos na bibliografia sobre pesquisa do cotidiano e pesquisa do tipo intervenção. Segundo Fazenda (2004, p. 80), a esses procedimentos “denominamos leitura objetiva, no sentido de que todo rigor científico é exigido na coleta de dados, realizamos as duas leituras

⁴² Fonte: Acervo da pesquisadora/junho de 2012.

(da subjetividade e da objetividade)”. Descrições vindas de todos os alunos que vivenciaram as práticas educativas propostas, participando ativamente delas.

Durante o processo pelo qual fui construindo meu percurso Interdisciplinar, tive a oportunidade de encontros presenciais, leituras de artigos e registros minuciosos sobre os encontros e as pesquisas desenvolvidas, em especial, pelo grupo de pesquisa do GEPI.

Meu olhar interdisciplinar se faz partindo da parceria, atuando em áreas distintas do conhecimento, interligando conceitos, práticas, pesquisas, mostrando possibilidades de integração. Considero-me um ser interdisciplinar, à medida que fui construindo parceria entre as áreas, entre propostas e práticas efetivas, percebendo com humildade o quanto tenho a aprender, comigo mesma e com o outro.

O embasamento teórico construído durante os momentos de estudo e de aplicação obedeceu à “criação do conhecimento” (modos de conversão do conhecimento) pautada na interdisciplinaridade, de cujos pressupostos parti. O pressuposto básico é o de que o percurso-movimento interdisciplinar pode mudar o conceito dos alunos em formação sobre o que é ser professor (profissional que reconhece seus alunos, valoriza-os, e desperta neles seus talentos adormecidos), reforçando a busca de si mesmo, o autoconhecimento como processo de individuação, e conhecendo o processo de tornar-se interdisciplinar: antes de ser interdisciplinares, sou um ser disciplinar.

Organizei um plano de ensino (modelo disciplinar institucional), construí sequências, entre ementas, objetivos e programa de conteúdo a ser ministrado, para entender a teoria e as práticas fundamentadas. Envolvi, nesse “corpo vivido” e nesse “corpo em movimento”, meus conhecimentos na área da Educação Física e minhas ações e leituras como pesquisadora da linha de pesquisa “Interdisciplinaridade” (FAZENDA, 2002, 2003, 2004, 2006) e como “ser em formação” em questões de “autoconhecimento” (ESPÍRITO SANTO, 2002, 2007). A disciplina está intencionalmente posta no primeiro semestre do curso para receber os alunos, despertá-los para o processo de autoconhecimento, entender e sentir as possibilidades de serem interdisciplinares.

As coletas de dados foram feitas durante seis semestres, em turmas diferentes, sendo a primeira delas realizada como estudo piloto. Foram coletados depoimentos e descrições das reflexões sobre as práticas aplicadas, focalizando

uma ação educativa interdisciplinar, dando direção à pesquisa. Passaram pelo experimento em torno de 350 alunos (entre o período de 2010 a 2012). Ative-me, para efeito desses registros, a somente 10 amostras, selecionadas aleatoriamente em cada uma das práticas.

Essas práticas emergem de um mergulho nas teorias sobre autoconhecimento, como forma de despertar o futuro educador a que se referiu Sócrates por meio do “Conhece-te a ti mesmo”, princípio fundamental para este processo e que o filósofo dizia ser o “princípio de toda sabedoria”. Jung (2005, p. 113) retomaria esse princípio no século XX, como processo de individuação⁴³: “para descobrir o que é verdadeiramente individual em nós, necessitamos de uma profunda reflexão: e subitamente percebemos como é extraordinariamente difícil descobrir o que é a individualidade”.



Fig.15. Imagem do quadro: The Death of Socrates – 1787- Museu Metropolitan – Nova York (Jacques-Louis David – French, 1748-1825).⁴⁴

⁴³ Espírito Santo cita em seu livro sobre o “Autoconhecimento na formação do educador” (2007, p.15) o trecho da obra traduzida para o português de autoria de Edward Hoffman, denominada **A sabedoria de Carl Jung**, onde o autor coloca “Para descobrir o que é verdadeiramente individual em nós, necessitamos de uma profunda reflexão: e subitamente percebemos como é difícil descobrir o que é individualidade” (2005, p. 113). Discussão, debates e entendimentos sobre o texto. Percebemos a linguagem poética, como processo de autoconhecimento.

⁴⁴ **Fonte:** Acervo da pesquisadora, Janeiro/2012.

Esses estudos nasceram juntamente com a leitura e entendimento do livro de Ruy César do Espírito Santo, *Autoconhecimento na formação do educador*, bem como outras referências de sua autoria, cuja leitura trabalhei em sala de aula. O objetivo foi despertar os alunos para abertura dos sentidos, exercícios de olhar-se⁴⁵, respondendo à pergunta “Quem sou eu?”. Selecionei capítulos desse livro, retomando, sempre que necessário, Sócrates e Jung, percebendo o contexto de possibilidades de se autoconhecerem por meio de exercícios respiratórios. Também busquei aprofundamento nos princípios da interdisciplinaridade (espera, coerência, respeito, humildade, desapego e olhar) por meio da leitura do *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*, de Ivani Fazenda. Ela os representa como forma expressiva teatral, construção de poesias, individual e coletivamente, troca de experiências inovadoras por meio da interpretação, leitura de imagens e reflexões sobre filmes direcionados. Também são sugeridas reflexões sobre as práticas em sala de aula, exercícios de meditação com uma base científica anterior e de expressão corporal pela prática do Lian Gong, bem como a construção de memoriais, que apontam a trajetória de vida dos alunos em relação à escola, como chegaram ao Curso de Pedagogia e como esse processo de se descobrirem interdisciplinares contribuiu para a sua construção pessoal e profissional.

Fazenda (2004) aponta:

[...] o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. O diálogo com o conhecimento científico tende a uma dimensão maior, capaz de permitir o enriquecimento de nossa relação com o outro e com o mundo. (FAZENDA, 2004, p. 156).

Nessa construção, pode-se ver a efetiva intervenção das práticas que se vão intercalando com as teorias para a obtenção de maior entendimento e aprimoramento de conhecimentos, bem como para a conscientização da importância de cuidar de si mesmo, de prestar atenção ao fato de que cada um é parte de um todo, embasado no mencionado processo do “Conhece-te a ti mesmo”. Percebe-se que a metáfora do movimento interno e externo do ser interdisciplinar permeia o

⁴⁵ Exercício de olhar os olhos no espelho (feito em casa) com a indagação: “Quem sou eu”? Espírito Santo, R. C. *Autoconhecimento na formação do educador*. 2007, p. 98. Alguns modelos teóricos de práticas que pesquisei têm como mentor o autor Ruy César do Espírito Santo.

conhecimento tácito e explícito que se vai observar no aprender fazendo, por meio do diálogo com linguagens distintas de descoberta intrínseca. Apresento as práticas estudadas e vivenciadas. Na sequência, seguem as amostras de depoimentos dos pesquisados.

Durante o primeiro encontro em sala de aula, apresentei o conteúdo da disciplina que será ministrada ao longo do semestre. Um encontro de três horas por semana, juntamente com as referências selecionadas, o que significa a nomenclatura da disciplina, ementa, ênfase na importância da formação, além dos objetivos a serem alcançados no semestre. Após as apresentações consideradas disciplinares, inicio com a primeira prática educativa, chamada “acolhimento”.

4.1.1 PRÁTICA EDUCATIVA: acolhimento

Inicialmente, solicito que cada um se apresente, busque uma identificação dos talentos, por meio da escrita de pelo menos cinco características positivas que considera que possui. Minhas intervenções são sobre como cada um acolhe o outro, e explico que estabeleço um vínculo quando conheço melhor meus parceiros em sala de aula; os parceiros mudam de lugar na sala para sentar-se com alguém que não conhecem. Cada um inicialmente registra essas características/talentos que considera relevantes e que acredita que possui, identifica e registra seus potenciais. Essa atividade é desenvolvida em dupla: um registra o do outro e, na sequência, cada um faz as apresentações. Nesse momento, acontece uma grande descoberta. Um vai conhecendo o outro, começando a saber como podem fazer suas trocas durante o curso. Valoriza-se tudo que é apresentado; cada ser na sua individualidade denomina esse momento de acolhimento. Os pesquisados, depois de um tempo, fazem seus depoimentos por escrito sobre como foi a experiência.

Depoimentos⁴⁶

“Descobri que tenho muitos talentos, alguns que nem eu mesma sabia que tinha, e conheci outras pessoas bem talentosas.”

“Foi importante, pois antes não tinha parado para refletir sobre os meus talentos.”

“Momento magnífico, ao mesmo tempo com alguns receios e também timidez, porém, descobri coisas que nem eu mesma sabia.”

“Ao expor os meus talentos, pude perceber a importância de saber fazer alguma coisa, ser útil, aprender a executar, me virar quando necessário.”

“Descobri que tenho talento para escrita, com os exercícios em sala de aula e desenvolver os relatórios, descobri minha habilidade de me expressar durante a escrita.”

“Com a descoberta de talentos pude observar as qualidades que outras pessoas tinham em fazer coisas que eu não imaginava que elas faziam. Conheci um pouco mais de cada um.”

“Aprendi que tenho mais talento do que imagino e que devo explorá-los melhor.”

“Pude perceber o quanto posso doar de mim mesmo em prol do meu trabalho e de outras atividades para as quais me proponho a desenvolver. Percebi também as pessoas que estavam comigo, observei que seus talentos vão além de expressões, comportamentos e impressões.”

“Saber ouvir, escrever melhor e saber mais sobre o passado, e o melhor de tudo, se autoconhecer.”

“A descoberta dos talentos foi maravilhosa, descobri em mim algo que não sabia que era conseguir trabalhar em grupo.”

⁴⁶ Os depoimentos vêm em itálico para destaque em relação a citações bibliográficas. O uso de um segundo indicador de destaque – as aspas – visa à indicação de tratar-se, a cada sequência entre aspas, de um sujeito diferente.

4.1.2 PRÁTICA EDUCATIVA: exercício de olhar nos olhos

Se a linguagem corporal for vivenciada como proposta de desenvolvimento do “SER” em sua expressão como comunicação com outros seres, ela proporcionará um aprendizado que remete ao autoconhecimento, de que vai derivar a criação do movimento da conexão.

Como mostra Espírito Santo⁴⁷, há algumas experiências relevantes com a linguagem visual, como a prática do **exercício de olhar os olhos**: olhar a si mesmo no espelho, ou olhar no olho do outro são atividades de busca da criança interior; é a comunicação corporal expressando quem você é, despertando uma grande alegria de viver.

Assim, durante o desenvolvimento dessa prática em sala, solicito que os pesquisados respondam à pergunta “Quem sou eu?” e, ao final, que cada um, em seu espaço, tenha o tempo que for necessário para fazer o exercício de olhar-se no espelho e registrar suas experiências, percebendo as diferenças de percepção nos/dos dois olhos. No início das aulas seguintes, solicito que apresentem seus depoimentos espontaneamente, alguns dos quais (uma amostra, conforme mencionei) são transcritos a seguir.

Depoimentos

“Impressionante, lógico, indefinido! Repensar o próprio caminho é uma descoberta surreal. Ainda é um processo carente de maior entendimento entre a realidade existencial e a realidade ideal. Entre tudo o que se viveu concretamente e o que se imaginou viver.”

“Percebi que nos conhecer, nos faz bem para uma autoavaliação de nossa vida.”

⁴⁷ No livro *Autoconhecimento na formação do Educador*, o autoconhecimento é “indicado” a qualquer ser humano que queira realizar o processo de construção de si mesmo de forma consciente e rumo à integração dos muitos fios que tecem a complexidade da condição humana. Aos educadores, ele é fundamental, pois esses profissionais são os responsáveis, em grande medida, pela iniciação das novas gerações nos processos pelos quais nos construímos como seres humanos no mundo. (ESPÍRITO SANTO, 2007, p. 98).

“Com este exercício parei para ver que dentro de mim ainda existe medo. E era algo que não queria ver, mas fiz e descobri que preciso mudar e hoje estou melhor.”

“Quebra de uma barreira que há muito tempo, servia-me de peso na consciência, e fechamento de uma ruptura deixada através dos anos.”

“O exercício foi muito bom, positivo. Voltei ao meu passado e percebi o meu avanço e percebo que a cada dia vou valorizando os meus sonhos.”

“Foi bom e para mim uma experiência única dentro do meu contexto de vida, olhar para dentro de mim.”

“Encontrei-me em muitas histórias, me emocionei e aflorou meu lado humano.”

“Sobre o espelho também tive uma grande surpresa, pude ver lá no fundo o que eu era e o que posso mudar.”

“Fiz este exercício a pouco mais de suas semanas, não cheguei a entregar, confesso que foi uma luta entre eu e eu, mas quando terminei, comecei a enxergar partes de mim que estavam esquecidas, foi muito importante.”

“Foi muito difícil tentar encontrar o meu verdadeiro eu, usamos tantas máscaras que chega uma hora que já não sabemos quem somos de verdade. Não consegui.”

4.1.3 PRÁTICAS EDUCATIVAS: aprendendo a respirar

Os exercícios para aprender a **respirar**⁴⁸ são orientados em uma sala específica, com um ambiente acolhedor. Utilizo recursos musicais, sendo os exercícios praticados sob a orientação dos princípios interdisciplinares. Relaciono cada inspiração e expiração com os princípios da coerência, respeito, espera, humildade, desapego e olhar, mostrando que, em cada inspiração, o corpo responde

⁴⁸ Levando em conta que o fluxo da respiração está intrinsecamente ligado à mente, ao corpo e às emoções, a concentração em minha respiração permite-me focar o objetivo, direcionar meus esforços, agindo melhor, realizando minhas ações com eficiência. O Núcleo Multidisciplinar de Saúde Corporal do SESC Consolação tem como pressuposto difundir os vários campos do conhecimento corporal, com técnicas multidisciplinares em prol da saúde, ampliando o repertório do público e facilitando seu autogerenciamento em relação à consciência do corpo. Várias definições encontram-se no livro *Respiração: sopro da vida* (1999), elaborado pelo Núcleo.

de uma forma diferente: silencia-se o movimento interno, os batimentos cardíacos são ajustados e percebo que é possível sintonizar-me com meu eu. Quando percebo que sou eu que controlo, tudo fica mais fácil; até mesmo o desapegar-me dos modismos e de tudo que me intoxica. Aprender a respirar corretamente envolve uma inspiração profunda, através das narinas, levando o ar até os pulmões, sentindo a concentração na parte inferior do abdome e, na sequência, expirando-o novamente, bem lentamente, soltando todo o ar, liberando-o. Isso é repetido por várias vezes, fazendo-me perceber o quanto meu corpo necessita dessa conscientização para que eu aprenda a controlar a própria respiração. Existe uma forma correta de respirar? Como se encontra a minha respiração agora? Qual a relação entre o tempo de minha inspiração e da minha expiração? Será que uso todo o meu potencial respiratório? Como posso expandir minha capacidade respiratória? Como posso observar minha respiração sem alterá-la? Ao interrogar-me sobre minha atitude corporal, posso refletir sobre ela e transformar meu padrão respiratório, harmonizando os movimentos. Segundo Miele (1999, p.9), “a respiração é o nosso veículo de intercâmbio com o exterior, certamente nossa função mais importante como um dos principais alimentos”.

Depoimentos

“No exercício da respiração conheci melhor o meu corpo e respirei bem, pude ver o valor de simples coisas como o ar que respiramos.”

“É um momento de percepção que podemos e tivemos oportunidade para prestarmos atenção e reconhecer que uma respiração modifica seu dia.”

“Tranquilidade do corpo, da mente, da alma. O exercício da respiração, concentração, desligamento dos problemas corriqueiros, me trouxe um momento incrível de paz, de bem estar, de valor a mim e meu corpo, minha saúde que é o que tenho de mais importante. O simples ato de respirar, ação espontânea, que nos traz vida e comecei a imaginar o quão importante é cada detalhe que Deus criou. Após alguns minutos, já em profundo relaxamento, esqueci completamente que tinha corpo, estava em outro lugar, longe, livre de qualquer preocupação, culpa ou dor, sentia-me tão relaxada que não vi o exercício chegar ao fim.”

“Percebi que podemos nos concentrar e ver o que está em volta que passa despercebido, mas quando queremos, nossos sentidos captam tudo.”

“Vivenciar um momento único, só meu. Escutar-me interiormente.”

“Gostei muito desse exercício, nunca tinha respirado daquele jeito me senti muito bem, agora em sala de aula ensino para meus aluninhos e eles gostam.”

“Algo novo e profundo. Avaliei-me como uma pessoa que não para nem para respirar, reparei o quanto sou inquieta, estressada e que preciso me concentrar mais e olhar um pouco mais para mim.”

“Como a respiração consegue acalmar e repor as minhas energias. Para mim o exercício da respiração foi uma descoberta muito importante que eu aprendi. Através desses exercícios que fizemos eu aprendi como me relaxar naqueles momentos de tensão. Nos dias em que praticamos o exercício eu consegui relaxar um pouco, mas em casa e no ônibus por várias ocasiões eu tive a necessidade de por em prática. Principalmente quando eu me senti estressada por algum acontecimento ou por estar ansiosa por alguma coisa. Nesses momentos de tensão em que eu precisei me relaxar com a prática dos exercícios me senti aliviada e muitas vezes até esqueci aqueles problemas que estavam me causando estresse.”

“Percebi quão valorosa é a nossa vida e o nosso corpo, e que precisamos nos perceber cada vez mais e nos cuidarmos.”

“O exercício da respiração acalma o emocional e o mental. Quando estamos agitados a nossa mente estará agitada e também a nossa respiração. A prática desse contato consciente, por si só, elimina as impurezas das emoções e da mente. Assim, cada vez mais vamos sentindo um alívio e nossas preocupações deixam de existir.”

4.1.4 PRÁTICAS EDUCATIVAS: construção de poesias

A prática de construção de poesias como exercício de autoconhecimento foi inspirada por Espírito Santo (2007, p. 83-84), que destacou a importância dessa atividade na criação de determinadas disciplinas na escola. O educador, em vez de ficar enlouquecido com os 45 minutos de aula com uma classe (raiz da “escola bancária”), terá um período maior, para não só discutir o seu conteúdo, como

também trabalhá-lo de formas distintas, inserindo até mesmo uma visão interdisciplinar.

Investigando sobre o tema, ele passou a fazer parte do meu aprendizado. As construções vieram após a leitura e entendimento do livro *Autoconhecimento na formação do educador*, do mesmo autor. A obra traz vários exemplos de como se pode mostrar um conhecimento por meio da construção de poesias. A princípio, a atividade causou espanto nos alunos, por exigir um exercício extremamente minucioso e interno, exercitando a capacidade criativa e de concentração de cada um quanto ao que quer externar. Após a construção individual, parti para uma construção coletiva. Formaram-se grupos, em cujo interior foram lidas e ouvidas as poesias, para, então, cada educando escrever uma estrofe. Assim foram sendo construídas coletivamente poesias reflexivas e cheias de conhecimentos produzidos pelos próprios alunos. Foi um exercício que trabalhou bem o autoconhecimento. Para os grupos, foram experiências inovadoras, colocando-os em contato consigo mesmos e com os potenciais adormecidos.

Depoimentos

“Pude ver o quanto sou criativa, tive certa dificuldade, mas deu tudo certo e fiz uma poesia bem legal.”

“Esse foi mais um momento em que pude me descobrir e descobrir um pouco mais os meus talentos.”

“Não sou muito concentrada para este tipo de coisa, mas tentei fazer, gostaria de ter feito algo feliz, mas infelizmente foi o contrário, o importante é que coloquei os sentimentos para fora.”

“Oportunidade de escrever algo que queria, mas antes não sabia como escrever, um sentimento é um descobrimento.”

“Fiquei feliz com minha primeira poesia, pois nem na adolescência havia feito nada parecido.”

“Desenvolvimento da escrita e mente, pois colocamos para fora nossas ideias e criatividade.”

“Adorei. Não sou poetisa, mas gosto de escrever meus sentimentos através dos versos. Além do mais, foi surpreendente o potencial que nossa turma demonstrou ter.”

O nosso futuro

Criança é sinônimo de alegria
Esta sempre com simplicidade
Não importa a idade, passa confiança.
Até para quem não tem esperança

Até o dormir de uma criança
Traz amor e esperança
São anjos de Deus
Completo de bondade
Anjos que precisamos educar
Amar e se dedicar

Será o futuro da nação
Como estamos cuidando dessa geração.
Sem valores, sem respeito.
O que serão desses indefesos

Mudanças queremos, mas o que fazemos?
Para mudar essa geração
Temos que amar cada coração
Com a paz do olhar de cada criança

Podemos voltar a ter segurança
Segurança de sonhar, de poder realizar sem medo de acreditar
Que o tempo presente melhor será.

A nossa infância

Foi lindo, maravilhoso, inesquecível
Mas hoje acordo, sinto um vazio
Está faltando alguém
Esse alguém que era cheio de amor

Cheia de vida, cheio de alegria
Pensamentos positivos e alto astral
De tudo sorria, mas um dia, deu tchau, um adeus
Partiu sem dizer, uma palavra

Hoje só ficou saudade, desses lindos momentos
Momentos esses que não posso mais viver
Só em pensamentos, tenho certeza de que onde estiver
Estará sempre cheia de ALEGRIA,
De amor e paz.

Pense, transforme, faça mudanças,
Faça a diferença, transforme o seu EU,
Transforme-se em um ser humano melhor,
Perdoe, ame, ame sem medo,

De a mão para quem precisa,
Faça o bem a alguém, faça o melhor
Como se hoje fosse
Seu último dia

4.1.5 PRÁTICAS EDUCATIVAS: exibição de filme

Houve a exibição do filme Patch Adams, “O amor é contagioso”, cuja essência é tratar exatamente da percepção do outro, do reconhecimento do valor que as pessoas possuem, enxergando possibilidades. A grande questão discutida durante o filme é a descoberta do SER, a importância de valorizar o ser humano em todos os seus aspectos. Visto o filme, foi discutida a dimensão humana como enfoque do reconhecimento do outro: Quando eu me dedico ao movimento da reflexão baseado em fatos vividos por outros, sinto-me capaz de perceber-me em constante reflexão para mudar conceitos e posicionamentos.

Depoimentos

“Este filme é maravilhoso, a cada vez que eu vejo, consigo perceber algo novo, mas o mais importante é o da metodologia que era utilizada e comprova que isto deve ser revisto por todos nós.”

“O filme mostra que quando alguém faz seu papel com amor, é feito o bem. Que se importar é mais que simplesmente dar o que alguém precisa, é ver o que realmente é necessário.”

“Aceitar e entender melhor o tema “inclusão”. Determinar melhor os meus objetivos, colaborar para que a vida valha a pena ser vivida, mesmo com as limitações.”

“Foi um filme espetacular, na hora certa a lição de amor é o mais importante do filme, dedicação e busca naquilo que quer.”

“O amor deveria vir em doses cavalares. Esse filme me mostrou que quando queremos que algo aconteça, que quando esse algo não favorecerá somente uma pessoa, mas várias, que quando esse algo é do bem, tudo vale a pena. Não podemos desistir dos nossos sonhos, pois eles podem contagiar, alegrar e melhorar a vida do próximo.”

“Que a vida é muito simples quando queremos viver com amor, que é muito fácil dar alegrias às pessoas que necessitam, com gestos simples, atitude e humildade, que o amor é a essência de tudo.”

“O filme nos faz refletir sobre o amor ao próximo, um amor descompromissado que não é explicável, um amor que não pede nada em troca, ele se satisfaz com o bem estar do próximo.”

“O filme nos traz a reflexão sobre a necessidade de humanização no meio profissional e a perseverança diante das dificuldades.”

“Este filme é maravilhoso, a cada vez que eu vejo, consigo perceber algo novo, mas o mais importante é o da metodologia que era utilizada e comprova que isto deve ser revisto por todos nós.”

“Aceitar e entender melhor o tema “inclusão”. Determinar melhor os meus objetivos, colaborar para que a vida valha a pena ser vivida, mesmo com as limitações.”

4.1.6 PRÁTICAS EDUCATIVAS: estudo sobre os princípios da interdisciplinaridade (coerência, respeito, espera, humildade, desapego e olhar)

A opção por inserir os princípios minuciosamente trabalhados no *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*, obra organizada por Ivani Fazenda, em 2002, derivou da necessidade de contribuir para a formação desses alunos/professores com saberes fundamentais ao processo de autoconhecimento e ao ser interdisciplinar. Entendo que a formação desses profissionais requer o desenvolvimento de competências que convergem a saberes da experiência. O educador deve saber: que a **humildade** requer um reconhecer simples de que é aprendiz no momento presente; que a **coerência** deve ser uma das marcas de suas ações para com o outro; que ele deve praticar o **respeito** aos valores de si e do outro; que o compartilhamento depende da doação e do **desapego**; que a **espera** requer sabedoria, pois nenhum momento chega ao ser antes da hora certa. Assim é o conhecimento; preciso abrir canais para acolher o outro, dos quais um dos mais relevantes é o **olhar**, que pode pôr à mostra a grandeza de cada um no processo interdisciplinar do acolhimento.

Considerarei como caminho fundamental explicar e fundamentar a interdisciplinaridade por meio dessa obra, sobretudo por saber que ela se pauta

numa ação, em um movimento. Fazenda (2002, p.12) comenta: “pode-se perceber esse movimento em sua natureza ambígua, tendo como pressuposto a metamorfose, a incerteza, é fundamental contextualizar-se para poder conhecer”. Percebo que essa contextualização exige a memória em suas diferentes potencialidades, razão por que busquei um resgate nos tempos e espaços onde tenho aprendido.

Para Fazenda (2002):

[...] a análise conceitual facilita a compreensão de elementos interpretativos do cotidiano. Para tanto, a linguagem deve ser compreendida em suas diferentes modalidades de expressão e comunicação, como uma linguagem reflexiva, mas sobretudo corporal. (FAZENDA, 2002, p.12).

Experiências relevantes foram a compreensão por meio da leitura e a (re) construção de saberes mediante a interpretação dos textos. Os **princípios da interdisciplinaridade** foram distribuídos para os grupos, estudados, compreendidos, reescritos. Cada grupo ficou responsável por um princípio, e, após a apresentação dos alunos em formato de seminários para todos da sala, na sequência foram discutidos os entendimentos e posicionamentos de cada um. Após as apresentações teóricas, veio a representação corporal, sob a forma de teatro/encenações sobre os princípios. Fica difícil expressar por palavras (exemplo do conhecimento tácito) sendo possível mostrar pelos depoimentos.

Depoimentos

“Coerência: A importância de todos os princípios, mesmo entendendo a coerência ela ficou muito mais completa quando compreendi os demais princípios.”

“Estudei o princípio do **olhar** e depois dessa atividade mudei totalmente meus conceitos.”

“A interdisciplinaridade vive em nós, todos esses princípios foi um grande aprendizado, fazer esse teatro onde expressamos cada um deles entendi o que era respeito.”

“Através desse entendimento do que é a interdisciplinaridade e quais são seus princípios, pude perceber qual simples e complexa são as situações dependendo do nosso ponto de vista.”

“Aprofundei-me no tema desapego por causa do teatro e teve grande importância, sempre me achei apegada em coisas que não tinham tanta importância e a partir do teatro comecei a refletir mais antes de algumas atitudes.”

“Aprendi que esses princípios estão todos interligados e me identifiquei muito com o meu, que foi o olhar, algo muito importante na vida do educador.”

“Aprendi muito através do princípio do olhar, não basta você falar, tem que sentir respeitar e ter um pouco pelo menos de bom senso e humildade perante o semelhante, olhar um pouco a sua volta e fazer algo de melhor.”

“Todos nós algum dia vivenciamos a espera, seja para estar em algum lugar ou a espera do outro. A espera envolve o olhar, no momento que você está esperando, está observando o próximo, e ao mesmo tempo tem o respeito com os demais no ambiente.”

“Nós podemos esperar, temos coerência e respeito ao próximo, somos mais humanos, mais desapegados às coisas materiais e saber olhar o seu próximo com mais humanidade.”

“O olhar gera uma espera, faz o respeito, leva a coerência, causa um possível desapego e introduz a humildade.”

4.1.7 PRÁTICAS EDUCATIVAS: meditação

Como componente das práticas educativas interdisciplinares, insiro o processo de **meditação**. Embora os primeiros estudos científicos de meditação datem dos anos 1930 e 1940, pesquisas sobre os efeitos psicofisiológicos da meditação decolaram nos anos 1970, impulsionados por um interesse exclusivo em Meditação Transcendental (MT), Zen, e outras técnicas de meditação orientais. Entre alguns dos mais influentes estudos, merece menção o livro *The Physical and Psychological Effects of Meditation* (1988), em que Michael Murphy e Steven Donovan (coautor) filtraram um grande número de estudos publicados na Inglaterra e sintetizaram os dados. Incluo aqui também: as pesquisas realizadas pelo Hospital

Albert Einstein em São Paulo, na área da medicina integrativa (ver: Eliza Kozasa; Wallace, RK. Physiological effects of transcendental meditation. *Science* 167 (926):1751-4, 1970; Benson, H. Decreased blood-pressure in pharmacological treated hypertensive patients who regularly elicited the relaxation response. *Lancet* 1(7852):289-91,1974).

Busquei, nesses teóricos, suporte para o aprofundamento dessa prática. Abordei primeiramente como é feita a inserção e como funciona no cérebro e como o corpo corresponde a esses estímulos. Na sequência, relatei várias pesquisas realizadas até o momento acerca do processo de meditação. Nessa experiência, preparei o ambiente, oferecendo uma estrutura com músicas suaves, colchonetes e espaços adequados para a realização da prática. O grupo foi orientado sobre como deve ser a meditação, que vai além do relaxar-se; concorre ali a respiração e o relaxamento. Introduzo a teoria e depois a prática, orientando sobre os benefícios da meditação para corpo e mente e destacando a sincronização aprimorada dos hemisférios direito e esquerdo do cérebro (que combinam positivamente em criatividade). Cada indivíduo sente o processo de forma diferente; cada um está em um processo distinto diante do conhecimento, portanto existe um grande respeito a cada aluno/pesquisado. Sob o som de uma música suave, conduzo-os ao processo meditativo, mostrando as possibilidades de que cada um se centre em si mesmo. Em cerca de 30 minutos, levo o grupo a experimentar a sensação de um profundo estado diferenciado de consciência, uma experiência corporal centrada em si mesmo.

Segundo Danucalov (2009)⁴⁹:

[...] a meditação tem oferecido uma fascinante visão da consciência humana, da psicologia e da experiência por nós vivenciada, a relação entre estados mentais e a fisiologia corporal e o processamento cognitivo e emocional. (DANUCALOV, p. 293).

Depois de vivenciada a prática pelos alunos/pesquisados em formação, refleti com eles sobre seus efeitos, buscando saber como cada um se sentiu ao praticar a meditação e estimulando sua continuidade. Além da socialização verbal de

⁴⁹ Numa época em que a pesquisa científica está disponibilizando observações confiáveis do que acontece no interior de nossas mentes quando cultivamos estados meditativos, o autor trabalha de uma forma clara, unificando a ciência e a vida em sua totalidade.

como se sentiram, os sujeitos pesquisados também fizeram seus relatos por escrito. Todos exercem a liberdade de se expressar.

Depoimentos

“Precisamos praticar mais no dia-a-dia para que possamos sentir essa energia de que tanto precisamos, sem precisar tomar tantos remédios para combater vários tipos de doença, nossa mente é de uma energia tão grande que comanda o nosso corpo, que penso eu, estando com nossos pensamentos em repouso e deixando-nos conduzir por essas energias cósmicas podemos nos relaxar, mas para poder nos conhecer melhor o que somos interiormente e só assim aprendermos metas que possam ajudar não só a mim, como outras pessoas.”

“Nós na verdade não nos conhecemos realmente, precisamos desse autoconhecimento, não imaginamos as vezes que somos capazes de tal coisa, se podemos aprender alguma coisa de útil por que não começarmos? Precisamos refletir um pouco e nos conhecer melhor.”

“Nesta meditação de início não senti nada que me fizesse esquecer as dificuldades do cotidiano, mas quando aos poucos fui me entregando e tentando esquecer tudo que de certa forma me afligia, então senti meu corpo de maneira como se não estivesse ali, mas sim em lugares longe onde me fazia lembrar algumas coisas da infância, principalmente de lugares que passei quando era menor.”

“Por fim gostei muito, o ambiente silencioso é excelente para poder pensar, ver onde estou errando e claro poder assim ir concertando, é necessário este encontro comigo mesma para conseguir enxergar qual caminho melhor a seguir.”

“Levamos a teoria para a prática, fizemos a meditação, no momento que iniciamos senti meus pensamentos a mil, como se um filme passasse na minha cabeça, depois aos poucos consegui relaxar, mas em alguns minutos depois senti como se estivesse em outro planeta, onde tinha muita água e eu estava molhando meus pés, mas era um lugar imenso e cercado por águas, na hora quando o professor começou a falar fui despertando e senti meus pés formigarem e acordei com a sensação de estar flutuando de tão leve eu estava.”

“No dia da aula de meditação, a ansiedade era maior, por não ver a hora de fazê-la. Foi um momento em que me esqueci do mundo, dos meus problemas e focalizei somente no meu interior.”

“Foi uma experiência muito importante, pois nos mostra como o ser humano consegue se concentrar esquecer suas preocupações, curar seu interior, olhar para dentro de si. Assim se levarmos como prática para nossa vida conseguiria estar mais presente no “agora” e resolver nossas dificuldades com mais clareza.”

“Veio em meu pensamento momentos agradáveis como brincadeiras e passeios envolvendo eu e minha filha. Acabei me recordando da correria do meu dia-a-dia e a importância de momentos iguais a esse, momentos únicos. A meditação tem me auxiliado muito, toda vez que estou meio agitada paro por alguns segundos, respiro fundo e relaxo, a partir do momento que a gente começa a praticar, começa a sentir os resultados.”

4.1.8 PRÁTICAS EDUCATIVAS: exibição do filme “Escritores da Liberdade”

A prática teve como objetivo um despertar interior diferenciado, mostrando o quanto é importante a atitude do educador perante o ato de educar. O filme mostra que, agregado à formação acadêmica, é necessário um olhar diferenciado. Por meio do olhar, a professora conseguiu mudar as atitudes de preconceito entre os alunos, resgatando a sua autoestima, respeitando as diferenças. O filme trata da história de uma professora que renuncia a toda sua vida pessoal para se dedicar a seus alunos, que eram considerados integrantes de gangues pela escola de periferia da qual faziam parte. Eram repletos de preconceitos uns para com os outros e rodeados de violência entre eles mesmos e fora da escola. Ao se empenhar nessa causa, no começo suportou zombaria, mas após várias lutas e vários projetos, acabou conquistando a todos. O que mudou a vida desses alunos foi a escrita de suas histórias de vida, que a professora chamou de diário. Além disso, trabalhou com o grupo a autoformação. Permitiu-se fazer parte de suas histórias e mostrou o quanto se pode mudar quando se quer mudar. Despertou talentos, e aqueles alunos transformaram-se em grandes poetas, escritores e pessoas do bem. Depois de

assistir ao filme, o grupo discutiu os aspectos mais relevantes e experimentou a linguagem da narrativa para expressar o que cada um “enxergou” em relação à obra cinematográfica.

Depoimentos

“1ª pág.”. Do diário de Carla – exemplificando como no filme - terminado o pré com a expectativa e a ansiedade de iniciar a 1ª série onde imaginava um lugar muito melhor, eu na verdade estava prestes a descobrir... que desilusão, nada de brinquedos, massinha, parquinho, nada de canções, nem pinturas a dedo, somando um acinzentado lugar, distância na fila, hino nacional (todas as manhãs) e somente um caderno, um lápis e uma borracha para apagar todos os erros que agora cometia, pois antes tudo que fazia era louvado e podia expressar-me como quisesse e agora minha expressão era ditada, com o tempo me acostumei, mas cheguei até a pedir para minha mãe que me levasse de volta, mas recebi um ‘não pode’”.

“As dificuldades que as pessoas encontram no seu dia a dia desperta para uma nova vida, com ajuda de uma professora que faz a diferença, mesmo renunciando parte de sua vida como: esposo, lar e família, mas na construção de um novo tempo, como uma semente que nasce, aceitando as diferenças, combatendo a violência e a miséria. Deus põe em nossos caminhos pessoas iluminadas, com dons para ajudar. Sendo assim despertando o que há de bom dentro da pessoa, acolhendo-os e colocando em prática, mesmo sendo doloroso, difícil, mas com grande alegria de se sentir um novo ser, de paz, amor próprio e pronto para uma nova vida, com dignidade, honestidade e fortalecido para seguir em frente e ajudar o próximo.”

“O importante é se satisfazer! Pois a insatisfação pede mudanças e o sentido da vida é buscado fazendo com que o novo aconteça. Nós educadores sempre devemos estar em busca do novo, pois como no exemplo da professora do filme, precisamos a cada dia aceitar novos desafios e assim educar de maneira conscientizadora, respeitando os alunos para assim obter ao final o novo conhecimento próprio e de seus alunos.”

“O nascimento do conhecer é quando despertamos para um novo horizonte, para conhecer novos caminhos. É quando reconhecemos nossos próprios erros, e

acima de tudo estamos dispostos a corrigi-los. Ensinar é mais que uma arte, é um dom, uma prática de paciência e dedicação, é torcer pelo sucesso de um ser desconhecido. Transformar vidas e ver o resultado de um bom trabalho se concretizar ao transformar a vida de pessoas incontestavelmente suprema.”

“Assim como o holocausto representou o sinal dos novos tempos através do sacrifício das pessoas, o filme trata da mesma realidade, ou seja, sinais de novos tempos. Eles mergulharam a fundo dentro de suas experiências e suas histórias de vida, por exemplo, a violência, a miséria, o racismo, famílias destruídas e a falta de amor entre si. Tudo isso para os alunos proporcionava desânimo e falta de confiança, já que eles não tinham um objetivo para o futuro, tanto na família quanto na escola. Até que alguém acreditou e mostrou aos alunos que eles são capazes de superar e vencer obstáculos.”

“Ser professor não significa apenas alfabetizar, mas sim, saber observar os alunos, em especial, os problemas de cada um, para saber aplicar sua metodologia de ensino. Ser professor também significa abrir mão de parte de sua vida pessoal para dedicar-se a esta profissão. Esta profissão não exige somente profissionalismo e conteúdo, mas sim muito amor ao próximo e muita dedicação, pois parte da educação do aluno está nas mãos do professor. Ser professor significa transformar situações.”

Depoimentos por meio de poemas

*Escrever é um ato de liberdade
Expor emoções, raiva, alegria...
Além de ser também uma comunicação*

*A escrita pode mudar o mundo
Uma realidade
E o sentido da vida*

*A escrita pode mudar as pessoas
A ver do coração
Ao ler e entender a escrita*

E depois fazer uma reflexão
Depoimentos por meio de poemas

Os escritores da liberdade
Muitas barreiras precisam vencer
Para serem alunos da diferença
O mundo em que vivo preciso combater

Uma nova chance lhes abre a porta
Alguém que realmente com eles se importa
Vem de um mundo totalmente diferente
Mas com sede de transformação

Quando conhecemos a realidade que nos rodeia
Podemos então compreendê-los
Ajudar a superar traumas e medos
E assim conseguir mudar o rumo de suas histórias
Para terem conquistas ao invés de pesadelos.

4.1.9 PRÁTICAS CORPORAIS: Lian Gong

A próxima experiência proporcionada aos sujeitos foi a expressão corporal do **Lian Gong**, uma prática que reúne conceitos ocidentais e orientais com simplicidade, eficácia e alegria, respeitando as individualidades e proporcionando consciência do próprio corpo, características interdisciplinares não encontradas em outras práticas. São priorizados os movimentos expressivos do ser humano, desenvolvendo a concentração e a autoestima. A técnica foi desenvolvida na China, pelo *Dr. Zhuang Yuen Ming*, médico ortopedista da Tradicional Medicina Chinesa (TMC), na década de 1960. Baseado no *Tui Na*, milenar arte fisioterápica chinesa, e na tradição dos trabalhos corporais chineses, o Dr. Zhuang sintetizou, em um primeiro momento, um conjunto de *18 exercícios que atuassem no corpo humano, da coluna cervical aos dedos dos pés*. Ou seja: com a prática de 12 minutos diários

de exercícios uma pessoa pode prevenir-se da maioria dos problemas decorrentes de má postura ou de movimentos agressivos à lógica do corpo humano. O **Ministério da Saúde**, por meio da Portaria 971, de 3 de maio de 2006, incluiu o **Lian Gong em 18 Terapias** entre as práticas da **MTC** a serem oferecidas à população pelo **SUS**.

A razão primeira de essa prática ter sido escolhida como conteúdo foi a grande possibilidade que oferece ao ser de olhar para si mesmo descobrindo que seu corpo é capaz de se autotransformar. É possível aquietá-lo com o simples concentrar-se e cuidar dos gestos, dos movimentos corporais lentos, percebendo o próprio corpo como troca, interação, mudança de atitude, trabalhando especialmente a consciência corporal.

Quando iniciei essa prática com o grupo mostrado na foto (Terceira Idade), percebi que esses movimentos que fazem o ser concentrar-se em si mesmo constituem-se em um processo de interiorização. Todos os exercícios são feitos na postura em pé, acompanhados por uma música (OM PAMDE ME UM⁵⁰ – mantra cantado), selecionada especialmente para a prática e utilizando uma respiração natural. A característica básica dos exercícios é a fusão de movimentos de alongamento com tração, controlados pelo praticante, dentro de seus próprios limites. Assim, esses exercícios, agindo de forma suave sobre os sistemas circulatório e articular, mobilizam o tônus muscular, suavizam os enrijecimentos e estimulam a “lubrificação” das articulações.

A prática constante desses exercícios tem-se revelado como um excelente instrumento na correção postural dos praticantes, bem como na melhora geral do indivíduo, no combate aos sintomas do stress, às ansiedades e irritabilidades, além das ações positivas localizadas, específicas de cada exercício.

A organização metodológica da prática é feita por meio dos exercícios em grupos: cada grupo assume exercitar um movimento. Assim que possui seu domínio, realiza-se sua apresentação para os demais grupos; quando todos passam a ter o domínio, realizam-se, em conjunto, todos os movimentos, sentindo a percepção de cada movimento. Dessa forma, interioriza-se a prática através do individual e depois

⁵⁰ Significa "da lama nasce a flor de lótus", um dos mantras do budismo; o mantra de seis sílabas do Bodisatva da compaixão: Avalokiteshvara. De origem indiana, de lá foi para o Tibete. O mantra é associado ao deus de 4 braços Shadakshari, uma das formas de Avalokiteshvara. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Om_manipadme_hum. Acesso em 2 junho de 2010.

se vai para o coletivo. Percebe-se, então, que são exercícios que necessitam de mais repetições, mas a princípio o intuito é realmente mostrar como é sua prática e como cada um se sente com ela.

Depoimentos

“Fez-me relaxar bastante e sentir meu próprio corpo, coisa que eu há muito tempo não fazia. Durante o exercício me senti plenamente na sala, senti como estou enferrujada e como não estava observando meu corpo nos últimos tempos, me fez sentir saudades do meu tempo de academia e me lembrar de como eu sentia bem menos dores ao praticar qualquer movimento.”

“Sugiro que tenhamos mais aulas assim ao longo de todo o curso, pra gente interagir mais, relaxar mais, de forma saudável e gostosa, uma aula diferente de teoria, cadernos e papeladas.”

“A aula de quarta-feira foi uma aula muito diferente, com o decorrer da aula, a sala foi deixando de ficar tão agitada, assim deu para prestar mais atenção, a música também ajudou bastante foi um momento único em que deu para prestar muita atenção na minha respiração e perceber o quanto um momento de exercício é importante, às vezes não reparamos como uma simples postura errada nos deixa com dores e um exercício bem feito nos relaxa e nos dá mais disposição.”

“Neste exercício ficou claro as conexões com as extremidades e com dois polos importantes: céu e terra. Foi comentado, sobre aplicar com nossas crianças, porém com certas modificações. Lembrando que é um exercício de cultura oriental.”

“A aula foi bem interessante, pois ao contrário das outras vezes, fizemos movimentos que ainda não havia tido a oportunidade de fazer. Os movimentos foram bem relaxantes, proporcionando a chance de observar nossos próprios movimentos, sentir o nosso corpo e promover a interação entre os alunos. Foi uma aula extremamente agradável, acredito que esta aula foi um grande incentivo para que todos a partir deste momento realizem esta atividade mais vezes em suas casas.”

“Percebi como é importante se conectar consigo mesmo, como realmente é bom sentir todo o corpo, como é importante o nosso físico. Foi uma prática muito interessante, diferente e gostosa.”

“Eu me beneficieei por saber me concentrar. Pratiquei um exercício que nunca tinha feito, nem percebido o valor do exercício. Não me senti inibida, o que na maioria das vezes tinha e ainda tenho dificuldade de saber me expressar corporalmente. Percebi que todos nós respeitávamos e todos se importavam com a nossa expressão.”

“O exercício em si me trouxe leveza e soube dispersar minha mente dos problemas. Não sei se é certa a palavra, mas parece que ao fazer o exercício, provoca uma sensação de independência, de superação a cada exercício.”

“A prática chinesa aplicada em sala de aula foi muito proveitosa para mim, além do relaxamento obtido, aprendemos mais uma técnica para ser usada em nosso dia-a-dia como futuras profissionais da educação. Com essa atividade percebi a necessidade de nos exercitarmos, pois há certos exercícios que requer uma flexibilidade um pouco maior.”

“Com esta técnica treinamos muito a respiração e a concentração, que são essenciais em nossa vivência cotidiana, além da calma durante a atividade.”



Fig. 16. Imagem Expressão Corporal dos Movimentos do LIAN GONG⁵¹. Grupo de Terceira Idade - Apresentação na UNIÍTALO/SP.⁵²

⁵¹Apresentação do Grupo INTERESPE/2011/UNIÍTALO/SP, ao qual pertencço – Grupo de TERCEIRA IDADE (FIG/UNIMESP/GUARULHOS/SP) que desenvolve essa prática. Essa imagem representa uma apresentação de um grupo de Terceira Idade que pratica o Lian Gong e encontra possibilidades

4.1.10 PRÁTICAS EDUCATIVAS: construção de memoriais

O aparecimento e o desenvolvimento das histórias de vida, de acordo com Pineau, em seu texto “A formação no decurso da vida”⁵³, permitem aos sujeitos reunir e ordenar os seus diferentes momentos de vida, fazendo-os construir um tempo próprio que lhes dá uma consistência temporal específica. A construção e a regulação dessa historicidade pessoal são talvez as características mais importantes da autoformação.

Pude vivenciar, em sala, cada sujeito escrevendo, ao longo do semestre, sua história, suas descobertas, bem como as práticas que auxiliavam os grupos em cada momento para esse processo. As orientações sobre a construção, por sua vez, aconteciam nos primeiros dias de aula e estendiam-se conforme necessidade de compreensão, ou seja, tinham o sentido de rever a história de vida de cada um. Compartilhei histórias, fiz mergulhos profundos nas leituras das histórias, e a escuta sensível se fez presente no silêncio.

Fazenda (2011) diz exatamente:

[...] que a atitude interdisciplinar seja uma decorrência natural da própria origem do ato de conhecer, necessária se faz num plano mais concreto sua formalização, e assim sendo, pode-se dizer que necessita da integração das disciplinas para sua efetivação. (FAZENDA, 2011, p. 11-12).

Será que também não necessito dessa integração internamente? Cada um de nós, em seu (meu) espaço interno e externo, fazendo as conexões com seu/meu/nosso campo de atuação onde se é (eu sou) o mesmo, tem (tenho) de exercitar sua (minha/nossa) capacidade de transformar; sua/minha/nossa interdisciplinaridade. O ato de educar terá mais sentido se cada um entender que é uno, que está o tempo todo ligado ao outro, permitindo o movimento da troca.

Eu solicitava aos alunos que, ao chegarem ao final da última página de seus memoriais, pudessem responder às seguintes perguntas: O que os levava à escolha

de continuar vivendo com a expressão corporal fazendo parte do seu contexto de vida, percebendo-se, sentindo-se e encorajando-se a cada encontro.

⁵² **Fonte:** Acervo da pesquisadora/Nov/2011.

⁵³ Disponível em <www.cetrans.com.br> – Centro de Educação Transdisciplinar. Gaston Pineau (Diretor do Departamento des Sciences de L’Education et de La Formations Université de Tours). Acesso em 05 de fevereiro de 2013.

desse curso? Qual a importância desse contexto, dessas expressões corporais, naquele momento em suas vidas? Como a interdisciplinaridade, o autoconhecimento e as práticas educativas fizeram sentido para cada um?

Depoimentos

“Com esse memorial e com as aulas sobre interdisciplinaridade/ autoconhecimento, pude me conhecer melhor e assim, escolher meu futuro. Foi através destas, que consegui entender as coisas simples da vida, como dar valor as pessoas que amo e as coisas que já conquistei. Foi um momento que parei para pensar apenas em mim, no meu passado e no meu presente.”

“O autoconhecimento, interdisciplinaridade me ensinou que é preciso me conhecer melhor, me disciplinar também é preciso ter autoconhecimento, muito especial essa disciplina, sou agradecida por tê-la conhecido, este memorial me fez rever-me por inteiro.”

“Quando escolhi Pedagogia, pesquisei vários assuntos sobre a área, mas antes de tudo, uma matéria sobre a interdisciplinaridade, onde mudou várias coisas em minha vida, aprendi a ouvir as pessoas, a saber, entrar numa sintonia de amor, será que somos capazes de transmitir isso? E este memorial... fantástico.”

“A aula de autoconhecimento e interdisciplinaridade me ajudou a refletir melhor sobre tudo, a ouvir o outro, saber esperar, ter humildade e paciência, a me autoconhecer. Já a meditação me ajudou a conhecer meu corpo como um todo, desde os órgãos, a respiração, a me concentrar somente naquilo que estou fazendo, respeitar o tempo, pois cada coisa tem seu tempo e as diferenças do próximo, mas ainda tenho que mudar muitas coisas e aprender outras. Pude rever minha história.”

“Com as aulas da professora, estamos aprendendo que é importantíssima a questão de você se conhecer bem, para então tratar com o próximo, ou melhor, você tem que se amar primeiro, e estando certo disso poderá ser capaz de amar o próximo e compreendê-lo melhor. Eu particularmente considero essa matéria muito importante em nosso curso, pelo motivo do professor trabalhar com diversos tipos de pessoas e isso não em um período pequeno de tempo, mas durante um tempo razoável (ex. dar aula pra uma determinada turma durante um ano), o professor tem

que conhecer o aluno para poder trabalhar com ele, e imagine uma sala com alunos de temperamentos diferentes? Para que ele conheça o outro, ele tem que se conhecer primeiro, tem que se amar primeiro, se respeitar primeiro, para então passar isso para o próximo.”

“Não adianta um professor ser inteligente conhecer muito sobre determinada matéria, mas ser arrogante, não ter humildade’. Eu particularmente penso que isso não serviria de nada, quero ser dinâmica, flexível, saber trabalhar com todos os tipos de personalidades que a criança tem, e ao mesmo tempo amá-la, respeitá-la sem olhar poder aquisitivo, gênero, raça ou cor. Buscarei aprender o máximo sobre essas questões e creio que não terei problemas quanto a isso. Este memorial me trouxe de volta. Um exemplo, eu amei o filme ‘O amor é contagioso’, o mesmo ajuda a explicar bem essa questão.”

“Gosto muito de estudar, sempre gostei, nunca quis ficar parada em termos de estudos, penso que de certa forma o estudo transforma o indivíduo e valoriza o mesmo. Uma pessoa que tem conhecimento tem espada para lutar, defender-se e ultrapassar certos obstáculos da vida. Sei que preciso me aperfeiçoar na leitura para então aperfeiçoar-me na escrita, preciso aprender a me expressar melhor e escrever melhor, mas sei que me esforçando mais, aos poucos obterei sucesso. Quero ser uma professora que faça a diferença na vida dos meus alunos.”

“As aulas da professora trouxeram-me uma visão maior de mim mesma, logo no começo do curso a professora deu um trabalho que era de olhar no espelho e se conhecer, a partir desta atividade eu percebi o quanto eu precisava me conhecer. Realmente essa aula de autoconhecimento e interdisciplinaridade é extremamente importante e também eficaz, com atividades de expressão corporal, aprendi o quanto o corpo fala. Os benefícios que a matéria me trouxe sem dúvida, estão propriamente ditos no seu nome, Interdisciplinaridade, Autoconhecimento e Práticas Educativas. Estou muito feliz.”

“Em observação a disciplina de Interdisciplinaridade/autoconhecimento, que é sem dúvida fundamental para o equilíbrio de qualquer pessoa, independente de estar cursando pedagogia ou não, tivemos várias experiências que com certeza irão nos auxiliar no dia a dia, pois só podemos conhecer alguém se conhecermos a nós mesmos. Escrevendo a minha história de vida pude perceber o quanto precisamos ser interdisciplinares.”

“Hoje posso falar que meu sonho está sendo realizado, pois estou mesmo em uma faculdade e o mais importante, estou muito feliz pela escolha do curso, que está me surpreendendo cada vez mais. Não imaginava que me envolveria tanto com as aulas sobre Interdisciplinaridade e autoconhecimento, que me fizesse pensar em minha vida, na maneira que pretendo ser com as pessoas e comigo mesma. Fez-me pensar que realmente se estivermos prontas em ‘nosso interior’, com ‘nosso eu’, conseguiremos lidar com as situações de diversas maneiras, ver além dos nossos problemas. Tentando sempre ter um olhar diferenciado, com amor e carinho, conseguiremos estar próximas das crianças que ensinaremos, e que não só transmitiremos o nosso conhecimento, mas teremos uma relação de amizade, um ambiente acolhedor. Assim sementinhas da compreensão, do amor ao próximo, do respeito serão plantadas em cada um. E que amanhã possam crescer e dar frutos, frutos que possam fazer a diferença, em uma sociedade à espera de uma mudança.”

4.2 As percepções vê entendimentos que desencadearam as reflexões finais dos pequisados

Cada um dos participantes teve liberdade para mostrar suas percepções, aquilo que significativamente marcou seu momento, trazendo, de um modo ou de outro, algum aprendizado. Entendo que o significado das minhas ações pode ser expresso de formas distintas, pois muitas respostas dependem de experiências anteriores, do modo como eu me entreguei às vivências e experiências. No caso da atividade, importava saber se o sujeito esteve presente de fato no momento em que aconteciam as práticas e se dedicou todo seu potencial para executá-las.

Parto do **sentido** percebido por cada um, que se torna dependente da capacidade de extrair, de um determinado movimento/ação, sua capacidade criadora. Como aponta Fazenda (2002):

[...] estimulamos sua percepção aguçando sua recorrência à memória e verificamos que a aquisição de uma atitude interdisciplinar evidencia-se não apenas na forma como ela é exercida, mas na intensidade das buscas que empreendemos enquanto nos formamos, nas dúvidas que adquirimos e na contribuição delas para nosso projeto de existência. (FAZENDA, 2002, p. 24).

A criação do conhecimento alimenta a inovação, e o processo pelo qual cada pesquisado teve suas percepções é o que irá gerar um novo conhecimento. Ou seja: quando cada um vivencia, faz suas reflexões, próprias e externas ao grupo, discute e abre sua escuta, poderá criar novos entendimentos e novas formas de percepções, tornando-se elemento fundamental para novas atividades dentro ou fora do ambiente escolar, com possibilidade de atividades inovadoras.

Como mostram Nonaka e Takeuchi (1997, p. 275):

[...] esse processo é dinâmico, produzindo dois tipos diferentes de espiral do conhecimento. A primeira espiral ocorre na dimensão epistemológica, nos quatro modos de conversão do conhecimento – socialização, externalização, combinação e internalização como nos mostrou a figura. A outra espiral ocorre na dimensão ontológica, na qual o conhecimento desenvolvido no nível individual é transformado em conhecimento nos níveis do grupo. Embora cada dimensão produza uma espiral dinâmica, a natureza verdadeiramente dinâmica de nossa teoria pode ser mostrada como a interação entre duas espirais do conhecimento ao longo do tempo. É esse processo dinâmico que alimenta a inovação. (NONAKA & TAKEUCHI, p. 275).

Senti, nesse processo, a **intencionalidade** dos pesquisados, mencionada por Ivani Fazenda em seus escritos. Cada etapa vivenciada e expressa exige um saber-aprender; exige que seja vivido o tempo de aprender que é dado a cada um. Os movimentos internos e externos praticados e refletidos traziam o exercício da escuta, do compartilhamento, da liberdade de expressão, da descoberta do quem sou eu, do agir com maturidade, do exercício interdisciplinar de se autodescobrir, das memórias revividas em cada história de vida, escrita, contada e renovada. Não existe receita pronta, pois cada um tem o seu tempo; não o tempo do relógio, do *chronos*, mas de outro tempo, o do momento favorável, o do *Kairós*. As práticas corporais também dependem desse tempo *Kairós*; os movimentos de respiração, de relaxamento e de concentração em si mesmo são processados continuamente nas células. Não posso visualizá-los, mas posso senti-los; e os benefícios que são armazenados são como os aprendizados que entram e alimentam nosso intelecto. Nossa espiral de conhecimento é gradativa; existe, para esse conhecimento, um tempo de gestação e de maturação, exigindo **coerência** em cada uma das práticas, mesmo as mais teóricas.

Na sequência, observo a **funcionalidade** das ações dos pesquisados, presente na maneira como eles trazem o retorno de suas ações junto aos seus

espaços externos e ao meio acadêmico. Sabe-se que estes, muitas vezes, não são facilmente compreendidos, exigindo um mergulho nas questões epistemológicas, um repensar no ato de educar. E criar maneiras de inovar requer um novo despertar...

Unidas as práticas a todo o contexto (o da tese e o que está fora dela), percebo que minha história envolveu-me nessa tentativa de aprender um pouco mais, conduzindo-me a reconhecer que quanto mais me envolvo com minhas (nossas) experiências, mais descubro que o segredo para a aquisição do conhecimento tácito é a experiência. Segundo Nonaka e Takeuchi (1997, p. 69):

[...] sem alguma forma de experiência compartilhada, é extremamente difícil para uma pessoa projetar-se no processo de raciocínio do outro indivíduo. A mera transferência de informações muitas vezes fará pouco sentido se estiver desligada das emoções associadas e dos contextos específicos nos quais as experiências compartilhadas são embutidas. (NONAKA & TAKEUCHI, 1997, p. 69).

Na criação de conhecimento por meio de procedimentos interdisciplinares, pude perceber, sobretudo no âmbito do pesquisa-ensino uma aproximação (também interdisciplinar) das ações compartilhadas no oriente. A parceria que estabelece em todos os momentos com as questões do autoconhecimento é uma visão ousada, mas, acima de tudo, possível de ser vivida, transformando o educador. Seu olhar passa a deslocar-se, a mover-se na direção da união e da ousadia; o “corpo sujeito” movimenta-se em direção ao “corpo vivido”, que quer compartilhar seus conhecimentos, revelar seus talentos adormecidos, permitir o exercício de descobertas e acreditar que é possível ser um educador que exerce a ousadia. Este é o grande propósito que a interdisciplinaridade imprime naquele que se quer (trans) formar (em) educador.

Os próprios depoimentos são a chave para a mudança de paradigma, para o reconhecimento de uma visão diferenciada que espera, do ser humano, que queira avançar em seu contexto de expansão de consciência, identificar-se com uma proposta de abertura e de reciprocidade para uma nova concepção de educação.

5 CORPO PRESENTE: o fazer centrado no ser e suas considerações finais



Fig. 17. Imagem Templo Sanjusangendo (Rengeo-in) - Templo do Imperador Go-Shirakawa, 1164. Dedicado a Bodhisattva a Kannon. A Deusa mais importante do Templo, a Deusa da Compaixão e do amor. Kyoto/Japão.⁵⁴

Presença

Perceber a sutileza do estar no presente
 É constatar a importância da mobilização dos sentidos
 E da atenção ao momento que passa
 E da força única do amor daí resultante.

Trecho da Poesia Ruy César do Espírito Santo
Livro “Desafios na formação do Educador” (2012, p. 51)

Neste campo de atuação, alguns autores são abordados para, quem sabe, sugerir um despertar quanto às possibilidades de mudar minha visão de mundo, de entender o que o futuro me reserva e criar caminhos possíveis para as novas gerações e até mesmo para os que já estão, no presente, necessitando de mudanças. Em outras palavras, uma nova consciência de estar no mundo: não posso continuar fingindo que ensino enquanto outros permanecem fazendo de conta que aprendem.

⁵⁴ **Fonte:** Acervo da pesquisadora. Nov/2011.

Neste momento, cito uma poesia do livro *Comunicação e consciência do corpo: toques para dançar a vida*, escrito por Zélia Patrício⁵⁵ e Tarcizo Gonçalves Filho⁵⁶, indicado por Irmã Ivone Yared⁵⁷:

Corpo – Melodia Cristalizada⁵⁸

M. Helena Correa

Deixa que teu corpo cante a melodia cristalizada.

Ele é expressão da mais alta inspiração do Artista Maior.

Lugar de Intimidade, o corpo é todo teu, sentindo, arraigado, alegria, dor profunda:

Teu corpo é tua expressão

Tua raiva/tua luta

Teu medo /tua coragem

Teu limite/tua liberdade

Teu corpo, tua prece/tua transcendência.

⁵⁵ Zélia Patrício, irmã salesiana, é arte-educadora, com especialização em Comunicação Social, e animadora de oficinas de consciência do corpo. É também criadora do projeto NASCER – Núcleo de Associacionismo Salesiano: Consciência, Expressão e Relaxamento-, cujo primeiro núcleo é o Toque-vida, em Ponte Nova (MG). Ministra o curso teórico-prático de comunicação e consciência do corpo, no SEPAC – Serviço à Pastoral da Comunicação – em São Paulo. Compositora, lançou, pela Paulinas-COMEF, os CDs A bonita arte de Deus I e II. Sua metodologia incorpora o lúdico, a plástica, o teatro, a música e a dança, porque acredita na arte como necessidade para recriar nossas histórias de vida.

⁵⁶ Pe. Tarcizo Gonçalves Filho formou-se em teologia, com pós-graduação em sociologia e mestrado em filosofia e ciências políticas. Conquistou uma bolsa de doutorado a ser iniciada em Louvain, na Bélgica, mas faleceu em 21 de abril de 1997, aos 30 anos. Com grande carisma e inteligência brilhante, executava trabalhos pastorais e sociais nos meios carentes da população, deixando para todos nós um exemplo de vida, paz, amor e luz, clara manifestação de Deus.

⁵⁷ Possui graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Auxilium de Filosofia Ciências e Letras de Lins (1971), graduação em Habilitação em Inspeção Escolar pela Faculdade Auxilium de Filosofia Ciências e Letras de Lins (1971), graduação em Habilitação em Supervisão Escolar pela Faculdade Auxilium de Filosofia Ciências e Letras de Lins (1971), graduação em Habilitação em Administração Escolar pela Faculdade Auxilium de Filosofia Ciências e Letras de Lins (1972), mestrado em Mestrado em Educação - Supervisão e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994) e doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009). Atualmente é membro efetivo - Observatoire de Paris-Meudon - GEPI e direção e administração - Ginásio escola Normal particular Nossa Senhora Auxiliadora e responsável pela Pastoral Escolar das Escolas da Inspeção Imaculada Auxiliadora de Campo Grande /MS. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: interdisciplinaridade e relação educativa, humanização da cultura, cotidianidade, interdisciplinaridade e transcendência e interdisciplinaridade e sistema preventivo.

⁵⁸In: PATRÍCIO; GONÇALVES FILHO, 1998, p. 83-84.

Deixa o teu corpo vibrar, gritar, pular e se quebrar em dom-partilha, porque ele é teu ser:

Companheiro inseparável do espírito, não tem limites.

Teu corpo é teu gingado, tua dança, tua plástica, tua magia.

Teu corpo é tua mística, tua cara, tua identidade!

Deixa teu corpo banhar-se na sinfonia cantante de todas as vozes maviosas da Natureza em festa e que a canção penetre o teu ser por inteiro, cale tua voz, misture-se a teu sangue e se transforme em terra flor de leves movimentos.

Deixa teu corpo modelar-se ao suave embalo do vento, dispersando os males, ajustando o desamor, liberando todas as energias do cosmos.

Porque:

Dentro do corpo, só aconchego, quietude, paz.

Dentro do corpo, harmonia, calor;

Dentro do corpo, segurança, proteção, amparo.

No corpo, a semente, no corpo, a paciência,

No corpo, a esperança.

Dentro do corpo não há dor,

Privação

Carência

Revolta!

Dentro do corpo, o germinar silencioso da vida.

Corpo – lugar de diálogo fecundo e fecundidade,

Direcionado do outro.

Corpo – lugar do encontro recriador onde o sopro amoroso de Deus põe o cerne da vida.

Corpo – casa dos sonhos

Templo que te faz curvar ante a beleza da mais perfeita imagem que Deus arquitetou: tu mesmo!

Corpo – transfiguração da matéria

Mediação do sentimento, da razão, da sabedoria, do amor

Comunicação de vida.

Corpo – transparência do ser divino,

Melodia cristalizada, sinfonia completa.

Santuário de Deus!

Para que o ser atinja esse nível de consciência, precisa primeiramente explorar o que tem de mais belo, que são as possibilidades de ver beleza, alegria e o amor na escolha de uma profissão; no caso, de ser professor, de ser educador, de estar no mundo. E esse processo só é possível pela busca de alguns caminhos, que Jung chamava de caminho de “individualização”, do ser presente, viver o agora, intenso, possível, reverberado na essência de si mesmo.

Merleau-Ponty enfatiza a relação homem-mundo mediada pelo princípio da relação corpo-consciência, destacando a presença do homem no mundo como sendo uma presença corporal, marcada por sua motricidade. E, na motricidade, encontra-se a intencionalidade original, o sentido e a significação de toda ação humana, uma ação que é histórica e cultural.

Enxergo que é preciso trabalhar o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, suas expressões, seus sentidos, sua crítica e sua criatividade e com sua espiritualidade. Algo deve ser feito para que o aluno possa ampliar seus referenciais do mundo e trabalhar com todas as linguagens, sobretudo a corporal.

Para Capra (1998), a mudança de paradigma, em seu nível mais profundo, implica a mudança da Física para a ciência da vida, experienciando um salto quântico⁵⁹. Isso significa que a base para qualquer ciência é a vida, e a vida é sistêmica, é dinâmica, é aberta. Significa reconhecer que o presente requer novos olhares para o outro e para si mesmo.

Como ensina Capra (1998, p. 25):

[...] o âmago da crise está na percepção, no pensamento e nos valores. Sugere como novo paradigma a visão de mundo holística, que “concebe o mundo como um todo integrado, e não como coleção de partes dissociadas”. Ou, uma visão ecológica, na qual “reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedade estão todos encaixados nos processos cíclicos da natureza”. (CAPRA, 1998, p. 25).

Será primordial que os alunos sejam direcionados para a autonomia, para a percepção de que são parte integrante do meio em que vivem.

⁵⁹ A palavra *quantum* significa quantidade discreta, e sugere (corretamente) imagens de minúsculos objetos submicroscópicos. A física quântica teve início, de fato, com fenômenos submicroscópicos; é necessário que haja um observador, uma consciência, para completá-la.

Entender as coisas sistemicamente significa situá-las em um contexto, estabelecendo a natureza de suas relações. Para Capra (1998), o pensamento sistêmico é “contextual”, o que é o oposto do pensamento analítico. A análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la; o pensamento sistêmico significa colocá-la num contexto mais amplo.

Morin (1991) propõe o pensamento complexo. Neste, todos os fenômenos estão relacionados, implicados uns com os outros. O autor considera os fenômenos como sistemas dinâmicos, abertos, autoorganizadores, autoecoorganizadores.

Nesse sentido, é necessário compreender que a consciência é a base de todo o ser; se deixar meus condicionamentos de lado, exercitarei meus processos criativos deixando-os falar por mim. Com isso, a liberdade de escolha deve ser promovida pela escola, pelos educadores, mas estes serviriam de mediadores, guias, abrindo meus sentidos para o processo criativo. As relações existentes deveriam ser de trocas entre educadores e educandos, aproximando-os da autonomia.

Se essa interação for feita na educação, entenderei a integração no ambiente escolar: direção, professores, alunos, metodologias, conteúdos, disciplinas, convergências de valores, processos interdisciplinares. Para Capra (1998), o pensamento sistêmico envolve uma mudança da ciência objetiva para a ciência “epistêmica”, para um arcabouço no qual a epistemologia - o método de questionamento - tornou-se parte integral das teorias científicas.

Para tanto, a sintonia existente entre a pesquisa, os resultados materializados em depoimentos e a reverberação dos saberes são fundamentais nesse processo de formação neste momento.

Como pondera Fazenda (2008, p. 25):

[...] gostaria que nos dedicássemos mais à questão do por que em vez de como é? Mexer com ela e, a partir daí, talvez, achar um novo comportamento que nos permitisse abrir as portas das gaiolas epistemológicas nas quais há tanto tempo nos encerramos. (FAZENDA, 2008, p. 25).

O que considero inovador neste contexto apresentado é justamente mostrar que a educação precisa estar centrada no Ser Humano (conhecimento tácito). Na minha forma de entender o mundo, não existe educação centrada somente no

“fazer”; primeiro valoriza-se o que o aluno já possui, identificam-se os talentos que necessitam ser resgatados, e começa-se a perceber o potencial que emerge partindo dos estímulos que o aluno recebe. A partir desse momento, explora-se toda sua motricidade, ensinando-o como estudar, como desenvolver o gosto e o desejo de aprender. Com o encontro do autoconhecimento e da interdisciplinaridade, é possível perceber o que está implícito no ser humano, tornando-o explícito. Preciso extrair, de dentro de cada um, esse grande potencial, e, nesse processo, as práticas educativas corporais apresentadas são grandes colaboradoras.

Acredito nessa possibilidade desde que a mudança principie pelo processo de formação dos futuros educadores, que irá desencadear outro processo: um educar contínuo, capaz de extrair, de dentro de cada um, o seu máximo. Considero uma emergência trabalhar com a base na educação; é da base que se constrói todo o potencial do indivíduo, que carece de estímulos para materializar-se em ação. Para que a base seja transformada, é preciso formar pessoas capacitadas para desenvolver propostas inovadoras. As práticas aqui sugeridas são caminhos possíveis; são experiências que farão outras nascerem, estímulos carregados de sentidos, intencionalidades e funcionalidades que se desdobraram (e poderão desdobrar-se) para cada um de forma diferente, fazendo nascer novas formas de criar(outros) conhecimentos.

Uma questão fundamental para este estudo foi justamente rever a concepção de formação. A interdisciplinaridade e o autoconhecimento são propostas fundamentais no contexto educacional brasileiro.

Nesse processo, a criatividade é fundamental, conforme defende Goswami⁶⁰ (2008), da teoria integrada, com base na nova visão de mundo:

[...] a teoria baseia-se na aplicação da física quântica ao cérebro e a mente. Até pouco tempo, achava-se que a física quântica era importante apenas no domínio dos fenômenos materiais. Agora, parece que ela nos dá uma maneira revolucionária de nós mesmos definirmos nossa mente e, por conseguinte, nossa criatividade (Goswami, 1988,1990, 1996a; ver também McCarthy, 1993). [...] Com essa nova teoria como contexto, vemos que podemos tratar de

⁶⁰ Um dos mais ilustres físicos da atualidade reúne as teorias existentes sobre a criatividade e promove uma integração dessas diferentes perspectivas baseada na física quântica. Referência mundial em estudos que buscam conciliar ciência e espiritualidade, é Ph.D. em física quântica pela Universidade de Calcutá, Índia, conferencista, pesquisador e professor emérito do departamento de Física da Universidade de Oregon, EUA.

questões de definição e classificação de fenômenos criativos. Por que a criatividade precisa tanto de inspiração quanto de perspiração? O que significa exatamente intuição criativa? Como surgem os afetos – ansiedade e êxtase – das experiências criativas? O que nos motiva a ser criativos? Todas essas perguntas encontrarão respostas satisfatórias na nova perspectiva. (GOSWAMI, 2008, p. 47).

O desafio posto é de que a educação precisa estar centrada no ser. Com base nas propostas que desenvolvi, entendo o arsenal sobre o movimento interno e externo de percepções com ênfase no indispensável vínculo do autoconhecimento, com a interdisciplinaridade e a espiritualidade. A visão integral do Ser Humano, a consciência profunda de si mesmo, traz a raiz da unidade do saber, que é, por sua vez, o nascer da interdisciplinaridade e a vivência de uma indispensável espiritualidade.

Para essa reflexão tão fundamental em relação aos estudos vivenciados, reitero as palavras e saberes de Fazenda (2011a, p. 94):

[...] o acesso do educador ao conhecimento teoricamente produzido permite que ele passe a ter um conhecimento diferenciado da realidade educacional, que é múltipla em sua origem, portanto, interdisciplinar. Não existem fórmulas mágicas para alfabetizar melhor. Perguntar, pesquisar e aprender com as diferentes ciências é tarefa que se impõe ao professor-alfabetizador. Aprender diferentes instrumentais fará parte de seu cotidiano. A mágica estará no adequar o instrumento correto ao momento certo. (FAZENDAa, 2011, p. 94).

Portanto, sugiro que o grande movimento seja realizado por meio da comunicação em todas as linguagens e mediado pela interdisciplinaridade, pela parceria e interação.

Deparo, neste instante, com essas considerações que, embora obedeçam à nomenclatura oficial, acadêmica, nunca poderiam ser finais... Quanto ainda há para dialogar, para discutir, por descobrir... Quero mencionar que foi um grande aprendizado viver esse período no doutorado como pesquisadora interdisciplinar, especialmente tendo, como suporte teórico e presença física, Ivani Fazenda. E mais: a revisita ao velho e o retorno aos meus estudos anteriores sobre a corporeidade têm sido movimentos que me revigoram todos os dias.

Foram várias as possibilidades de aprendizado dentro do grupo e junto aos pesquisados, mas quero aqui mencionar a oportunidade de conhecer de perto um

pouco da cultura japonesa e, graças à indicação de minha orientadora, conseguir levar nossa proposta na apresentação de um artigo para o espaço japonês. Com isso surgiu também a descoberta da possibilidade de relacionar a teoria de criação do conhecimento, que é fruto da cultura oriental (japonesa), à interdisciplinaridade. Também menciono que as práticas corporais educativas trabalhadas ao longo da pesquisa relacionam-se com a cultura oriental.

Essa oportunidade surgiu de um encontro da Prof^a. Dr^a. Ivani Fazenda com o Prof. Dr. Arnoldo Hoyos. Iniciou-se por meio de um convite, que se unia ao desejo de contribuir com processos inovadores na Educação. Fui indicada para representá-la junto ao NEF⁶¹/PUC/SP no **ICIM 2011 – The 8^o International Conference on Innovation and Management Yamaguchi University – Japão em parceria com Brazil/Holanda/China.**

Como pesquisadora da linha da interdisciplinaridade, postei-me na perspectiva da interculturalidade, processos relevantes em nossa formação. Compreenda-se a interculturalidade a partir de categorias do encontro, do acolhimento, do diálogo e da parceria, do espaço de troca entre os indivíduos, valorizando os fenômenos, a subjetividade e a intencionalidade, como proposta interdisciplinar, e a sustentabilidade do ser, como princípio, permitindo uma constante expansão do ser humano. Visitar outros espaços e interagir em outros ambientes desperta olhares e percepções, expandindo possibilidades de criação.

Sou mensageira de um tempo novo, de transformações existenciais, de vida, de novas possibilidades de momentos de compartilhamento. Criatividade de um ser sustentável, que sou. Qual a importância de atravessar oceanos, desertos, mudanças de espaços atemporais?

⁶¹ Núcleo de Estudos do Futuro/NEF – grupo de pesquisa vinculado à PUC/SP, tem como foco a sustentabilidade e as formas de promover uma nova consciência planetária sobre esse tema cada vez mais vital em âmbito local e global. Representante da rede internacional de pesquisadores do Projeto Millennium da UNU – Universidade das Nações Unidas no Brasil.



Fig. 18. Imagem do “Deserto do SAARA”.⁶²

Nessa viagem rumo a um novo amanhecer, seguindo para Tóquio, atravessei o deserto do Saara. Foram momentos indescritíveis. O deserto mostra muitas formas diferenciadas, uma paisagem que transmuta entre o crespo, o ondulado; as areias são claras/escuras/avermelhadas, cheias de altos e baixos; foi um longo trajeto. Perguntei-me algumas vezes: Quais são as vidas que existem neste lugar? Não sei...Só sei que a vida pode ser transformada diante deste olhar: ver do alto o Saara é ver um “oásis”; é sentir a possível medida do ser. O ser humano perde sua dimensão maior quando ele não consegue perceber a grandeza de uma existência. Qual é minha grandeza interior diante de um deserto? Será que percebo a imensidão interior? Hoyos, em seus sussurros, expressou: **“Estamos indo aceleradamente em direção a um novo amanhecer”**. Expectativas de nova chegada, nova partida, novo começo.

“O tempo parece ter estacionado” naquele momento. Uma sensação de tudo ser atemporal, construções do Tempo. O que encontro por esse caminho? O horizonte, a paz, a harmonia, o desfecho, uma conexão entre o céu, o mar, o ar, a terra, o Universo. Qual é o sentido?

Na aeronave, desfruto de um amanhecer deslumbrante, acompanhando uma luz intensa, forte, que vinha ao encontro de minhas/nossas emoções. Desfruto de uma paisagem pela CHINA, “o sol que nós acompanhávamos” trazia luz ao nosso ser; a luz que ilumina nosso propósito e perguntamos: Por que nós? (“nós”, porque estávamos em um grupo de nove pessoas) Em qual dimensão estamos? Em qual percurso encontramos nossos passos, iluminados pelo grande presente divino de atravessar o Atlântico, o Mediterrâneo e o Pacífico. Escolhemos este presente ou

⁶² Fonte: Acervo da pesquisadora/nov./2011.

fomos escolhidos? Sabemos exatamente qual nosso papel nesse encontro, ou somos apenas missionários de uma jornada que apenas começou? Em qual tempo estamos? Ou tudo é atemporal? As marcas indescritíveis de nossas percepções em relação ao que vemos e sentimos. Visitamos templos, desfrutamos paisagens diferenciadas, exercemos nossos processos interdisciplinares. Assim, encontrei Fazenda (2011b), dizendo:

Interdisciplinaridade é uma exigência natural e interna das ciências, no sentido de uma melhor compreensão da realidade que elas nos fazem conhecer. Impõe-se tanto à formação do homem como às necessidades de ação, principalmente do educador. (FAZENDA, 2011b, p. 91).

Nesse encontro de possibilidades de desfrutar de momentos em que o agregar de valores vem em primeiro lugar, senti a presença a que Fazenda tanto remete, que é o olhar em camadas, encontrado na antropologia.

O trabalho no congresso encontrou espaço diante do tema **Interdisciplinaridade: o impulso para a criatividade e a inovação**, origem e resultado desta minha pesquisa em parceria com outras colegas do grupo de pesquisa.

Quando afirmamos que todos “podem criar”, os olhos das pessoas se abriam; os japoneses, os chineses presentes ajustaram o seu sentar, talvez em seu próprio eixo. Reconheço que o que ouviam estava apenas embutido, aguardando a hora de despertar.

Os trabalhos acadêmicos foram fechados com a apresentação de Arnoldo Hoyos, que trouxe a seguinte reflexão: os processos de expansão das nossas possibilidades encontram-se na criatividade e nos impulsos para a inovação, que pode ocorrer de maneira instantânea ou por elementos que se vão compondo.

Esses fatos estão presentes neste contexto para mostrar quão diversificados são os processos criativos e quão importantes são a parceria, o encontro, a sintonia e a ousadia, características do ser interdisciplinar.

Seguindo pelos caminhos interculturais, mostro uma parte do sítio arqueológico de Ephesus II.



Fig. 19. Imagem do Archaeological Site. Ruínas de Ephesus II/ Ephesus/Turquia.⁶³

Encontrei lugares diferentes, aventurei-me a conhecer o inesperado – as visitas foram magníficas, deixando as percepções falarem por mim/por nós. Fui surpreendida por um encantamento com o acolhimento, palavra forte, que me fez rever conceitos, práticas e propostas de renovação de vida.

Esse foi o sentido que encontrei para descrever a visita a esses lugares, onde os princípios e a cultura são as marcas que me envolvem e mostram o quanto o povo de um país pode e deve cultivar o que de belo existe. Hoje tenho a certeza de estar onde deveria estar com o sentido percebido.

Neste momento, sinto os encontros e desencontros com meus/nossos processos de conhecimento, interações, desenvolvimento pessoal, intelectual, emocional e espiritual, momentos incríveis, indescritíveis, possíveis de serem experienciados, desde que se esteja aberto para concretizar todas as potencializações de energias. Isso deve dar-se no âmbito e esfera onde a vida torna-se criação de possíveis imagens para o desenvolvimento de uma riqueza que vai além de tudo aquilo que chamamos de prosperidade do SER, inovação de quem sou e renovação do que somos. Minha eterna gratidão aos parceiros de várias jornadas, à Professora Ivani Fazenda pela confiança no direcionamento de um propósito, pelo incentivo aos meus/nossos processos criativos.

Dediquei este encontro marcante àqueles que estão na mesma trajetória, abrindo portas, caminhos, sonhos, horizontes e acreditando que podem transformar. São algumas palavras, como gratidão, por esta experiência aqui representada.

⁶³ **Fonte:** Acervo da Pesquisadora/dez./2011.

Agradeço à interdisciplinaridade como aprendizado, pela parceria e pelos momentos de grande alegria.

Esses lugares desconhecidos dos saberes permitiram-me um olhar diferenciado também à questão cultural, um deslumbramento com a arte e a cultura de alguns países e com as oportunidades oferecidas.

A pesquisa, a pós-graduação em si ofereceu-me a oportunidade ímpar de reconhecer que tenho muito a aprender.



Fig. 20. Imagem do Templo Kinkakuji, Kyoto/Japão/1397. O Templo dourado com paredes de cedro revestidas de ouro original. No topo uma Fênix Chinesa para simbolizar o renascimento.⁶⁴

Encerro este momento com o trecho de Roy (2000, p. 11), “que nasceu da experiência e da convicção de que não é possível falar de corporeidade desligada da espiritualidade, certeza que partilhava com meus ouvintes”.

⁶⁴ **Fonte:** Acervo da pesquisadora/nov./2011.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Telma, Teixeira Oliveira. **O corpo no tempo e na escola: mudanças de paradigmas.** Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP/SP) Faculdade de Educação. 119 p. 2000.

ANTUNES, Celso. **Inteligências múltiplas e seus jogos: inteligência cinestésico-corporal**, vol. 2. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BACHELARD, G. **Le rationalisme appliqué, 1 vol., in 8º, P.U.F. 1949.**

BARBIER, René. **L'écoute sensible dans la formation des professionnels de la santé. Conférence à l'École Supérieure de Sciences de la Santé** - <http://www.saude.df.gov.br> Brasília, juillet. 2002.

BASTOS, Paulo Roberto Haidamus Oliveira. (Inter) Corporeidade: *In: FAZENDA, Ivani C. A. (Org.).* **Dicionário em construção: Interdisciplinaridade.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BENSON, H. Decreased blood-pressure in pharmacological treated hypertensive patients who regularly elicited the relaxation response. **Lancet 1(7852): 289-91,1974.**

BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. **O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BLOFELD, John. **A deusa da compaixão e do amor: o culto místico de Kuan Yin.** São Paulo: IBRASA, 1994.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida.** 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

CARVALHO, E. M. M. (Org.) **O pensamento vivo de Jung.** São Paulo. Martin Claret Editoras Ltda, 1986.

CORREA, M. Helena. Corpo - Melodia Cristalizada. in, PATRÍCIO, Zélia; GONÇALVES FILHO, Tarcisio. **Comunicação e Consciência do Corpo.** São Paulo: Paulinas, 1998.

CUNHA, A. G. Da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2ª Ed. 1999.

DANUCALOV, Marcello A. D & SIMÕES, Roberto, S. **Neurofisiologia da meditação**: investigações científicas no Yoga e nas experiências místico-religiosas: a união entre ciência e espiritualidade. São Paulo: Phorte, 2009.

DAY, Aidan. **Romanticism** (1996). Disponível em <http://www.edtl.com.pt/index>. Acesso em 2 de setembro de 2013.

ESPÍRITO SANTO, R. C. **Desafios na formação do educador**. São Paulo: Ágora, 2012.

_____. **O renascimento do sagrado na educação**: o autoconhecimento na formação do educador. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **Autoconhecimento na formação do educador**. São Paulo: Ágora, 2007.

_____. **Histórias que educam**: conversas sábias com um professor. São Paulo: Ágora, 2002.

_____. **Pedagogia da transgressão**. Um caminho para o autoconhecimento. São Paulo: Ágora, 2011.

FAZENDA, Ivani, Catarina Arantes. (Org.) **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Práxis).

_____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**. Efetividade ou ideologia. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011a.

_____. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. Campinas: Editora Papyrus, 2011b.

_____; VARELLA, R. S. Ana Maria; VALERIO, A. Rosangela. O percurso interdisciplinar em parceria: teoria e encontros. **Casa em Revista: Interdisciplinaridade. Ano 2. Ed. Especial**. São Paulo: Ativa online, novembro de 2010.

_____. REVISTA BRASILEIRA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – **RBFP. ISSN 1984-5332 - Vol. 1, n. 1, p.103-109, Maio/2009a**.

_____. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2009b.

_____. **O que é interdisciplinaridade.** São Paulo: Cortez, 2008a.

_____. (Org.) **Metodologia da pesquisa educacional.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008b. (Biblioteca da Educação, Série I, Escola; v. 11).

_____. (Org.) **Didática e interdisciplinaridade.** São Paulo: Editora Papyrus, 2006.

_____. (Org.) **Novos enfoques da pesquisa educacional.** 5. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Interdisciplinaridade, qual o sentido?** São Paulo: Editora Paulus, 2003.

_____. **Dicionário em construção: Interdisciplinaridade.** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Integração como proposta de uma nova ordem na Educação. **Linguagens, espaços e tempos.** Rio de Janeiro: Editora Agir, 2000.

_____. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria.** São Paulo: Loyola, 1991.

FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa (Aurélio). 2. Ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

FORONI, Yvone Mello D'Alessio. A intencionalidade educativa na turma NB: o saber e o sentir intercultural. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, 2005.

FREIRE, J. B. **De corpo e alma:** o discurso da motricidade humana. São Paulo: Summus, 1991.

GASPARIAN, Maria Cecília Castro. Metáfora. In: FAZENDA, Ivani C. A. (org.). **Dicionário em construção: Interdisciplinaridade.** Ivani C. A. Fazenda (org.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GOSWAMI, A. **Criatividade quântica:** como despertar o nosso potencial criativo. São Paulo: Aleph, 2008.

HOFFMAN, Edward. **A sabedoria de Carl Jung.** São Paulo: Palas Athena, 2005.

KRISHNAMURTI. A educação e o significado da vida, Editora Cultrix, 6ª Ed. São Paulo, 1994.

KOZASA, Elisa. **Meditação frequente faz com que cérebro fique mais atento e funcional.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/saude/meditacao.2013>. Acesso em: 12 set 2013.

LENOIR; REY; FAZENDA. **Les fondements de L'interdisciplinarité dans la formation à L'enseignement.** Canadá, Éditions du CRP/UNESCO, 2001.

LEE, Maria L. **Lian Gong em 18 terapias** - Forjando um corpo saudável. 2. ed. São Paulo: Ed. Pensamento, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas.** Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MURPHY M. & DONAVAN S. **The Physical and Psychological Effects of Meditation.** Inglaterra, 1988.

MIELE, Luiz. O caminho da Harmonia: In: SESC/SP; Núcleo Multidisciplinar de **Saúde Corporal: Respiração: Sopro da vida.** 1999.

MOREIRA, Wagner Wey. (org.). **Corpo presente.** Campinas: Papyrus, 1995.

MORIN, EDGAR. **Entrevistado em MGEN, nº 138. Agosto-setembro, 1991.**

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MOREIRA, Wagner, Wey. **Corpo em movimento na educação infantil.** São Paulo: Cortez, 2012.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PEREIRA, M, V. **A estética da professoralidade. Um estudo interdisciplinar sobre a ambiguidade do professor.** São Paulo, 1997. (Tese de doutoramento. PUC/SP). In: FAZENDA, Ivani C. A. (org.). **Dicionário em construção: Interdisciplinaridade.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PINEAU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida.** Disponível em: <http://www.cetrans.com.br/novo/textos/a-autoformacao-no-decurso-da-vida.pdf>> Acesso em: 15 fev 2013.

_____.As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-
ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p 329-343,
maio/ago. 2006.**

_____. **Temporalidades na formação** – rumo a novos sincronizadores. [Título
Original: Temporatités en Formation]. São Paulo: TRIOM, 2003.

POLANYI, Michel. **The Tacit Dimension**. London: Routledge and Kegan Paul, 1966.
Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Conhecimento_tacito. Acesso em: 08 jun
2013.

ROY, Ana. **Tu me deste um corpo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

NÚCLEO MULTIDISCIPLINAR DE SAÚDE CORPORAL. **Respiração: sopro da
vida**. Revista do SESC (Serviço Social do Comércio São Paulo) 1999.

STRECK, D. R., REDIN, E., ZITKOSKI J. J. (Orgs.). **Dicionário de Paulo Freire**. 2.
ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TAKEUCHI; NONAKA. **Criação do conhecimento na empresa**. Rio de Janeiro:
Campus, 1997.

TOJAL, João Batista Andreotti Gomes. **Motricidade humana: o paradigma
emergente**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

VARELLA, R. S. Ana Maria; In: FAZENDA, I. C. A. O percurso interdisciplinar em
parceria: teoria e encontros. **Casa em Revista: Interdisciplinaridade. Ano 2. Ed.
Especial**. São Paulo: Ativa online, novembro de 2010.

WALLACE, RK. Physiological effects of transcendental meditation. Science 167
(926):1751-4, 1970. Documento Disponível: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Logos>>
Acesso em : 15 jun 2013.